1 9 5 0

MARÇO= N. 9-12



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Nos gramados do Gávea Golf Club, os adeptos deste aristocrático sport encontram um ambiente elegante e acolhedor.

Na manhã de sol — uma partida ganha!... e a recompensa merecida — um delicioso cigarro Hollywood! Fumar Hollywood dá mais realce às horas de lazer... faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial, resultado de seus fumos escolhidos, Hollywood já é uma tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood!

cigarros

Hollywood



uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**



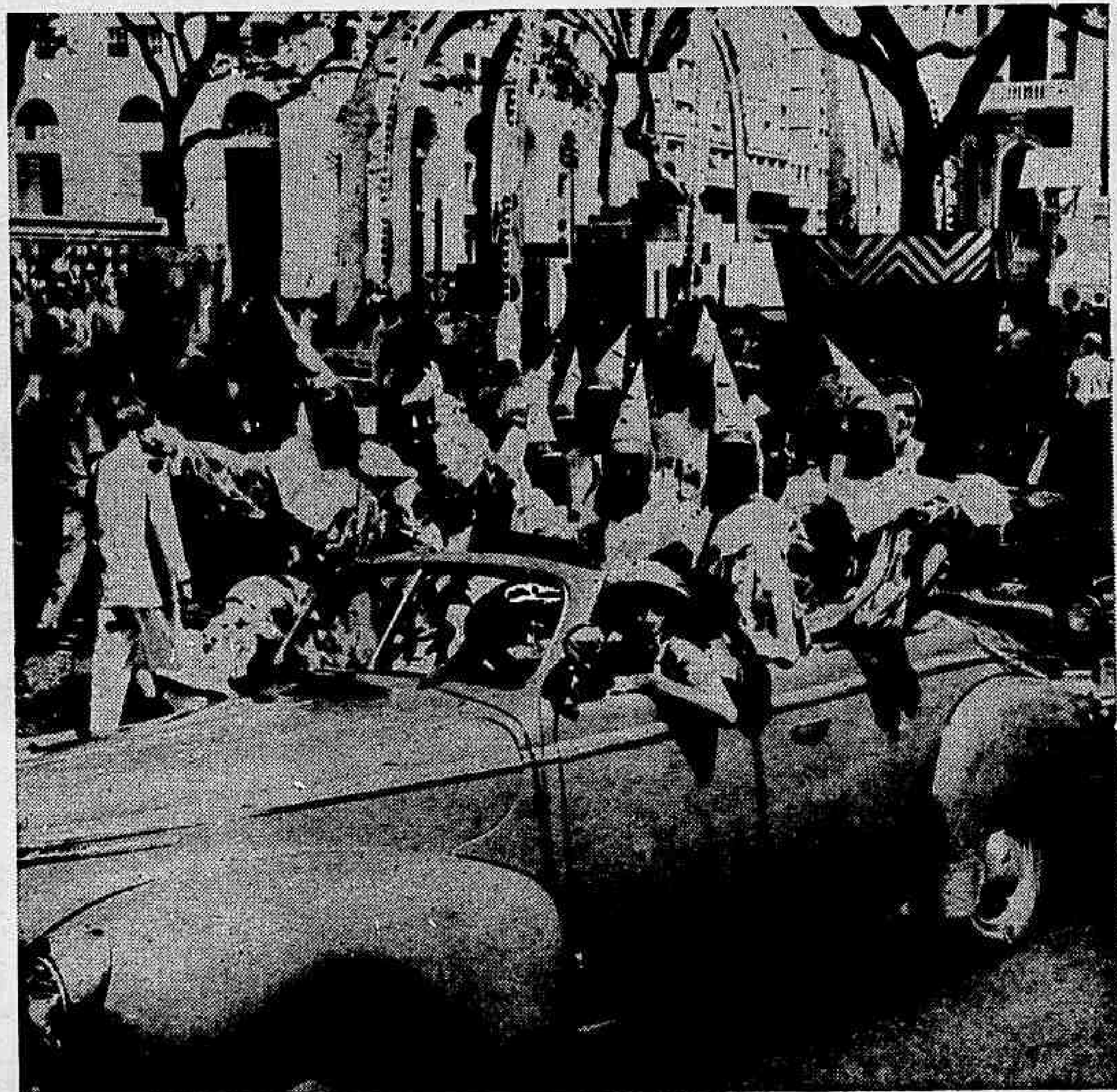
FOI UM CARNAVAL à moda antiga, cheio de entusiasmo e alegria contagiantes. Talvez os mais velhos não se dessem por satisfeitos, mas a nova geração pode dizer nunca ter visto outro igual. O povo aceitou a disposição da Prefeitura enchendo as ruas e avenidas com a sua presença. Muita algazarra, muita cantoria e... poucos acidentes...

CARNAVAL NA RUA

NÃO vai nenhum exagêro quando se proclama a reabilitação do Carnaval Carioca. através do que se verificou êste ano. Aceitando com vontade e entusiasmo a boa disposição das autcridades em promover um Carnaval em grande estilo, capaz de marcar um desmentido formal ao que tanto se afirmava — que a "festa popular por excelência entrara em irreparável declínio" — o povo veio para as ruas e avenidas. decidido a brincar. E brincou, é certo que dispendendo pouco, mas como alegria não se compra com dinheiro, deu-se por satisfeito.

Em outros anos, apenas o Carnaval interno, nos salões das sociedades e clubes mundanos. lograva despertar certo interêsse. Em 1950, foi o que se viu — um desafio aos céticos e uma afirmativa incontestável do espírito folgazão do carioca, tantas vezes injustificado...

Tudo faz crer que no ano vindouro o Carnaval faça robustecer essa nova fase animadcra e se integre. por completo, no ritmo mais alto dos velhos tempos. Mas quem não o conheceu há dez ou quinze anos, certamente há de ter considerado êste de 1950, o maior e mais animado de todos os tempos.



VOLTARAM AS MÁSCARAS

Por muito tempo o Carnaval primou pela ausência das máscaras. Êste ano elas voltaram, e houve mesmo uma tentativa para a ressurreição do corso na Avenida Rio Branco



ENTUSIASMO

"Brotinhos" do sexo forte, competindo com "nêgas malucas", apareceram em profusão. Êsses Neros falsificados quiseram improvisar um nôvo reinado: o reinado da Loucura



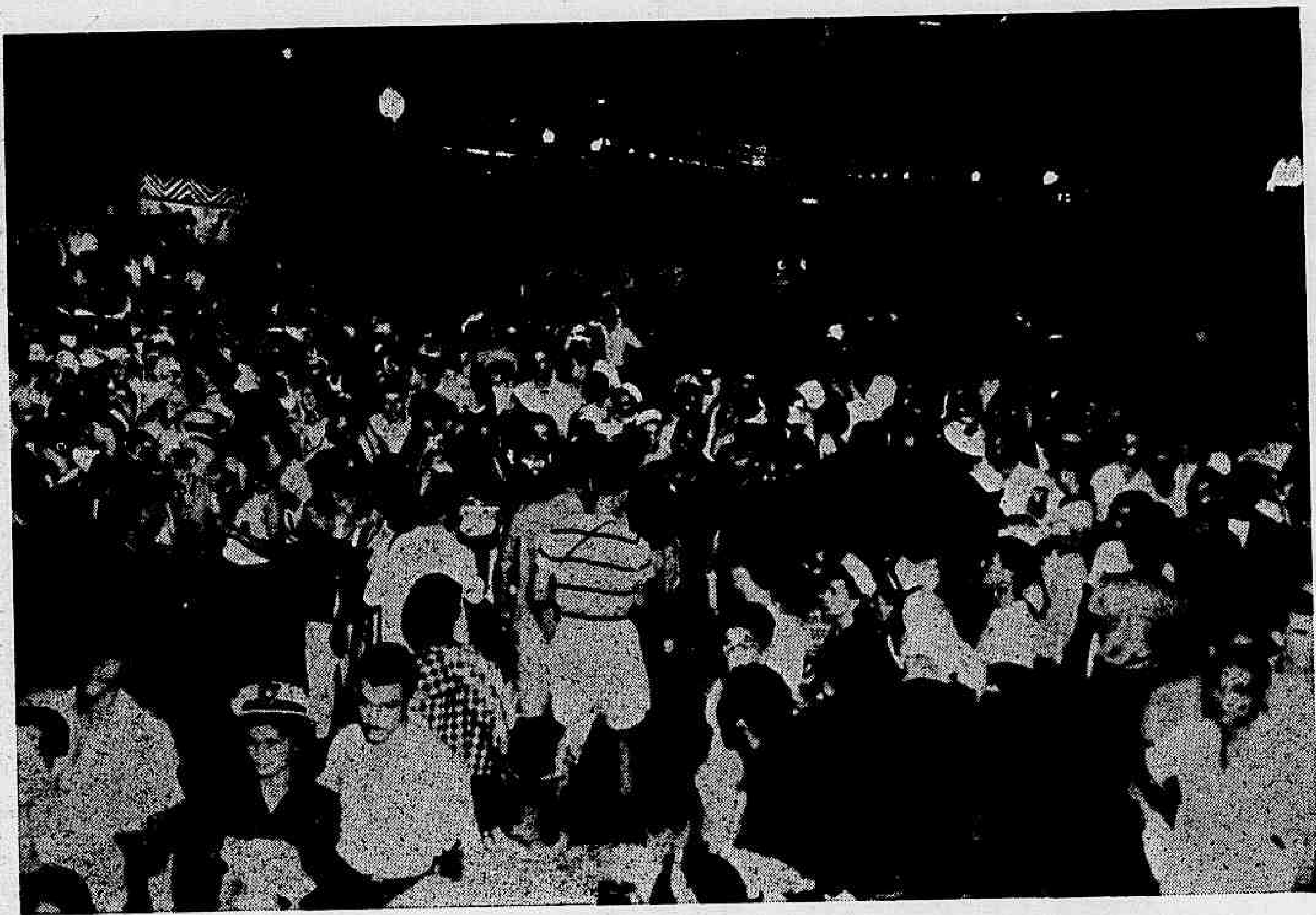
BAIANAS DA PRAÇA ONZE

Elas vão nesse passo gingado, molemente, ritmado e batido, do morro à Avenida, da Avenida a Madureira. São baianas da Praça Onze. Poucos conhecem, de perto as ladeiras de Salvador. Muita seda, muitos colares e... cadência...



MORCEGOS...

Reapareceram as fantasias com máscaras. Apesar do calor, êles suportavam, noite e dia, essa indumentária...



MESMO QUE CHOVA!

A chuva quis pregar uma partida aos foliões; alguns saíram com guarda-chuva. Na hora do temporal os precavidos gozaram a imprevidência dos outros. Mas a chuva passou e a terça-feira foi um amor de tempo... e Viva a Folia!...



"— VAI QUERER?"

Ésse carregador deu a nota cômica do carnaval, empurrando o seu "burro-sem-rabo". E não faltou serviço...



"... NÃO E' DE OURO NEM DE PRATA..."

A Corôa do Rei foi uma das grandes sensações musicais. Os grupos improvisados ou não, cantavam: "Eu também já usei e sei que ela é de lata " E os foliões tocavam para a frente.. Éste ano, a influência da rumba foi grande...



QUE BICHO E' ÊSSE?

Talvez êle próprio não soubesse explicar. Queria se divertir na maior incógnita e convenhamos que conseguiu



DEVOTA RENITENTE DO SENHOR DO BONFIM, BAIANA DE QUALIDADE, ELA CARREGAVA A IGREJINHA DO SANTO MILAGROSO À CABEÇA. TERIA SIDO PROMESSA?



ALEGRIA DAS RUAS

O desfile dos ranchos foi outra grande atração do Carnaval que findou. As pequenas sociedades receberam calorosos aplausos do povo como tributo ao seu esfôrço. Em baixo, frente à Galeria Cruzeiro, o povo, alegre, se diverte





À MODA ANTIGA

Competindo com as fantasias atuais, reapontaram as antigas: diabinhos, morcegos, pierrots e colombinas...

Nossa reportagem, abrangendo todos os setores foliões da metrópole, recolheu farto material que se estende por muitas páginas desta edição. Flagrantes do carnaval na rua, nos salões mundanos, nos clubes carnavalescos, do desfile dos grandes préstitos, e nos bailes de maior relêvo inclusive o de gala, no Municipal, são apresentados neste número. Mas foi tão abundante êsse serviço fotográfico que impossível se tornou resumi-lo em uma única edição, sob o risco de prejudicar o relêvo dessas ilustrações. Continuaremos, portanto, no próximo número, a publicação dêsse serviço, que ficará sendo o mais completo, numa resenha documentária e ilustrativa perfeita, do grande acontecimento popular dêste início de ano. Dado a antecedência com que é confeccionada uma publicação no gênero da REVISTA DA SEMANA, só assim nos facultamos a viabilidade de satisfazer por completo à justa curiosidade do público.

Mas o que se apresenta neste número vale por uma expressiva afirmação fotográfica do que foi o Carnaval Carioca êste ano. Desde a ornamentação dos logradouros públicos, particularmente nas avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, Praça Onze e imediações, até à espetacular realização dos grandes bailes, tudo serviu para atestar bem alto o senso de contrôle da gente carioca e a sua privilegiada condição de adeptos de Momo, sabendo divertir-se, divertindo terceiros, em clima de absoluta cordialidade e muita harmonia. Foi, assim, o Carnaval de 1950, acima de tudo, uma vitória do povo carioca.

MAIS PALHAÇOS

Êles saltavam, cabriolando, num desafio à melancolia dos que não acreditavam na ressurreição do carnaval carioca



a Semana EM REVISTA

REVISTA DA SEMANA
ANO XLIX ★ Nº 9 ★ 4-3-50

CHEGA UMA RAINHA



Embora sejamos, aqui no Brasil e em todos os demais países da América, essencialmente republicanos, vivendo sob regime do barrete frígio, não nos descuidamos de render nossas homenagens às soberanas Rainhas. De quando em quando, e especialmente no período pre-carnavalesco, agitam-se os eleitores e elevam ao trono suas Rainhas. Há Rainha para tudo: Rainha do Carnaval, dos Empregados no Comércio, dos Cronistas, da Imprensa, do Frevo, dos Estudantes, etc. As eleições atingem enorme interêsse entre os súditos de Suas Majestades, que, para distribuição de outras honrarias, arrastam em tôrno às suas figuras delicadas a coorte de Princesas. O fenômeno é tão curioso que, antes de termos Cinema Nacional, já elegemos a Rainha do mesmo. E' como se um povo antes de existir já elegesse ou proclamasse sua Rainha. Mas isso é também um consôlo. Se argumentam que o nosso Cinema ainda está no embrião, podemos responder sisudamente que tal coisa é verdade, mas em compensação já demos grande passo para a sua realização: temos a sua Rainha. Êsse gôsto pelas Rainhas e Princesas não é sòmente nosso. Agora mesmo chegou do estrangeiro uma rainha, e lindíssima. Chama-se Maria Ivone Figueiroa Nunes, Rainha da Primavera do Chile. Sua Majestade veio assistir aos festejos do Carnaval carioca, rico em Soberanas e com uma guerra fria e surda entre dois testas coroadas: S. M. o Rei Momo I e Único e o Rei Momo II. Um é mais ou menos magro e sem cara de Rei de Carnaval; o outro é gordão, face enxundiosa e engraçada, enxundioso como qualquer rei da Idade Média, indolente e amigo dos seus súditos. Para evitar complicações internacionais, aconselhamos S. M. a Rainha do Chile que não aceite cortezanias de nenhum dos dois...

OSWALDO CRUZ



Possui êste país nomes de glória imortal, ultrapassando os limites de nossas fronteiras e espraiando-se pelos países mais civilizados dêste e de outros continentes. Um dêles é o de Osvaldo Cruz, médico e sábio, cientistas dos mais festejados, sanitarista inspirado nos deveres humanos na defesa da espécie. Osvaldo Cruz morreu faz agora 33 anos. Foi êle o criador da Medicina Experimental no Brasil. A êle deve o Rio de Janeiro sua libertação das garras das endemias mais perigosas, como a varíola, a febre amarela, agentes da morte que dizimavam, anualmente, centenas de pessoas e mantinham o Rio como "pôrto sujo". O labéu que pesava sôbre esta cidade era de entristecer o coração dos patriotas. No estrangeiro, quando se falava no Rio, todo mundo se arrepiava. Rio de Janeiro era sinônimo de peste, de sujeira, de imundície, de falta de higiene, de calamidade. O presidente Rodrigues Alves chamou Osvaldo Cruz ao seu gabinete e lhe entregou a defesa da cidade. Era preciso acabar com a podridão do Rio. O higienista pediu apenas garantias para sua vida e crédito para libertar a cidade. E a batalha começou. Para acabar com a varíola, foi decretada a vacina obrigatória. Para liquidar com a febre amarela, iniciou-se a derrubada dos pardieiros, a morte dos ratos, a abertura de ruas e avenidas. Como era de esperar, Osvaldo Cruz foi combatido, ridicularizado, ameaçado, vaiado pela ignorância. Prestigiado pelo govêrno e pelo prefeito, chegou ao fim. Venceu. Êsse homem é um herói nacional. Mas está esquecido. "Les morts vont vite". Na passagem de sua morte, no 33.º aniversário de seu falecimento, ninguém se lembrou dêle, do soldado da Higiene, do libertador do povo carioca.

A CONSTITUIÇÃO DA ÍNDIA



E' a Constituição da Índia, talvez, a mais nova dentre tôdas as nações soberanas. Acaba de entrar em vigor, por entre as mais estrondosas demonstrações de alegria do povo. Mas o que talvez nenhuma outra contenha é um dispositivo de proteção a animais. Pois a Constituição indiana proíbe, terminantemente, que se matem as vacas. Bois, cabras, galinhas, qualquer outro animal, pode ser abatido. Vaca, de maneira alguma. Perguntaram a um dos legisladores e constituintes qual o motivo dessa proteção para as vacas. A resposta foi clara e satisfatória: o país precisa proteger o gado vacum e, se vamos matar vacas, como poderemos conseguir bezerros para a renovação do gado? Isso foi a resposta do constituinte de Nova Delhi; mas, na verdade, a coisa é muito diferente. Na Índia a vaca é considerada como animal sagrado. E' crime público e de caráter religioso matar animais dessa espécie. O povo indiano acredita que em cada vaca há uma criatura humana reencarnada. Podendo ser êsse espírito o de um desconhecido, como também o de um parente próximo, pai, mãe, irmão, etc., todos respeitam as vacas, por via das dúvidas. Matar um dêsses animais seria o mesmo que estar matando o irmão, a mãe, o neto... Daí o preceito constitucional. Não sòmente pela tradição milenária como pela lei básica, fica proibido abater vacas. A providência tem outra virtude: evitar que os indianos que vão aos açougues do país comprem gato por lebre, isto é, carne de boi velho por filé de vaca. Lá não se dirá: carne de vaca, sendo de boi cansado e desiludido, como aqui...

TECIDOS DE MILHO



Todos sabemos que os Estados Unidos são os maiores produtores de algodão do mundo. Suas safras, às vêzes, atingem tal elevação de nível que o govêrno aplica aquela política do nosso em relação ao café: queima os excessos para manter os preços. Pois bem; chega-nos agora, de Biloxi, no Mississipi, Estados Unidos da América do Norte, esta curiosa novidade: o sr. Frank L. Teuton, chefe da Divisão de Informações da Seção de Química Agro-Industrial do Departamento de Agricultura, informou que cientistas dêsse organismo estabeleceram processos para fazer tecidos com milho, tendo sido a fórmula vendida a um fabricante que está produzindo tecidos com essa matéria, seja simples ou em combinação com a lã ou "rayon". Ora vejam! Até agora o milho produziu sempre suas espigas com fins determinados. Alimentação de homens e bichos, cru, cozido ou assado, o milho tôda vida serviu para o nosso estômago necessitado de suas vitaminas e do teor de ferro que encerra. No nordeste do Brasil, a glória do milho verde é comemorada de maio a julho, celebrando-se as festas de S. João com as mais saborosas cangicas, os munguzás, as pamonhas, o milho assado nas brasas das fogueiras votivas. O angu de caroço, o milho cozido nas palhas verdes, o cuscus com leite — tudo isso é uma festa perene. Plantado entre duas carreiras de algodão, o milho cresce e, em três meses, começa a ser aproveitado para a alimentação do homem e sua família. Mas agora o milho invade a seara do algodão, da lã e do linho, do carrapicho e do caroá... Vamos passar a usar roupa de milho e comer cangica de algodão...

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1748, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A PERSONAGEM DA SEMANA



Jorge VI, rei da Inglaterra

O mais importante acontecimento de âmbito mundial ocorrido na semana que findou foi, sem nenhuma dúvida, a renovação da Câmara dos Comuns da Inglaterra, para, de seus resultados definitivos, ser nomeado pelo rei, o "premier" britânico.

Com um eleitorado que orça pela casa dos 30 milhões, a Grã-Bretanha se mobilizou entusiàsticamente para decidir a qual dos seus dois maiores partidos políticos — o Conservador e o Trabalhista — caberia a alta honra de dirigir os destinos do país no quinquênio de 1950 a 1955. A grande batalha das urnas se travou em ambiente de absoluta paz, de total compreensão democrática daquele grande povo de elevada educação político-partidária, não se registrando qualquer perturbação da ordem interna.

Tôda a família real se manteve com o "dial" de seus aparelhos de rádio ligados à B.B.C. de cujos estúdios eram irradiados os resultados que iam sendo conhecidos nas diversas regiões do país, o que mostra o quanto a coroa inglêsa se interessa pelos problemas do govêrno nacional. Nós, no Brasil, que fazemos parte da grande família humana dos observadores e assistentes dêsses episódios do mundo contemporâneo, acompanhamos o desenrolar do prélio e não podemos deixar de ressaltar a pessoa do rei da Inglaterra, S. M. Jorge VI, como a figura máxima dêsse equilíbrio político e social da Grã-Bretanha, o soberano que tem a felicidade de ser o chefe supremo de um povo eminentemente politizado e de tantas tradições de verdadeira democracia.

O soberano inglês, entregando ao *veredictum* das urnas eleitorais o direito de escolher o seu primeiro ministro e de eleger o seu Parlamento, se abstém por completo de entrar na liça, mantendo-se absolutamente neutro e equidistante das facções que medem fôrças, embora se interesse vivamente, com todos os membros da Casa Real, pelo desenrolar da batalha cívica e seus resultados definitivos. Tendo sucedido ao seu irmão, rei Eduardo VIII, ao trono inglês em 1936, sob o nome de Jorge VI, com 41 anos de idade, êsse rei de uma das maiores nações do mundo não quebrou as tradições de sua terra e de sua gente, mantendo-se fiel à velha política britânica de absoluto respeito à vontade das urnas.

Sabe Sua Majestade que os programas de govêrno entre os dois grandes partidos que se defrontam são diferentes e mesmo antagônicos. Um, luta pela manutenção da tradicional política social e econômica nacional, enquanto o outro pende para o socialismo, a nacionalização dos meios de produção, provocando abalos na economia interna; mas o rei não intervém, não dá palpites, não insinua. Que os eleitores, na plenitude de sua liberdade de votar, escolham os seus dirigentes. O que vencer governará o país com o respeito da coroa.

Jorge VI é, pois, a figura de realce dêsse panorama.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de v ntre e esqueceu se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa alguns vidros de Ventre-Livre

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com JARBAS DE FREITAS GALVÃO

R. Brigadeiro Tobias, 613, 2.° and. - Sala 217 - Fone: 6-6718

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O SÍMBOLO QUE REPRESENTAVA O EVANGELISTA S. MARCOS NA IDADE MÉDIA:
— Um leão?
— Uma águia?
— Um touro?

2 QUE QUER DIZER MESOCRACIA:
— Sistema político da "Mesa Redonda"?
— Govêrno da classe média?
— Poder do filho mais velho?

3 EM QUE ANO FOI DESCOBERTO O RIO S. FRANCISCO:
— 1501?
— 1505?
— 1600?

4 QUE SIGNIFICA INÚBIA:
— Arma dos índios?
— Árvore do Ceará?
— Espécie de busina dos nossos selvagens?

5 COMO SE CHAMAVA O FUNDADOR DA CIDADE MINEIRA DE AIURUOCA:
— Domingos Jorge Velho?
— Fernão Dias Pais?
— Simão da Cunha Gago?

6 DE QUE FORMA SE OBTÉM O SALGEMA:
— De água do mar?
— De minas subterrâneas?
— Do acetato de chumbo cristalizado?

7 QUEM FOI SERPA PINTO, NOME TÃO HOMENAGEADO PELO GOVÊRNO PORTUGUÊS:
— Bravo explorador e militar lusitano?
— Famoso cientista português?
— Diplomata e político do século XIX?

8 PARA QUE SERVE O SISMÓGRAFO:
— Medir a umidade do ar?
— Gravar música em discos?
— Registrar hora, duração e amplitude de tremores da terra?

9 QUAL A DIFERENÇA DE TEMPO ENTRE O RIO E MANAUS:
— Uma hora?
— 30 minutos?
— Hora e meia?

10 COMO SE CHAMA AO INDIVÍDUO QUE COSTUMA FALAR DORMINDO:
— Sonâmbulo?
— Sonîloquo?
— Medium?

11 QUAL O MAR QUE NÃO TEM PEIXES:
— O de Mármara?
— O de Aral?
— O mar Morto?

12 QUE SIGNIFICA ESCOVILHA:
— Uma pequena escôva?
— Janelas de camarotes de navio?
— Resíduos de ouro ou prata?

13 OS HERÓIS ROMANOS ERAM DISTINGUIDOS COM:
— Coroa de fôlhas de loureiro?
— De flores silvestres?
— De prata?

14 QUE NOME TINHAM OS CRIADOS QUE SERVIAM NAS CARRUAGENS:
— Estribeiro?
— Escotilheiro?
— Trintanário?

15 LUIS MURAT OCUPOU NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS:
— A cadeira número um?
— A número vinte?
— A número oito?

16 A QUEM SE DEVE A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO TRECHO DO CANAL DO MANGUE:
— A D. João VI?
— A Paulo de Frontin?
— Ao Barão de Mauá?

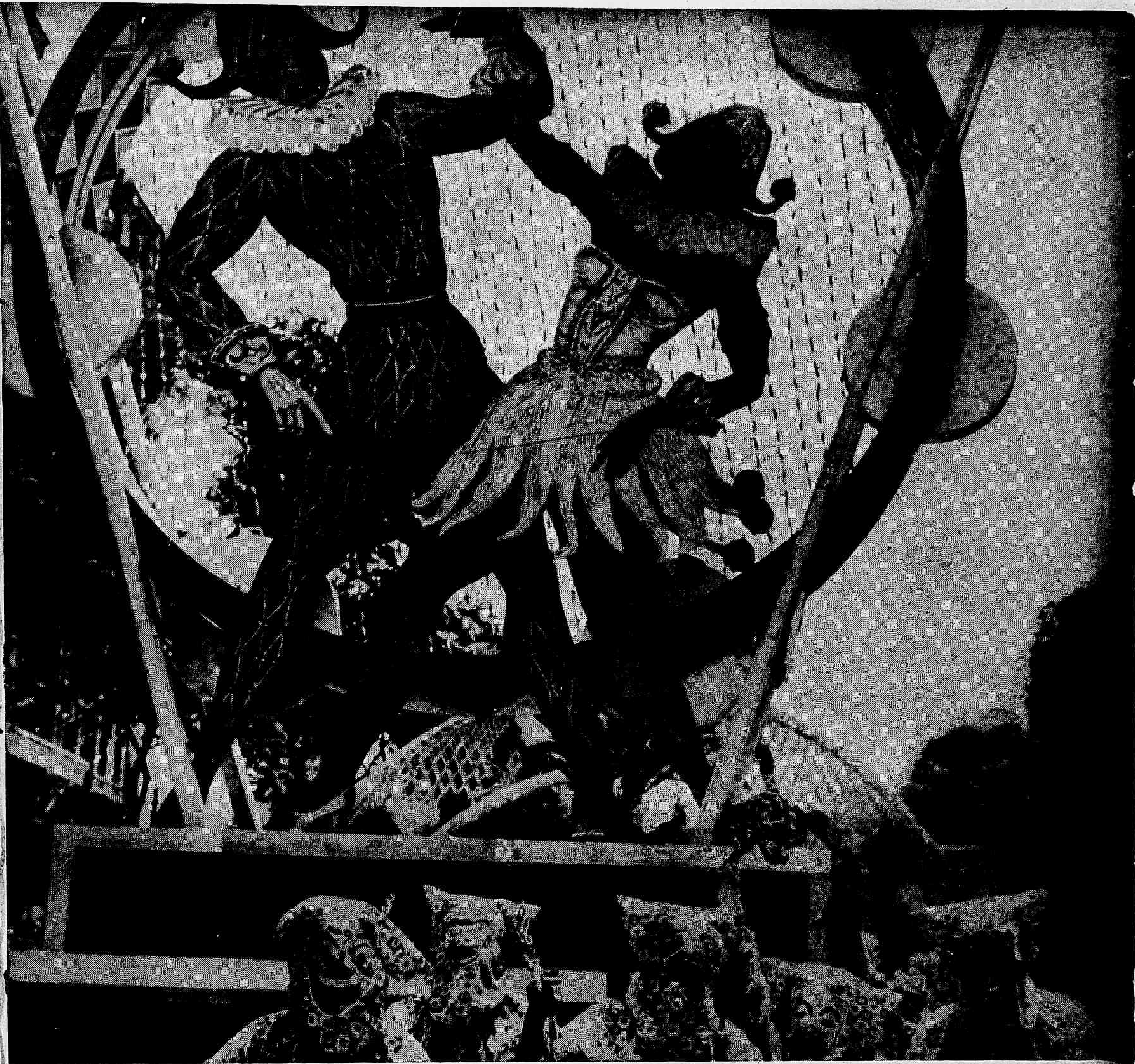
17 DE QUANDO DATA A FUNDAÇÃO DO CLUBE MILITAR DO RIO:
— 26/ 6/1887?
— 15/11/1891?
— 21/ 4/1900?

18 COMO CHAMAVAM AO ATUAL BAIRRO DE IPANEMA, QUANDO COMEÇOU A SER CONSTRUIDO:
— Cidade atlântica?
— Vila Ipanema?
— Nova Biarritz?

19 QUANTOS QUILÔMETROS TEM A BAIA DE GUANABARA EM SUA MAIOR LARGURA, DO MERITI AO MACACU:
— Vinte e um?
— Vinte e oito?
— Trinta e dois?

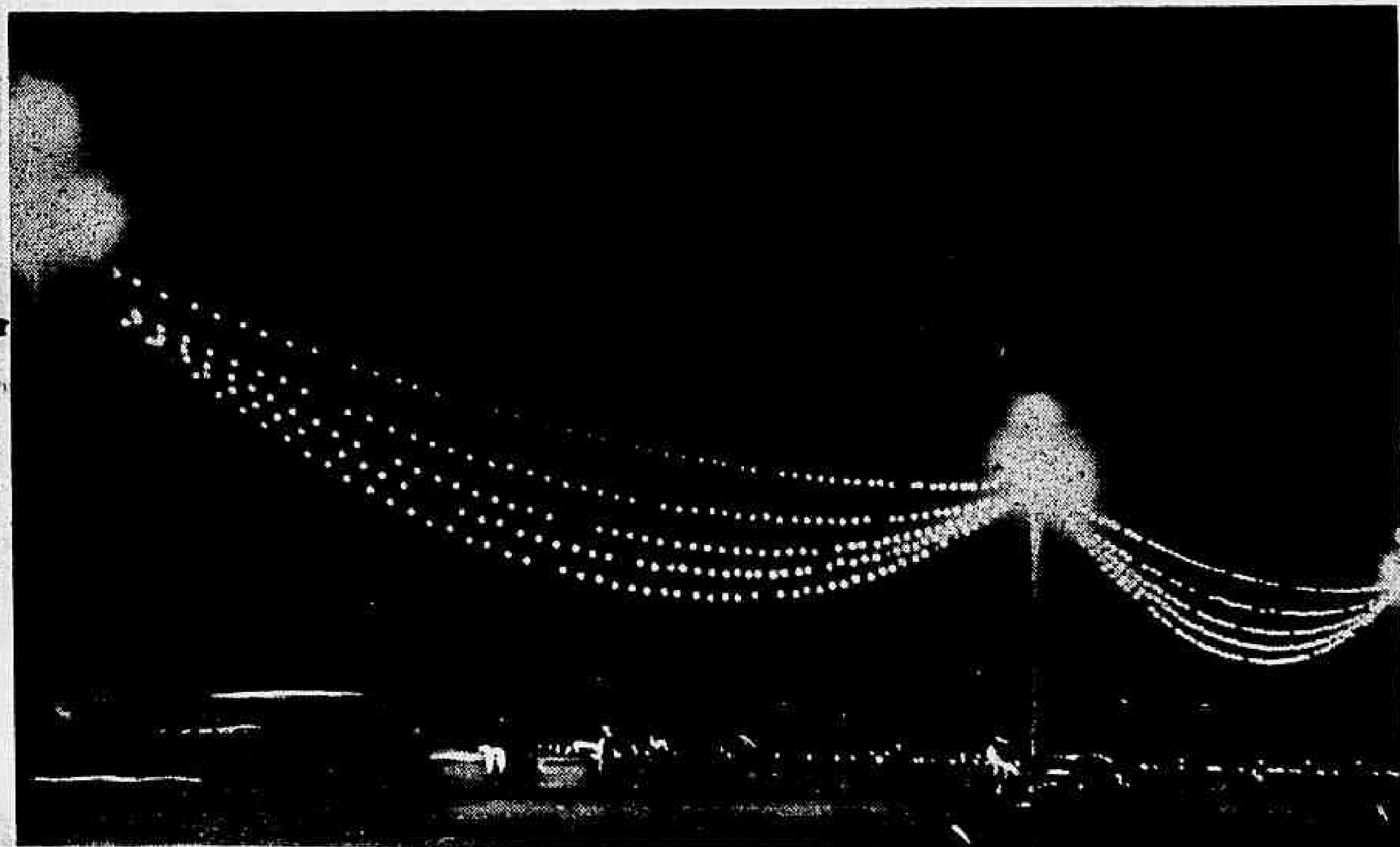
20 O NOME DE PETRÓPOLIS FOI DADO EM HOMENAGEM A:
— Pedro I?
— Pedro II?
— Ou em virtude da grande quantidade de pedra nos arredores?

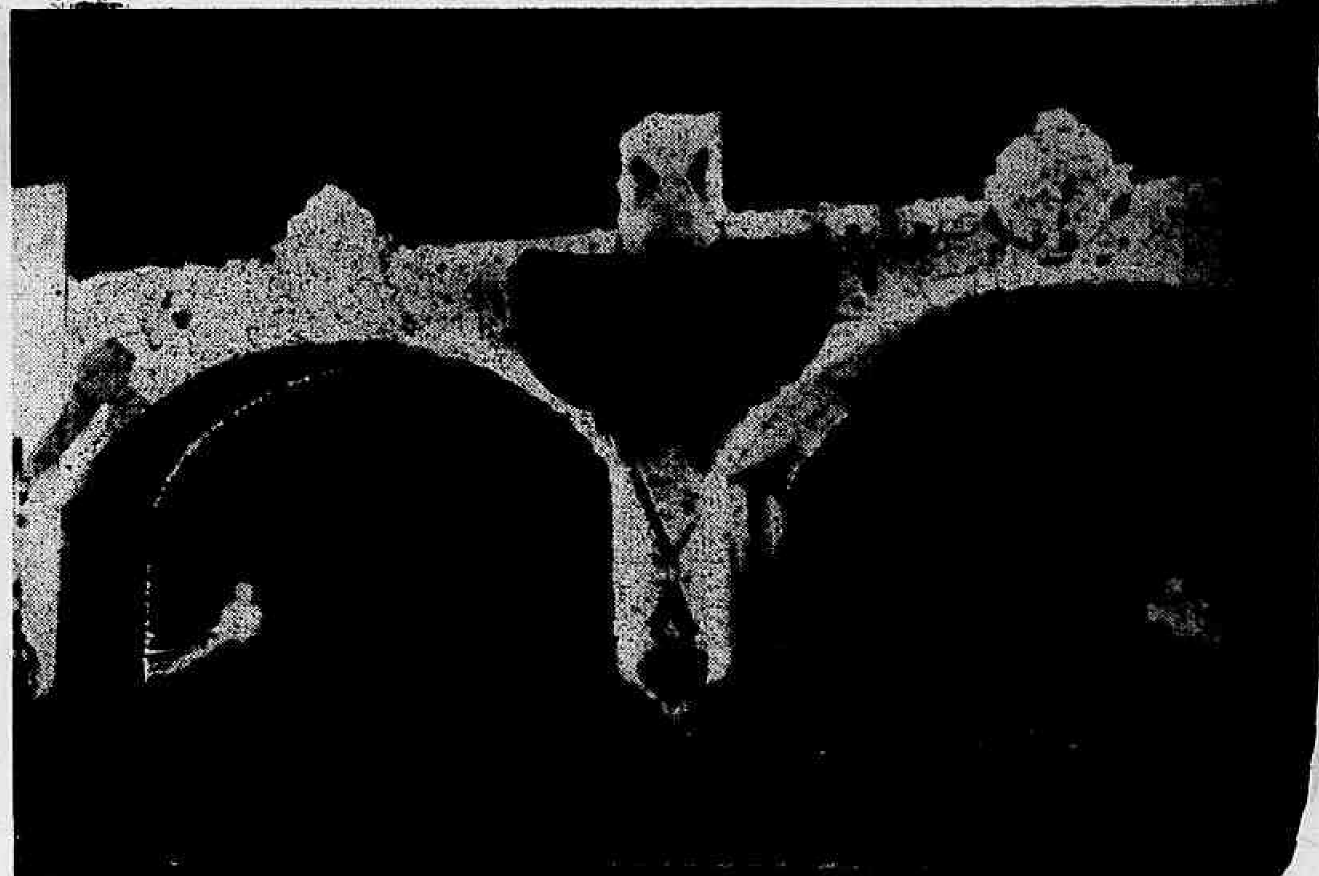
(Respostas na página 58)

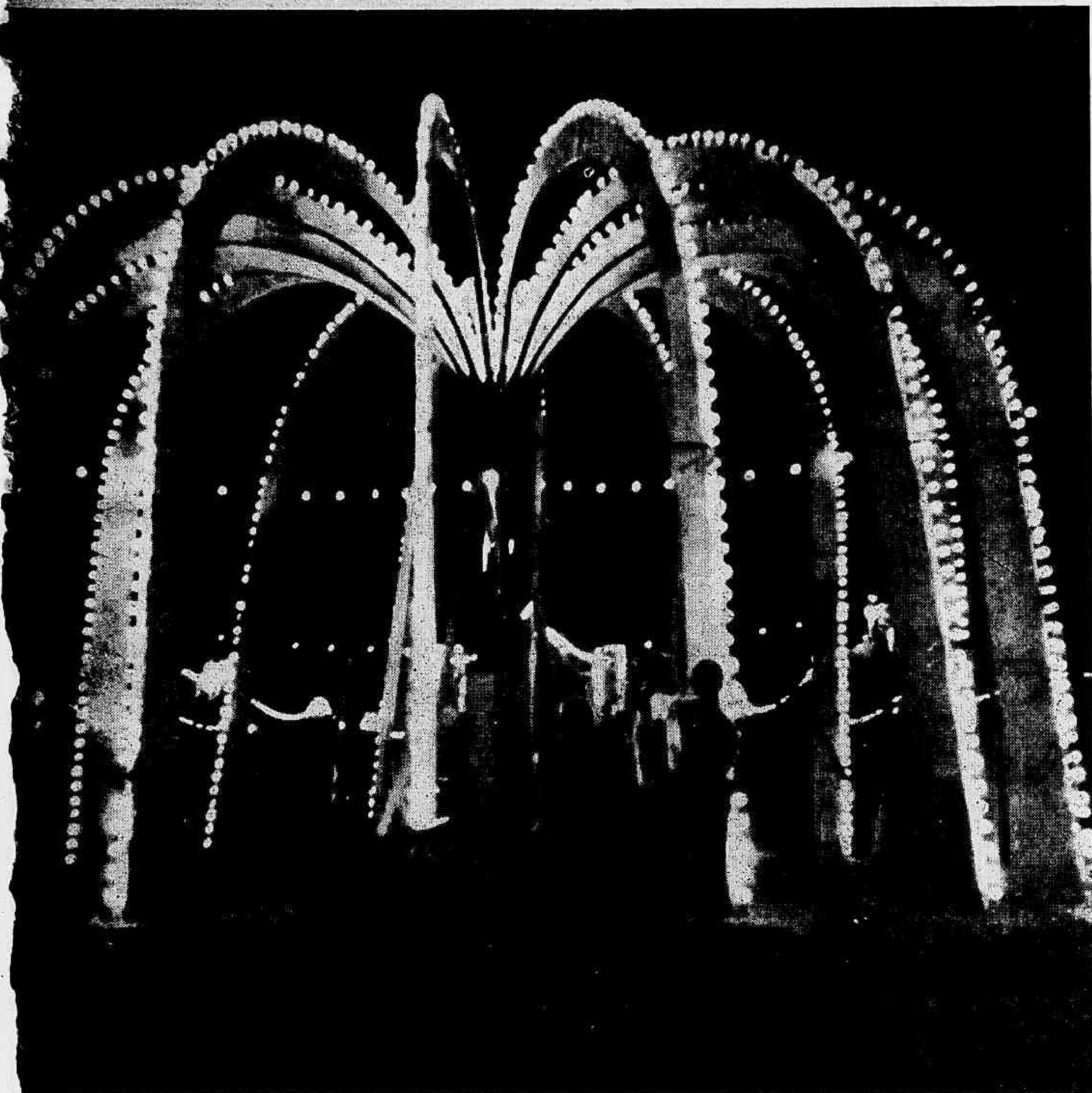


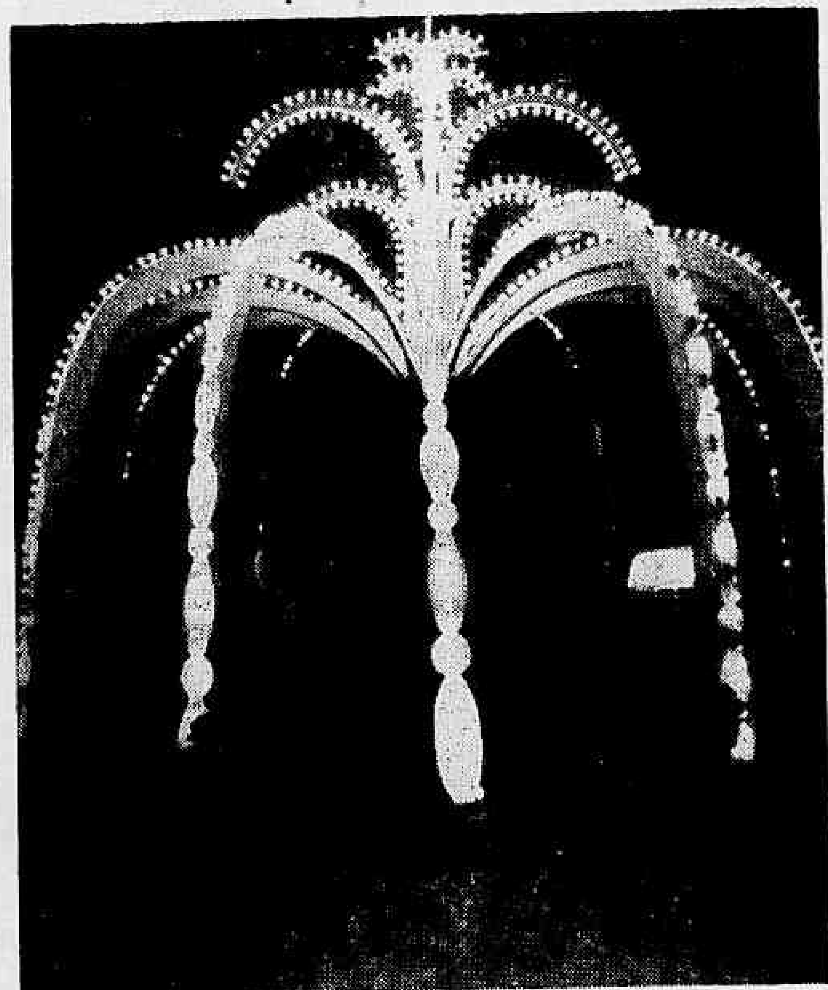
A ornamentação da cidade, pela primeira vez, registrou um sucesso. Não houve falhas. As figuras foram desenhadas por artistas que sabiam dar ao público um serviço bem acabado, e de bonito efeito. À luz solar, a Avenida mostrava-se colorida, festiva, engalanada. À noite era o que se vê abaixo, em aspectos recolhidos na Avenida Beira-Mar

ORGIA DE LUZES









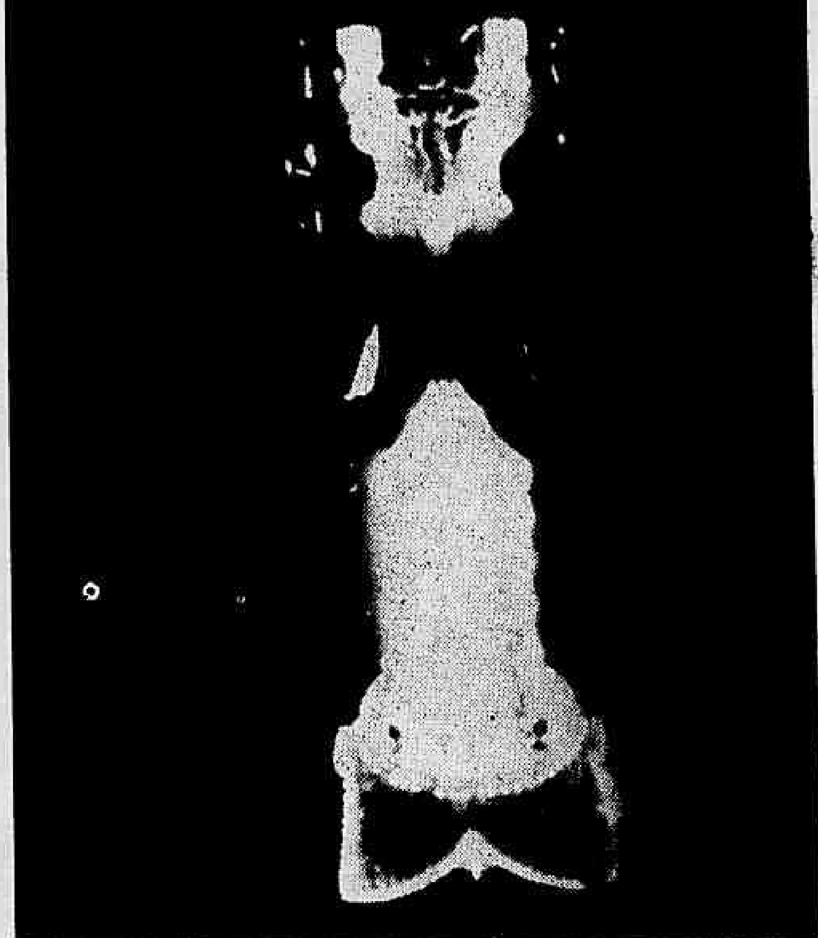
NA CINELÂNDIA

Em frente ao Municipal, a magia das luzes atingia deslumbrantes efeitos. Colares de pérolas, cascatas luminosas, jorrando côres em reverberações inesquecíveis!



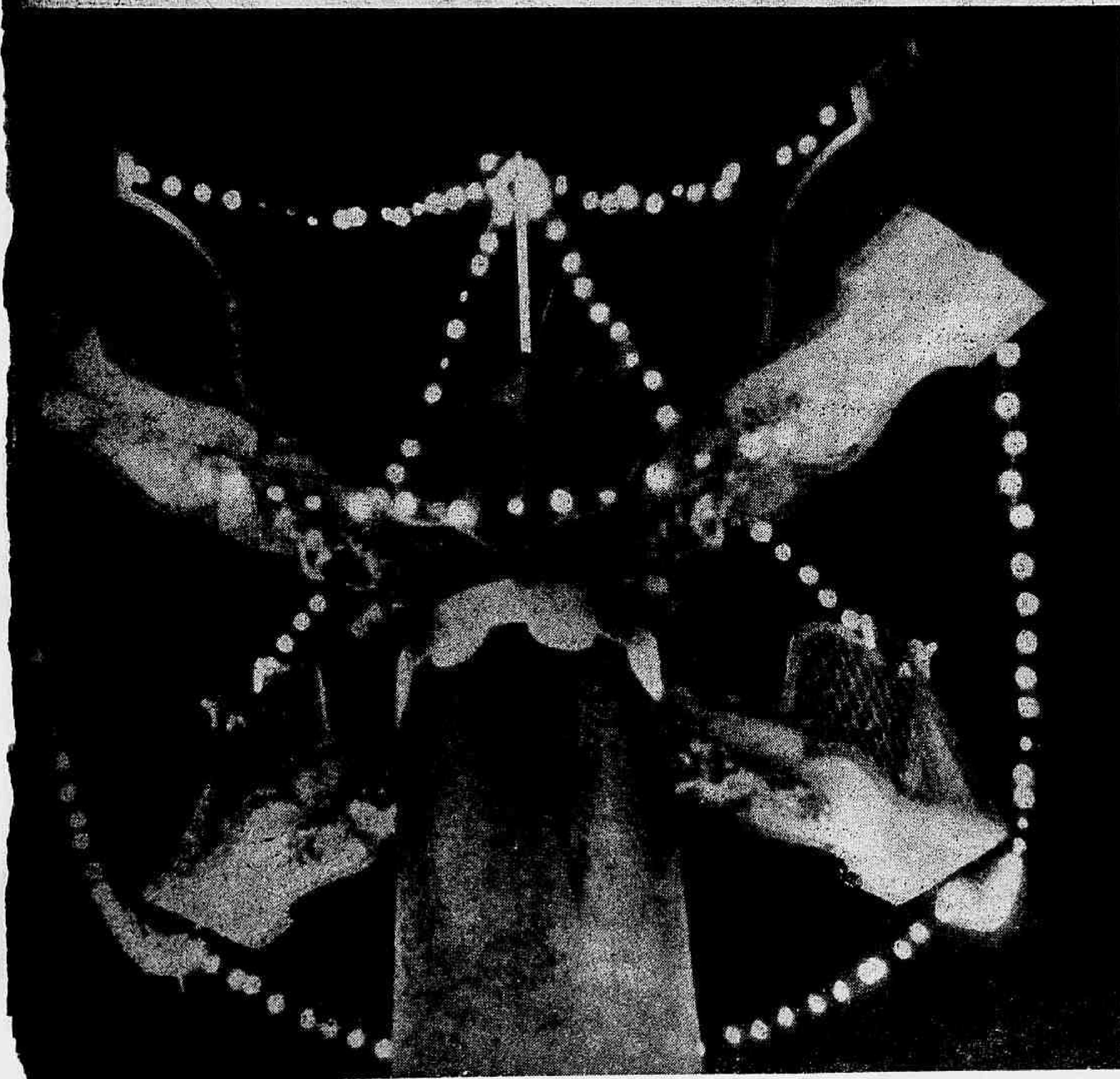
NA PRAÇA ONZE

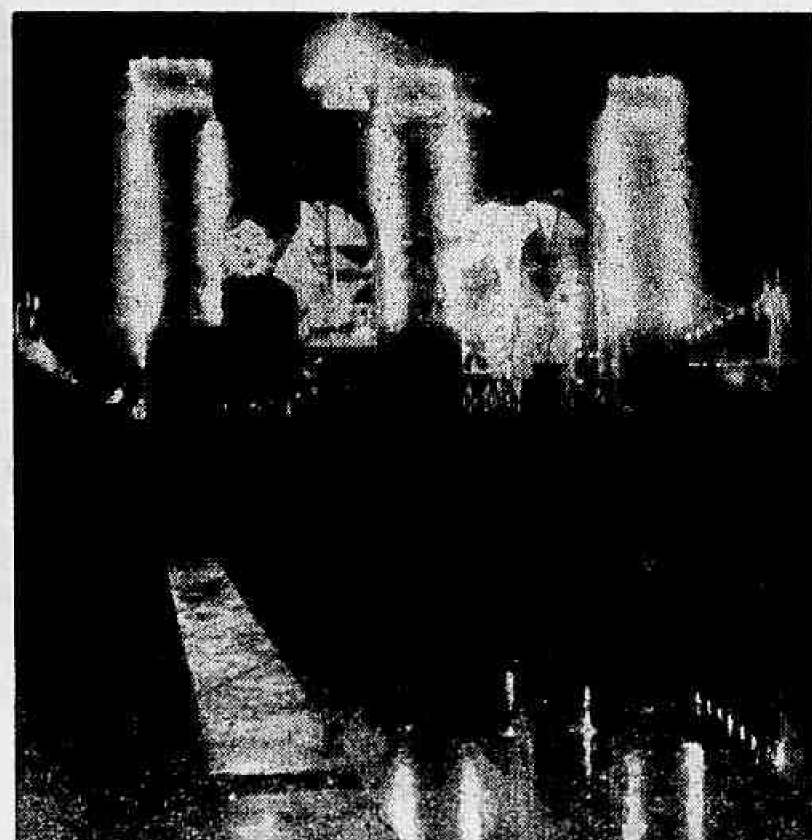
O adjetivo — maravilhoso — não é exagerado para traduzir o deslumbramento da iluminação da cidade. Aqui está um aspecto da Praça Onze, reduto do samba e dos desfiles de ranchos. Êsses efeitos eram giratórios, continuados

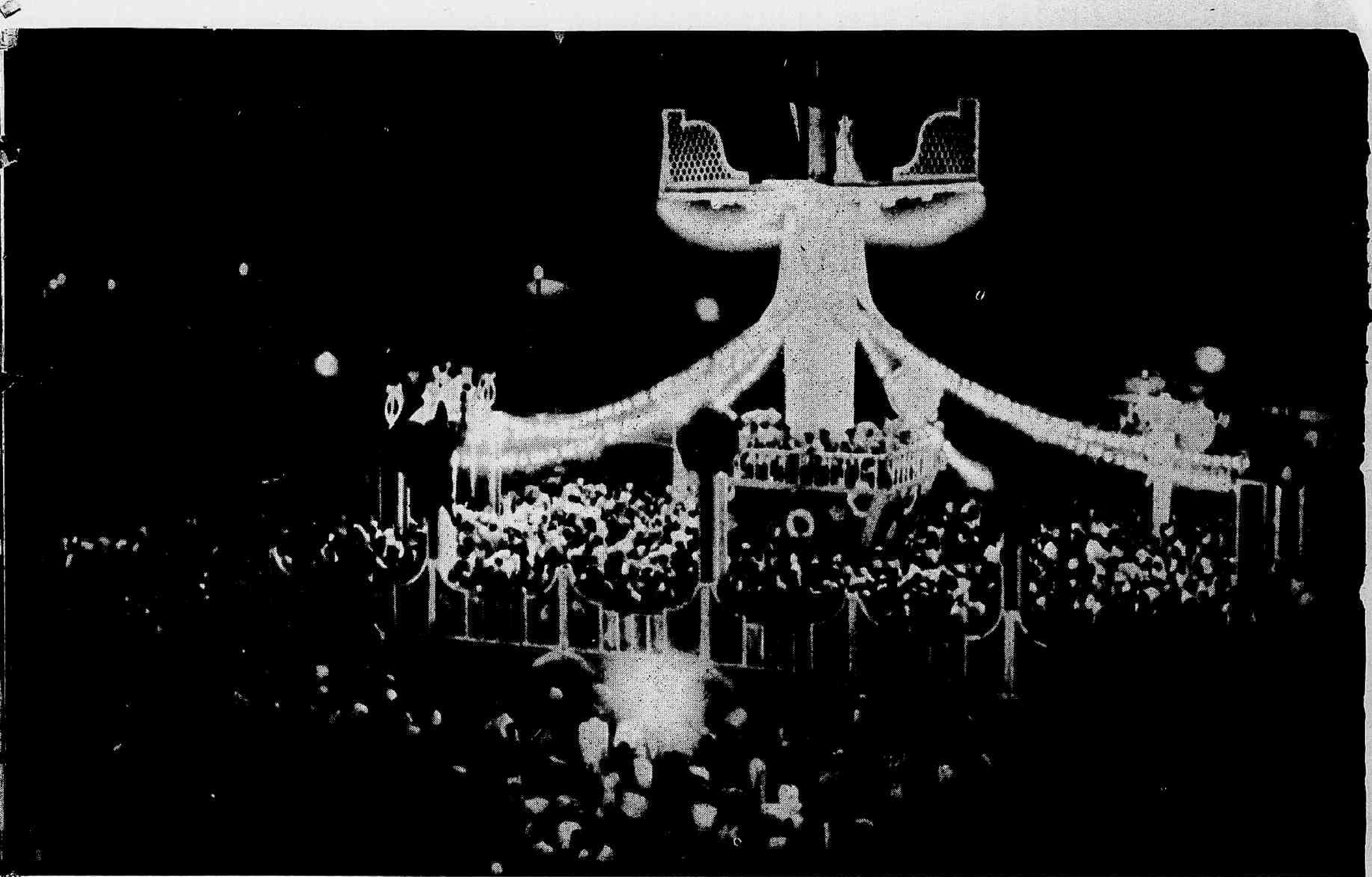


NO OBELISCO

Ao alto, a figura de Momo no obelisco da Avenida. A esquerda, as colunas da Avenida movimentadas pelo vento. Em baixo, aspecto da Praça Onze vista do Mangue

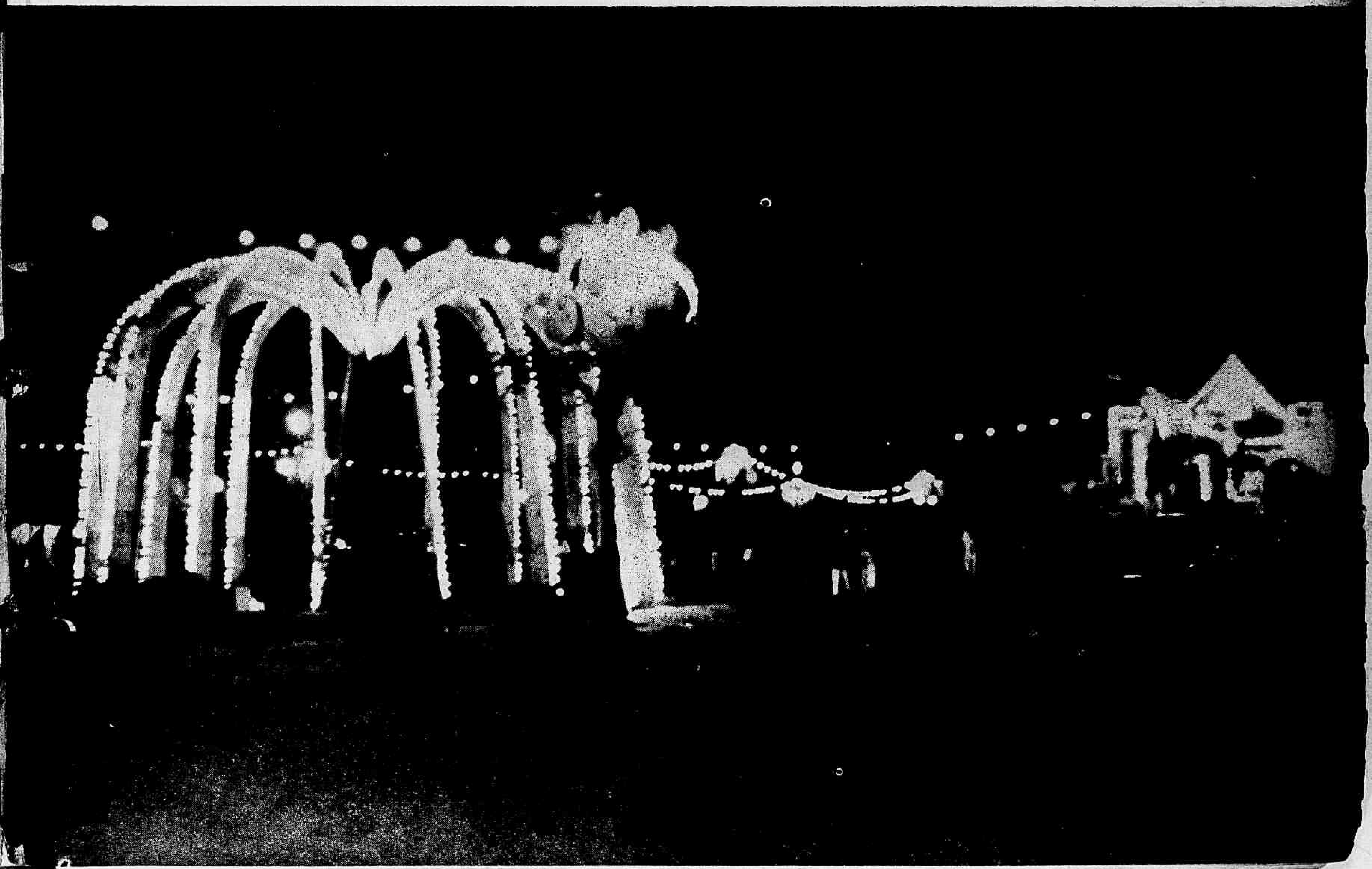


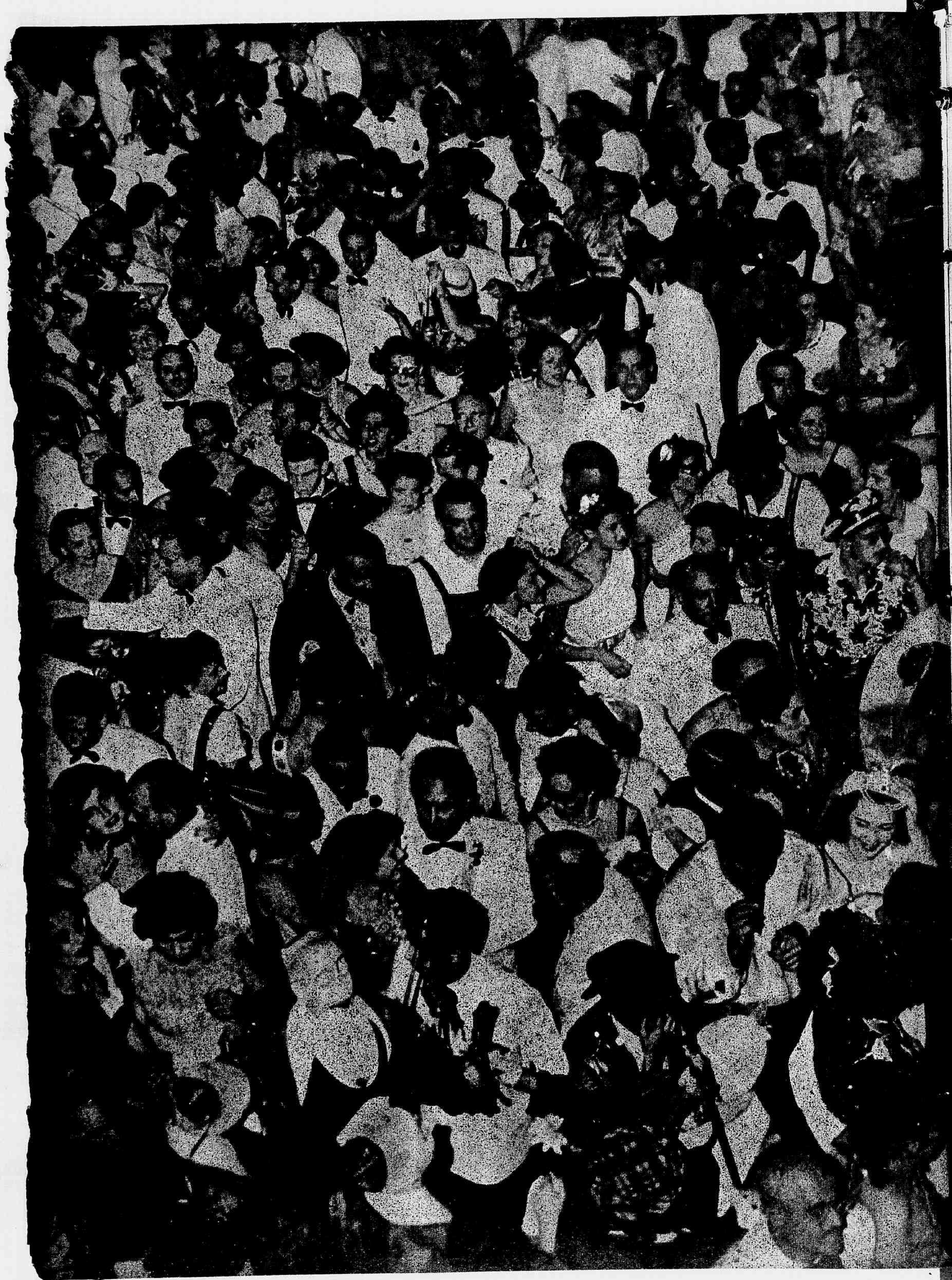




NO LARGO DA CARIOCA

Também o Largo da Carioca foi distinguido com um palanque, onde os foliões podiam dançar, à tarde e à noite, enquanto os alto-falantes animavam o ambiente com as músicas de sucesso. E' justo reconhecer que nunca a cidade foi tão feericamente iluminada. Em baixo, outro flagrante da Praça Onze, obtido antes dos festejos, no sábado gordo







Na página ao lado, o salão do Teatro Municipal quando o baile atingia um ponto alto de entusiasmo. Em cima, grupo de foliões, vendo-se Grande Otelo, Mara Rubia, Aimée e, entre ambas, Gustavo de Matos ao natural, após ter sido o Rei Momo de "A Noite"

BAILE DO MUNICIPAL

NOITE suntuosa e memorável a de segunda-feira de Carnaval, quando o primeiro teatro da cidade, festivamente decorado e amplamente iluminado, recebeu a visita de muitas centenas de foliões para o baile de gala, ponto máximo daquelas festividades. E mais uma vez o concurso das fantasias luxuosas interessou vivamente, como se pode ver das gravuras que ilustram estas páginas. Era deslumbrante a entrada de damas e cavalheiros que se espalhavam pelo "foyer" e demais dependências do Municipal. O desfile excedeu a tôdas as expectativas. Êsse foi outro atestado eloquente da imponência e do brilho sem precedentes do Carnaval de 1950.





A direita, sra. Nair Rio Lopes, "Princesa Oriental", 1.º prêmio de fantasias; em cima, srtas. Bené Marques, "Pagode Chinês", 2.º prêmio, e Áurea do Nascimento Sousa, "Dama Veneziana", 3.º prêmio. A cada uma foi oferecida como lembrança, uma valiosa jóia







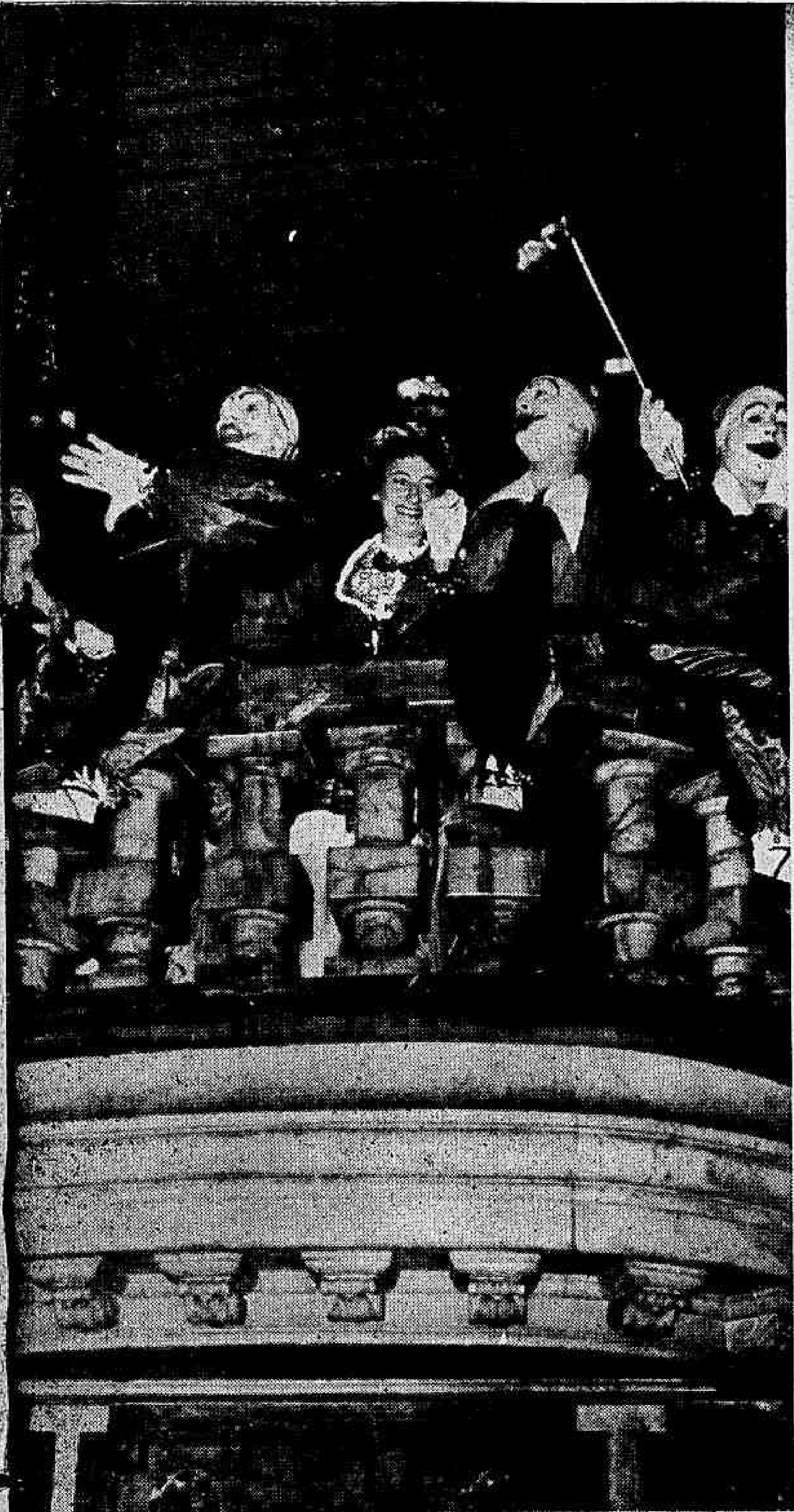
FANTASIAS

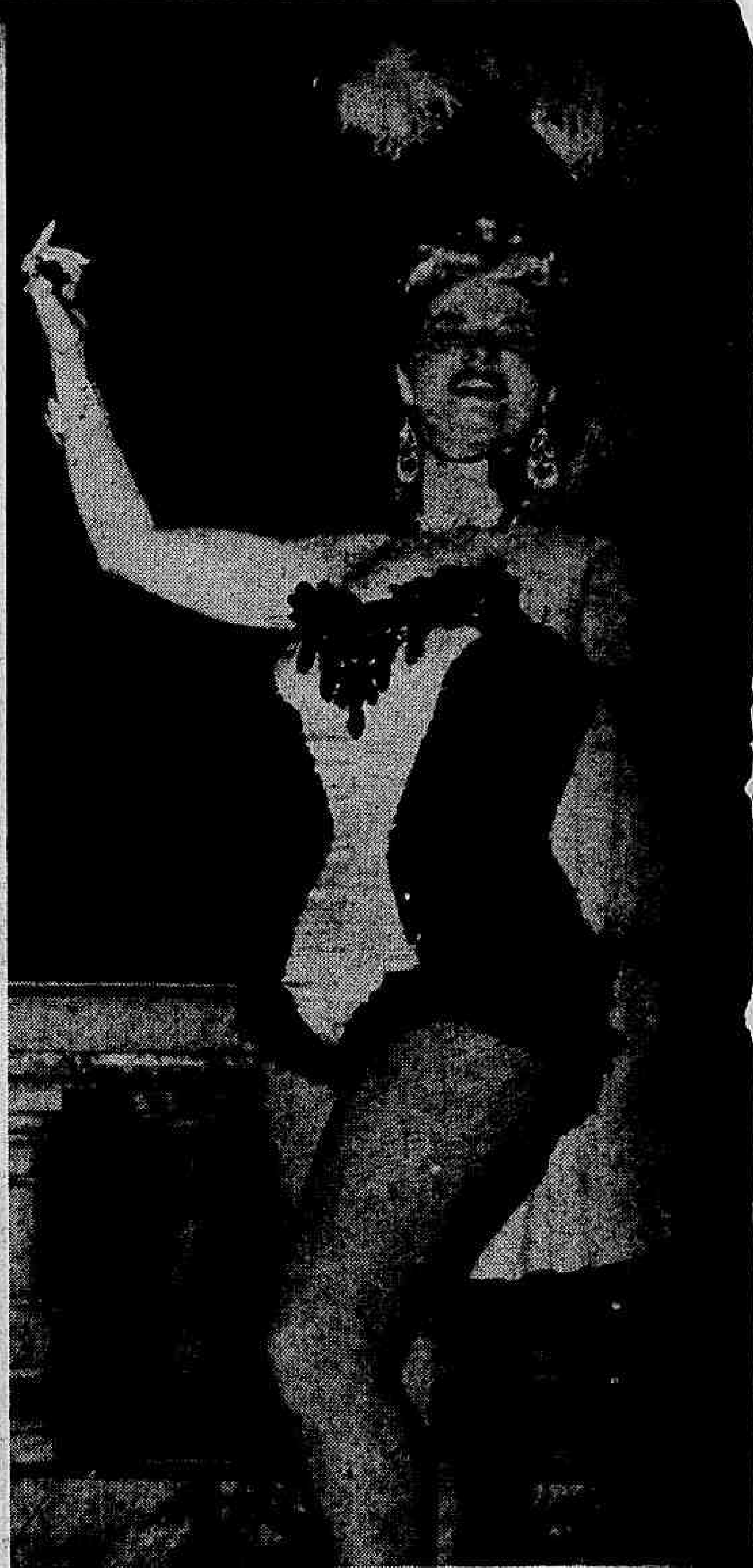
Ao alto, três interessantes fantasias que se destacaram nos salões do Municipal. A do centro, é a srta. Maria Figueirôa, Rainha da Primavera do Chile, cuja presença abrilhantou diversas festividades do nosso Carnaval. A simpática visitante aprendeu o repertório de Rei Momo e anunciou que desembarcará em sua terra cantando "Nêga Maluca"



TÁ... TÁ... TÁ NA HORA

Vá... vá... vale tudo agora... E a marchinha do Oscarito, nas últimas noites, "abafou". Mesmo a Nêga Maluca encontrou uma séria concorrente. No Municipal, grã-finos e não grã-finos, confraternizaram-se, numa ultra-democracia, cantando a plenos pulmões. E o Carnaval Carioca, que era considerado há muito sepultado, reviveu fagueiríssimo...





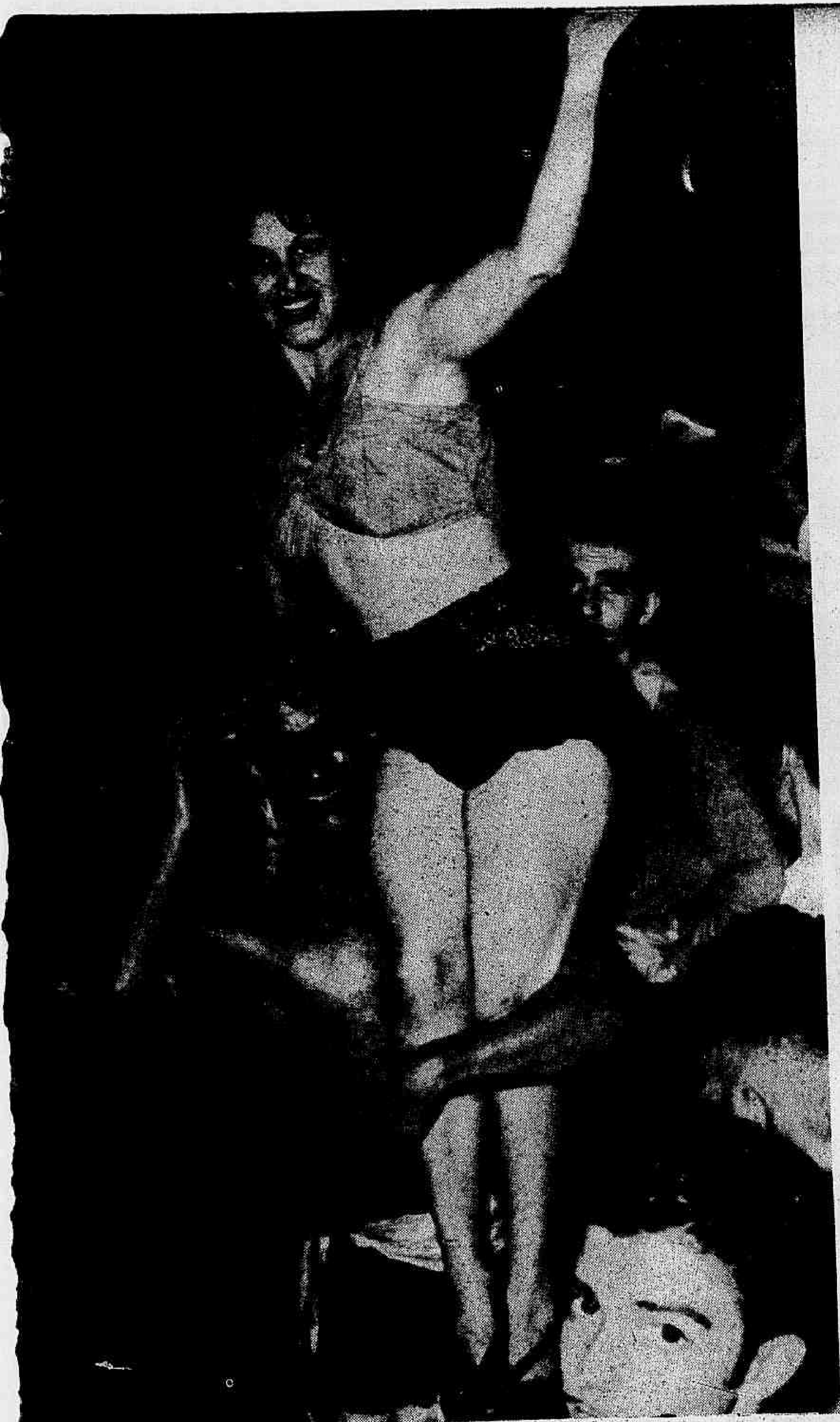
DAQUI NÃO SAIO...

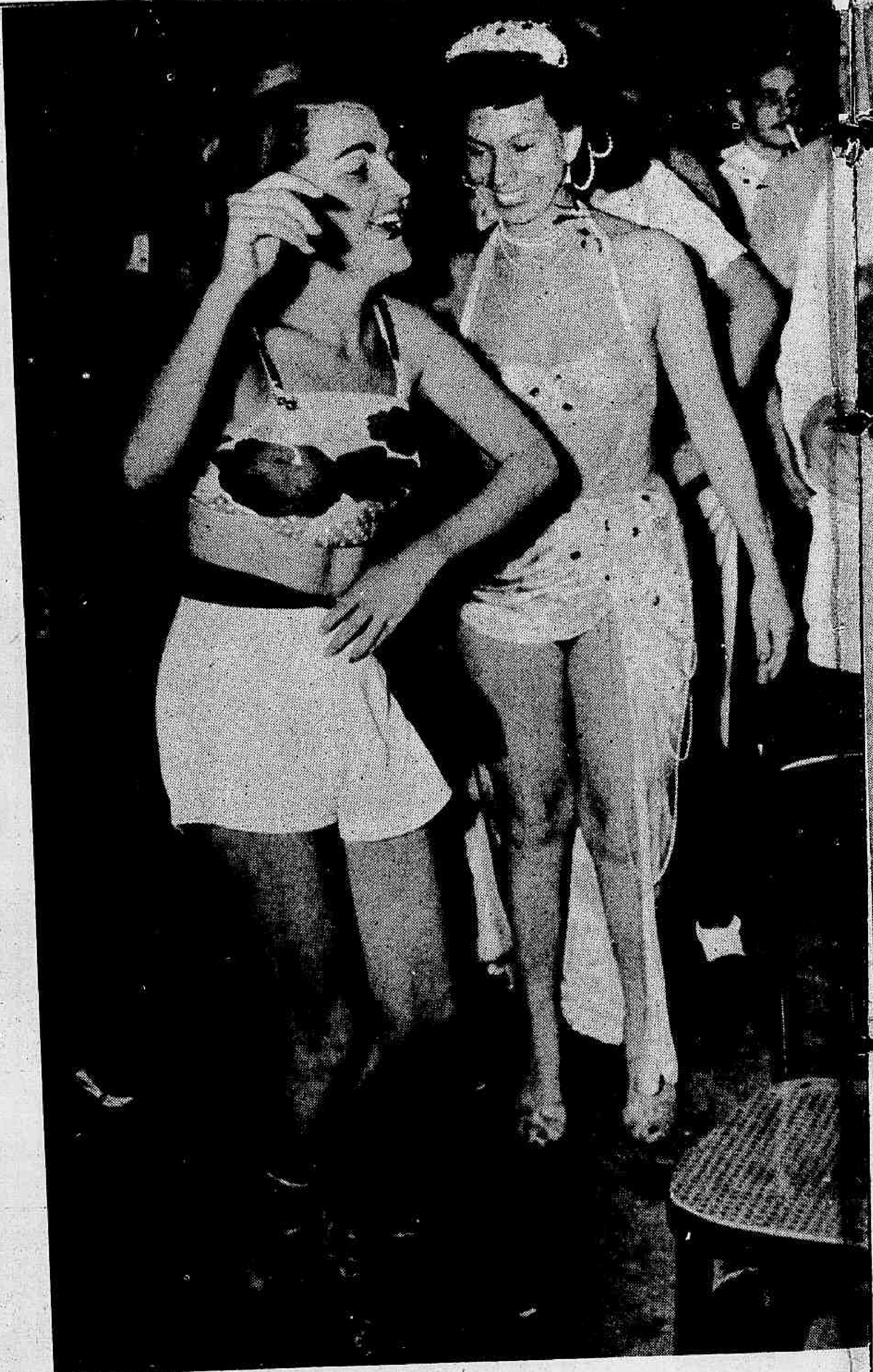
Eles pareciam dispostos a não sair mais do teatro. Nas frisas, nos camarotes, e até nas "torrinhas", gritavam o estribilho da canção em voga enquanto a platéia fazia côro... Aqui está, à esquerda, um grupo de palhaços; ao centro, uma luxuosa desconhecida que timbrou em não ser identificada e à direita Mara Rubia, Rainha das Atrizes



ENTREGA DE PRÊMIOS

S. excia. o general Mendes de Morais, prefeito do Distrito Federal, entrega às três contempladas, os prêmios pelas mais luxuosas fantasias do ano. O êxito do empreendimento da Municipalidade, disposta a reabilitar os foros carnavalescos da Cidade Maravilhosa, foi plenamente atingido. Há muitos anos que a cidade não via uma festa tão animada





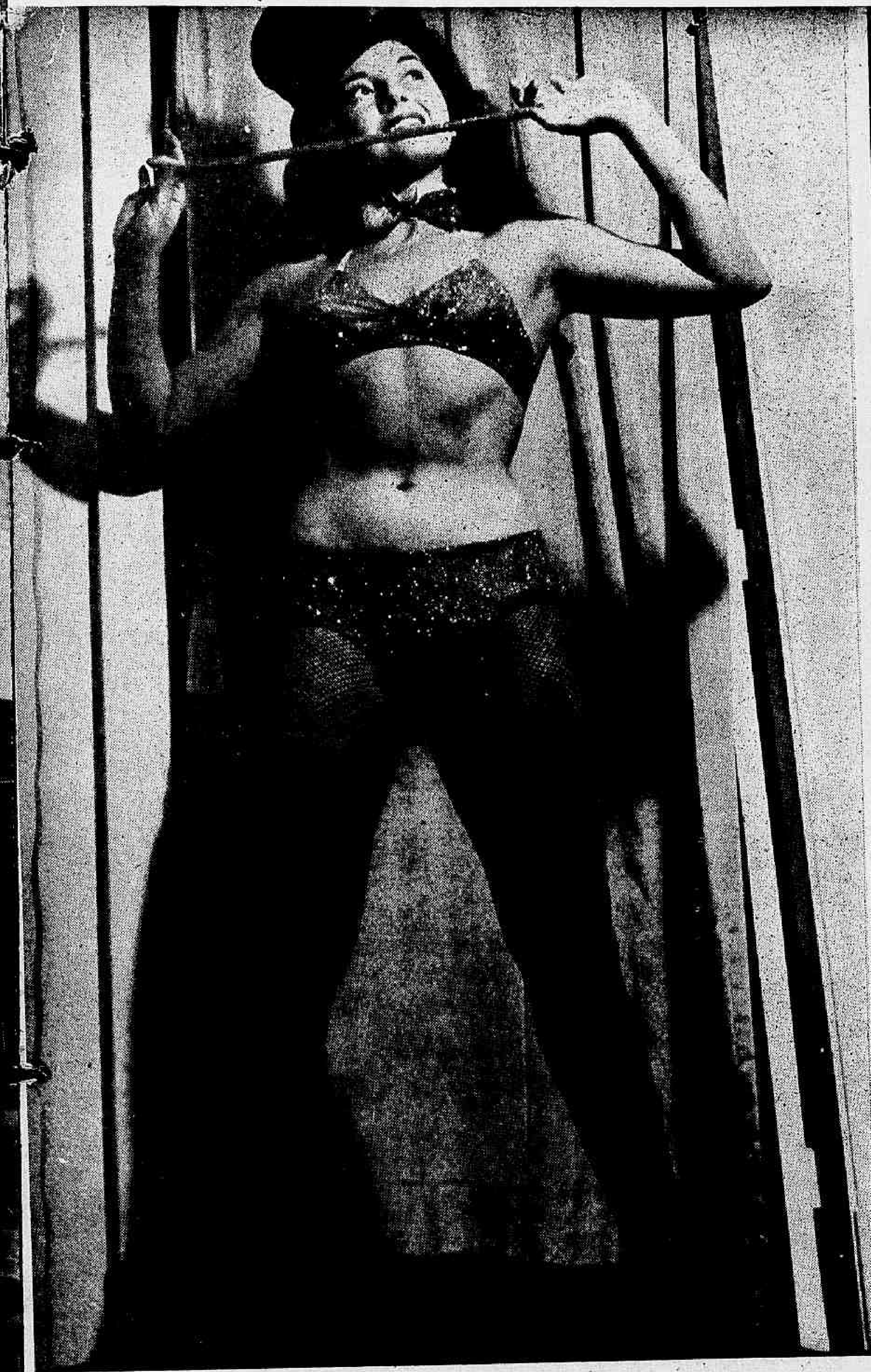
PAGÃ E BLACK-OUT

Foram os heróis das festas populares da cidade, em seus aspectos externos: Elvira Pagã, proclamada a Rainha do Carnaval no baile realizado no Hotel Glória, e Black-Out, que teve sua entrada solene na Avenida Rio Branco, por iniciativa de "O Radical". Aqui, alguns flagrantes colhidos no baile referido e num deles, em baixo, o "General da Banda"



RAINHA DO CARNAVAL

PELA primeira vez e sob os auspícios da Prefeitura do Distrito Federal, foi eleita êste ano a Rainha do Carnaval. Recaiu a escolha na conhecida rádio-atriz Elvira Pagã, que teve as honras de presidir um imponente baile em o qual foi coroada, também desfilando terça-feira à noite, na avenida Rio Branco, em carro alegórico apresentado pela Associação de Cronistas Carnavalescos, quando recebeu estrepitosos aplausos da multidão. Foi séria competidora de Elvira Pagã a artista Luz del Fuego, cujas exibições por demais excêntricas também a popularizaram bastante em todo o país. Mas por ocasião do baile de gala do Municipal, Luz del Fuego teve sua entrada naquele teatro impedida por ordem das autoridades municipais, que se prontificaram a devolver-lhe a quantia dispendida na aquisição de um camarote. A artista rejeitou essa devolução — e a rainha do baile oficial foi também Elvira Pagã, que viveu assim, êste ano, memoráveis horas de popularidade e transitória evidência. Mas também a Rainha correu o risco de ser detida, quando de seus consecutivos desfiles na Avenida, na última noite de folia. Teve então de se retirar do carro em que era apresentada — mas tudo acabou sem novidades maiores.





A COROAÇÃO E O RESTO

Nestes três clichês damos aos leitores outras pôses de Elvira Pagã, antes, durante e depois do Carnaval. Vemo-la, na primeira, em preparativos, como se apresentou nos primeiros bailes da quadra carnavalesca; na segunda, ao ser coroada por S. M. Rei Momo II, de "O Mundo" e na última, Elvira disposta a traçar os rumos de sua vida, agora na Quaresma







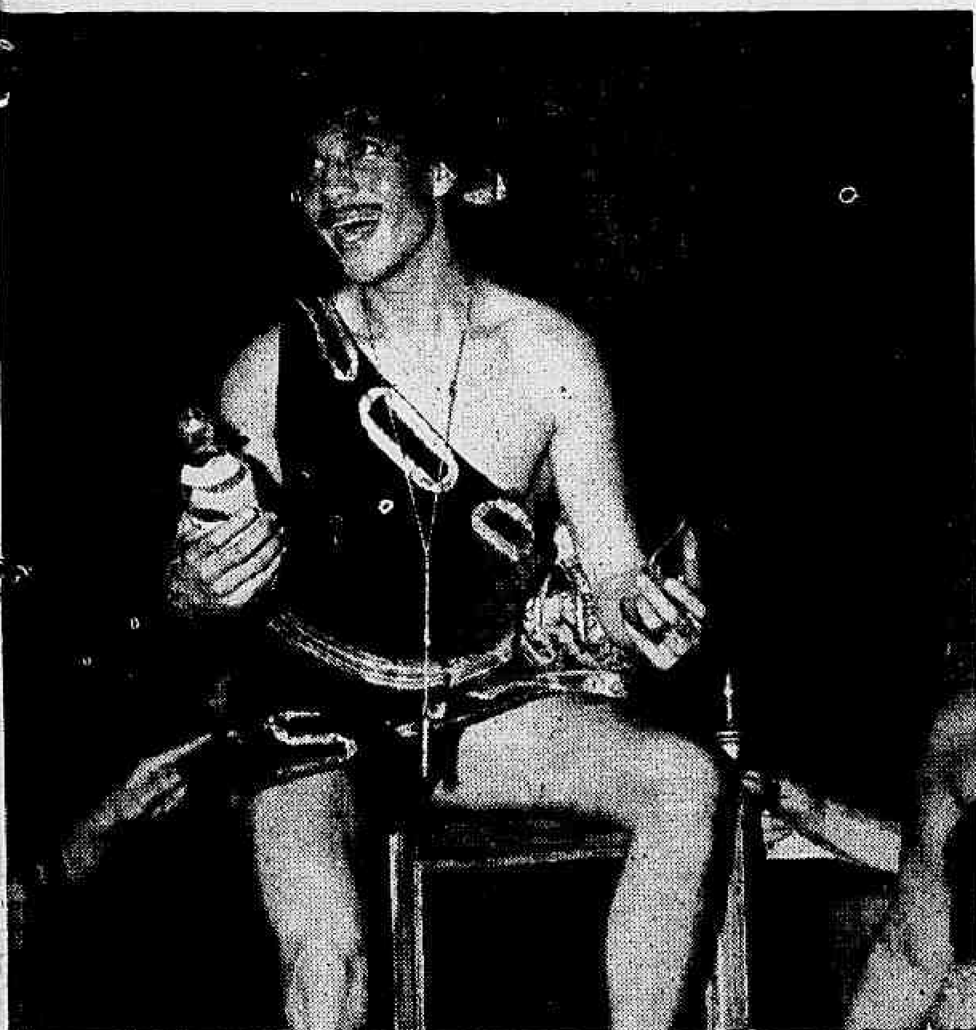
Mara Rubia, aclamada a Rainha das Atrizes, foi solenemente coroada no baile tradicional promovido pela Casa dos Artistas, no Teatro João Caetano. Ao alto, uma expressão da artista no ato da coroação, e em baixo, posando ao lado de Sua Majetade Rei Momo, de "A Noite"

BAILE DAS ATRIZES

Como sempre, conhecidas figuras do nosso teatro abrilhantaram essa imponente festa levada a efeito na ante-véspera do tríduo da Folia. Em cima, Bibi Ferreira num grupo; em baixo, noutro grupo, os artistas Arlindo Costa e Alaís Nazaré







Ao alto, Colé fantasiado de Baccho, a quem rende homenagem servindo-se de um delicioso whisky. Ao lado, Dercy Gonçalves e Dircinha Batista posam para a REVISTA DA SEMANA num desafio aos inimigos de Momo



Mais dois flagrantes do Baile das Atrizes, que se tornou uma legítima tradição dos últimos carnavais. Tem ainda uma finalidade humanitária, pois a receita destina-se à manutenção do Retiro do Artistas, em Jacarepaguá







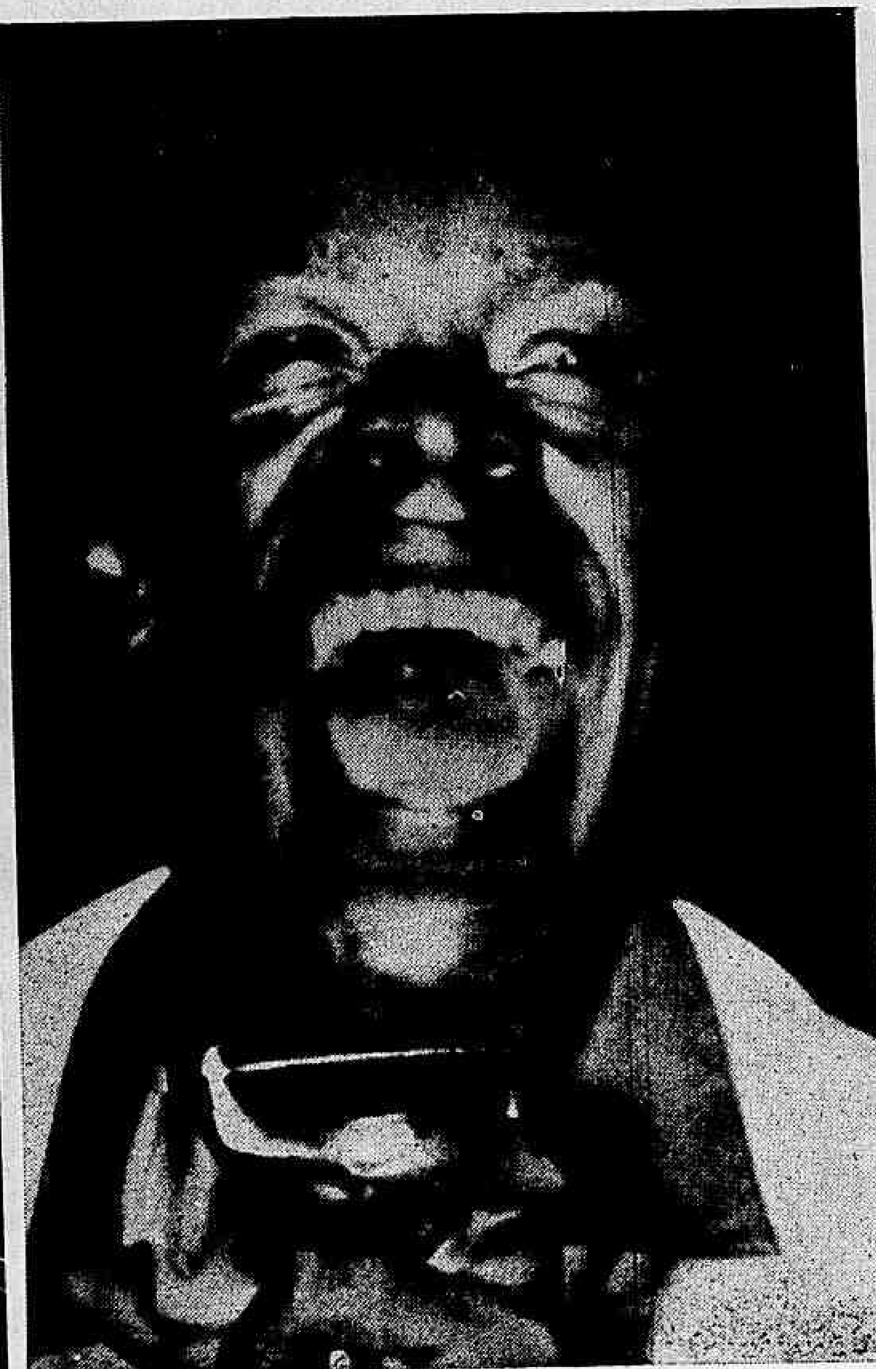
O TERCEIRO REI MOMO DO CARNAVAL DE 1950 (GUSTAVO DE MATOS), RECEBE AS HOMENAGENS DA RAINHA DA PRIMAVERA DO CHILE, SRTA. MARIA FIGUEIROA, QUE ESTAVA DE VISITA AO RIO, E DE MARLENE, EX-RAINHA DO RÁDIO

BAILE DO RÁDIO

NÃO houve, êste ano, a tradicional eleição da Rainha do Rádio, mas, por iniciativa da Associação Brasileira de Rádio, realizou-se o baile de costume, no Carlos Gomes. E foi animadíssimo, como de resto nos outros bailes. Muitos elementos que emprestam seu concurso no "broadcasting" carioca ausentaram-se da cidade, aproveitando a oportunidade para um rápido descanso. Assim mesmo, alguns milhares de pessoas dançaram até madrugada alta e tudo correu em boa harmonia. O Carnaval de 1950 primou pelo espírito de ordem e disciplina, quebrado apenas por pequenas ocorrências, inevitáveis em acontecimentos dêsse vulto.



LOURDINHA BITTENCOURT (CASOU MESMO?) VEIO ANIMADA DE BUENOS AIRES...



BLACKOUT GANHOU POPULARIDADE ÊSTE ANO, FAZENDO O "GENERAL DA BANDA"



AIMÉE EXIBIU UMA FANTASIA EXISTENCIALISTA E ALVARENGA APROVOU!



HEBER DE BOSCOLI E OSVALDO ELIAS (DR. INEZULINO) DIVERTIRAM-SE EM VEZ DE DIVERTIREM O AUDITORIO. ELA NÃO FEZ POR MENOS...

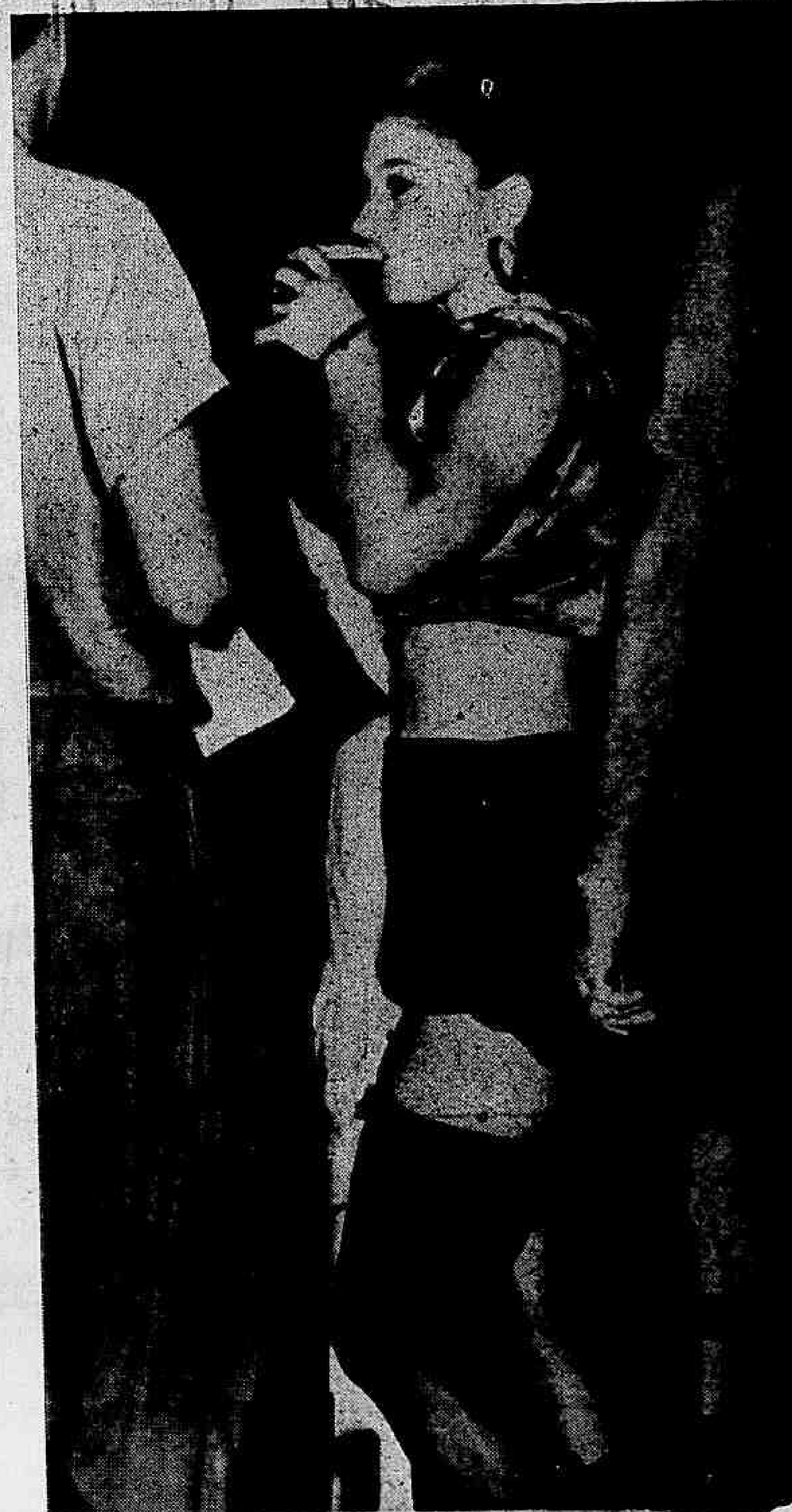


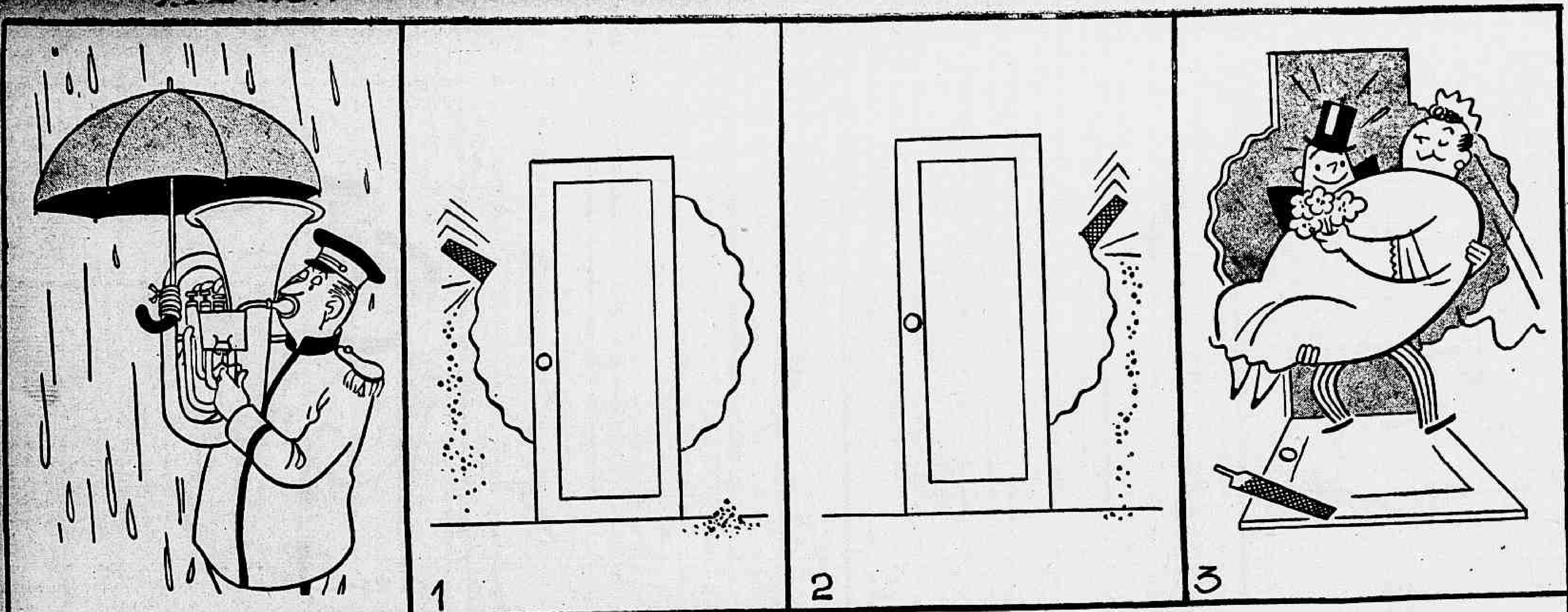
PALHAÇOS BEBENDO WHISKEY. FOLIÕES MISTURADOS. GENTE DO RÁDIO E GENTE QUE NUNCA PERTENCEU AO RÁDIO. NO FIM, TUDO DÁ MUITO CERTO...





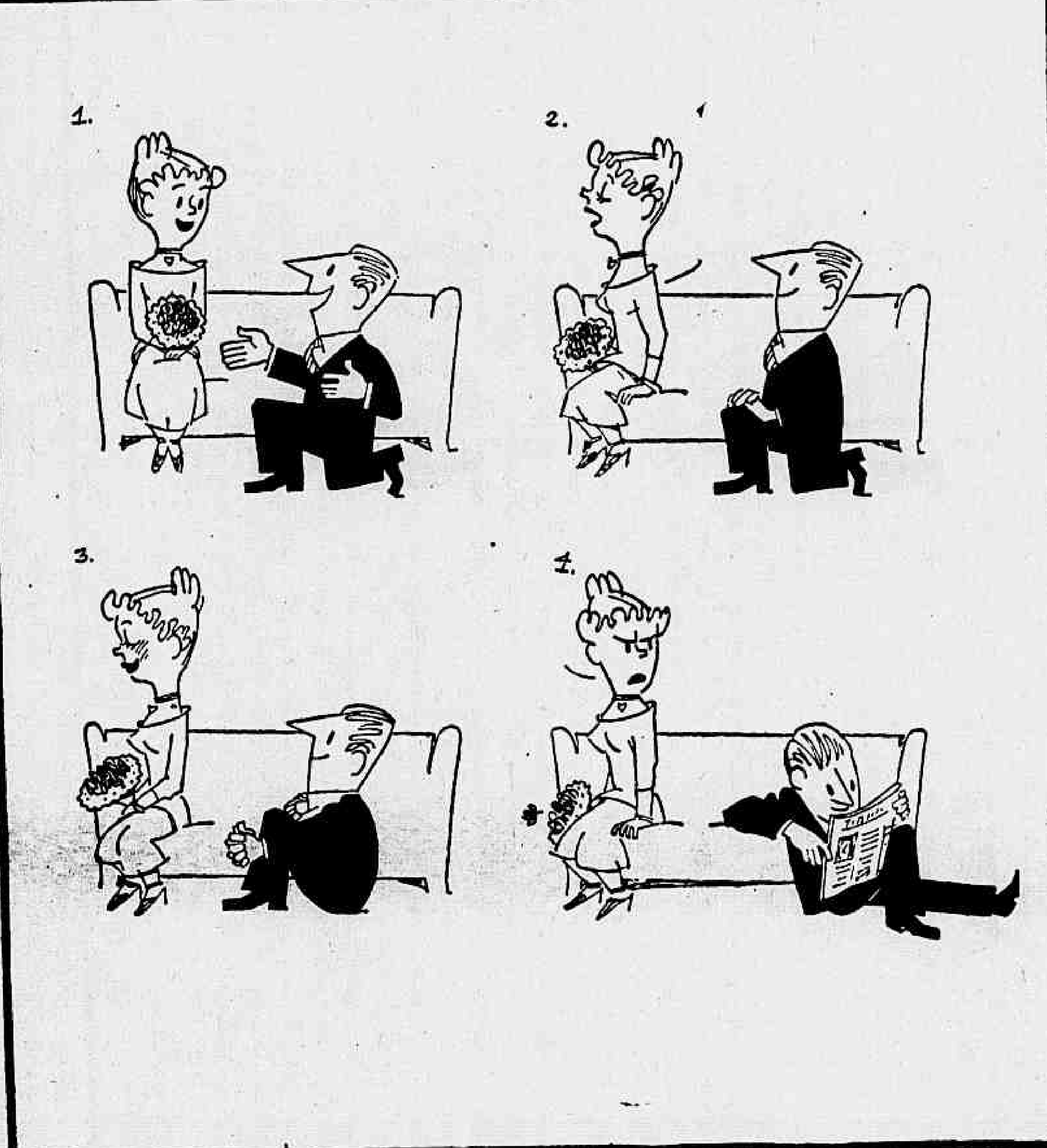
UM COPO DE CERVEJA PARA REFORÇAR A ALEGRIA NÃO FAZ MÁL A NINGUÉM!







— Alô, benzinho! A "matinée" terminou, estamos TODOS te esperando...





— Hei! Chico, êste camarada está perguntando se você quer entrar para o time!...

BOM HUMOR



UMA CARTA, APENAS

Conto de YOLANDA C. R. LORENZATO

A elegante senhora, embaixatriz Celso Valery, atualmente em seu palacete no Leblon, de regresso à viagem de núpcias que, um mês antes, empreendera ao Oriente Médio, examinava feliz, a correspondência que lhe chegara em sua ausência.

Inúmeros telegramas de felicitações ao jovem par diplomata pelo recente consórcio que, para a sociedade carioca, constituiu acontecimento de pompa invulgar; alguns convites oficiais; outros, de associações de beneficência ou de amigos particulares para chás, jantares e coquetéis; outros ainda, de figurinistas notáveis interessando-a nas exposições dos últimos modelos; mais alguns, para outras, nos salões de arte. De seus prováveis fornecedores uns tantos, recomendando-lhe as especialidades da casa, em gêneros comestíveis, vinhos finos ou "confitures" extra-especiais; enfim, algumas dezenas de cartas e de cartões de colegas e amigos de seu espôso com os cumprimentos de praxe. A essa correspondência, a que o dever social a obrigaria a agradecer ou atender pessoalmente, Maria Luiza surpreendeu-se ante o envelope que agora abria e, sôbre o qual, com letra firme e clara, que em tempos colegiais lhe fôra familiar e amiga, Marta a identificara: "Carta a uma irmã de Caridade".

E, não fôra sem comoção que, à missiva que lhe recordava um passado qual a fôrça imperiosa do Destino a libertara, mansamente, seu olhar distante, mas feliz, mergulhara emocionado à lembrança do lago cristalino que fôra sua existência; e, assim, docemente embalada pelos gorgeios da tarde crepuscular que, em harmonia de luz e de sons, em suave balada, comovia seu coração emotivo, Maria Luiza leu a carta amiga:

"Irmã Teresa renunciou o hábito e casou-se. Lembra-se dela, Marta?"

"Essa notícia incomum, minha amiga, fêz-me meditar, profundamente, sôbre os conceitos de Voltaire: "aqui o caminho é o da razão sem a fé religiosa"; mas, como não hei de me lembrar de você, cara Irmã Teresa?"

"Voltarei algumas páginas de um livro curioso; o livro em que nunca estudamos, em que não detivemos o pensamento, nem o olhar sequer, porque jamais esteve ao nosso alcance."

"No entanto, é um livro de histórias verdadeiras, onde nos é descoberta a secreta essência da realidade. De contos sinceros, cheios de surprêsas, agradáveis, umas — as que nos foram poucas — outras, más — as que nos são e serão muitas — porque temos muito ainda o que peregrinar neste vale de lágrimas. Pessimismo, dirá você. Não, minha cara, afirmo-lhe que o não é.

"Você, Irmã Teresa, vai começar a viver no mundo que jamais conheceu e onde lhe será impossível solver o enigma metafísico, os mais simples problemas quotidianos, separar o trigo do joio, sem examinar "primeiramente o pensamento humano e depois, a matéria". Bem diverso do filosófico conselho que nos ensina justamente o contrário. Você, certamente, já adivinhou o título dêsse livro curioso, a vida. Estou folheando as páginas do passado, minha cara Irmã Teresa, em que você e eu, colegas de turma, figuramos como protagonistas. Assaltou-me, então, uma vontade imensa de conversar com você, ex-irmã Teresa. Não sei, ainda, como você se chama presentemente: sra. Neves, Resende, Fonseca, Morais, ou nenhum dêsses nomes ou outro; sei, apenas, que você tem um lar, um marido e que, futuramente, terá uns lindos filhinhos para completar-lhe a alegria sublime da maternidade. Mas, não é sôbre o futuro que lhe desejo falar. Longe de mim o dom da profecia. Que você se sinta plenamente venturosa se, para essa "prova" difícil, houver aprovação plena. Lembre-se, porém, minha cara, que essa dama "coquette", cheia de mimos e de complexos, é "mobile", mulher, enfim. Mas você merece essa dádiva, a felicidade. Que tôdas as preces feitas por você à sua padroeira, na capelinha de nosso Colégio, seja agora revertida em seu próprio benefício. Sta. Teresa, sua padroeira, guardou-as no escrínio precioso de seu coração, para transmudá-las na "rosa de milagres"; e as pétalas se esparramarão sôbre seu lar querido."

"Êsse passo que acaba de dar, buscando-se a si própria, na renúncia de tôda tranquilidade de alma, de tôda a paz de seu coração aparentemente insensível ao amor, pôsto que você o cultivasse no plano espiritual, devia ter-lhe custado menos do que o de sua resolução de entrar para o convento."

"Serva de Deus! Você, querida irmã Teresa, sempre nos afirmou que era essa a sua verdadeira vocação. Mas eu sabia que você estava equivocada."

"Nunca lh'o disse. Senão, vejamos. Leia essa página. Olhe essa gravura."

"Que vê? Uma ilha distante, batida pelo mar, e, nela, plantada ao pé de uma colina verde-esperança, um Convento. Vê a escadaria? Umas formiguinhas operosas

(Cont. na pág. 45)

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA





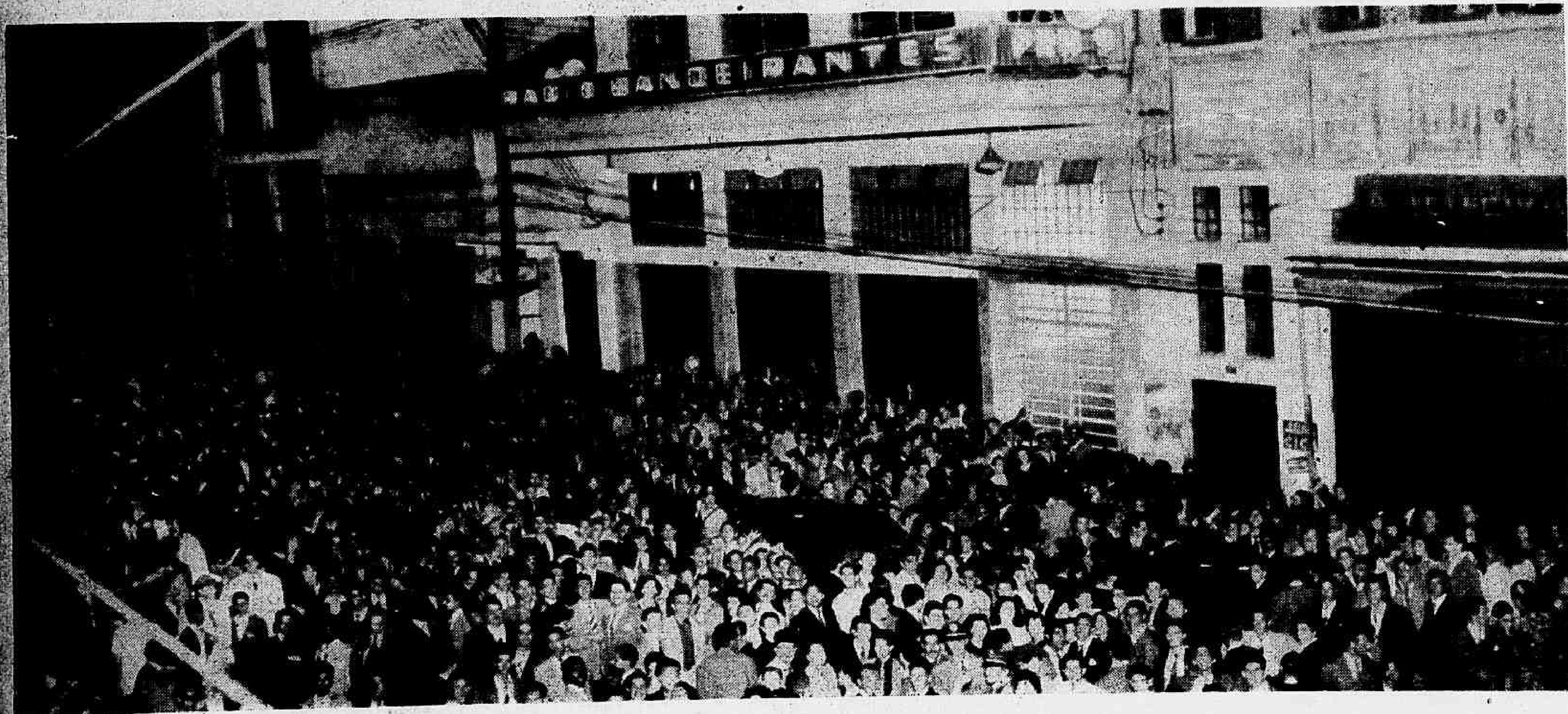
Gilberto Milfont e Dora Lopes — dois cartazes da Rádio Nacional, que também foram contratados pelo grande carnaval levado a efeito pela Rádio Bandeirantes



Emilinha Borba e Black-Out — outros dois grandes cartazes especialmente contratados para o "big" carnaval que a PHR-9 ofereceu à sua enorme legião de fãs

"QUE CARNAVAL"

A Rádio Bandeirantes foi a campeã do Carnaval Paulista, desfilando ao seu microfone: Francisco Alves, Emilinha Borba, Carlos Galhardo, Gilberto Alves, Black-Out, Vocalistas Tropicais, Nuno Roland, Ruy Rey, Heleninha Costa, Abílio Lessa, Albertinho Fortuna, Gilberto Milfont, Dora Lopes, Cyro Monteiro, "Os Cariocas", Titulares do Ritmo, Wilson Roberto, Diva Camargo, Mires de Oliveira, João Dias ! ★ Orquestra de Sílvio Mazzucca, Regional Bandeirantes e Grande Escola de Samba "H-9", com Leonel do Trombone foram os encarregados dos acompanhamentos dos "reis do carnaval"! ★ Nem a Fôrça Pública, com "Cassetête" e tudo, conseguiu conter a multidão delirante, por ocasião da estréia de Francisco Alves, dando início ao empolgante desfile de "astros" e "estrêlas"! ★ A Rádio Bandeirantes pode usar oficialmente a faixa de "a mais popular"!



Extraordinário foi o sucesso alcançado na estréia do sensacional desfile de carnaval. Na foto acima pode-se ver a enorme multidão que não conseguiu lugar no auditório!



Outro valor do "cast" da Rádio Nacional contratado para a festa carnavalesca da Bandeirantes foi Carlos Galhardo, que aparece na foto acima cantando "Turi-Turé"



Emilinha Borba, Black-Out e Vocalistas Tropicais — Três Campeões do Carnaval de 1950 — reunidos em um programa. E' desnecessário dizer que sobrou sucesso nêsse dia

A Rádio Bandeirantes, sem dúvida, uma das mais populares emissoras de São Paulo, êste ano atingiu o auge da popularidade, por ocasião dos preparativos para os festejos do reinado de Momo. A PRH-9 iniciou, pràticamente, o carnaval, no dia 15 de dezembro, com a "prata da casa", fazendo no último dia do ano, um grande programa comemorativo-carnavalesco com duração de duas horas. Depois, começaram a chegar os cartazes do Rio... Murilo Leite foi especialmente ao Rio para contratar alguns elementos e trouxe os seguintes: Francisco Alves, Emilinha Borba, Gilberto Alves, Carlos Galhardo, Vocalistas Tropicais e Black-Out!... A bomba estourou no dia 15 de janeiro, estreando num só programa 3 cartazes! No dia seguinte... Francisco Alves e na terça-feira... Carlos Galhardo!... Assim, em quarenta e oito horas a Bandeirante sacudiu a turma foliona de São Paulo com a apresentação de 5 cartazes que formam no primeiro time do rádio brasileiro!...

Aconteceu que logo após a estréia, Rebello Júnior, diretor da PRH-9 e que também é locutor-esportivo, foi ao Rio para irradiar o primeiro treino do selecionado brasileiro... e... entusiasmado com o sucesso, contratou o resto do cast da Rádio Nacional... e assim, no sábado, já estreavam Gilberto Milfont e Dora Lopes, seguindo o resto do elenco até sábado de carnaval... Portanto, a Bandeirantes, foi, sem dúvida, alguma, a campeã do Carnaval Paulista. Quer pelos seus artistas... pela sua orquestra (a famosa de Sílvio Mazzuca)... pelo seu Regional com Leonel do Trombone... pela sua original Escola de Samba... por tudo isso a Bandeirantes esteve com tudo... e não ficou prosa!



O palco tornou-se pequeno e Black-Out foi cantar junto ao público. A assistência, emocionada, viveu momentos de intensa alegria com os "reis do carnaval"

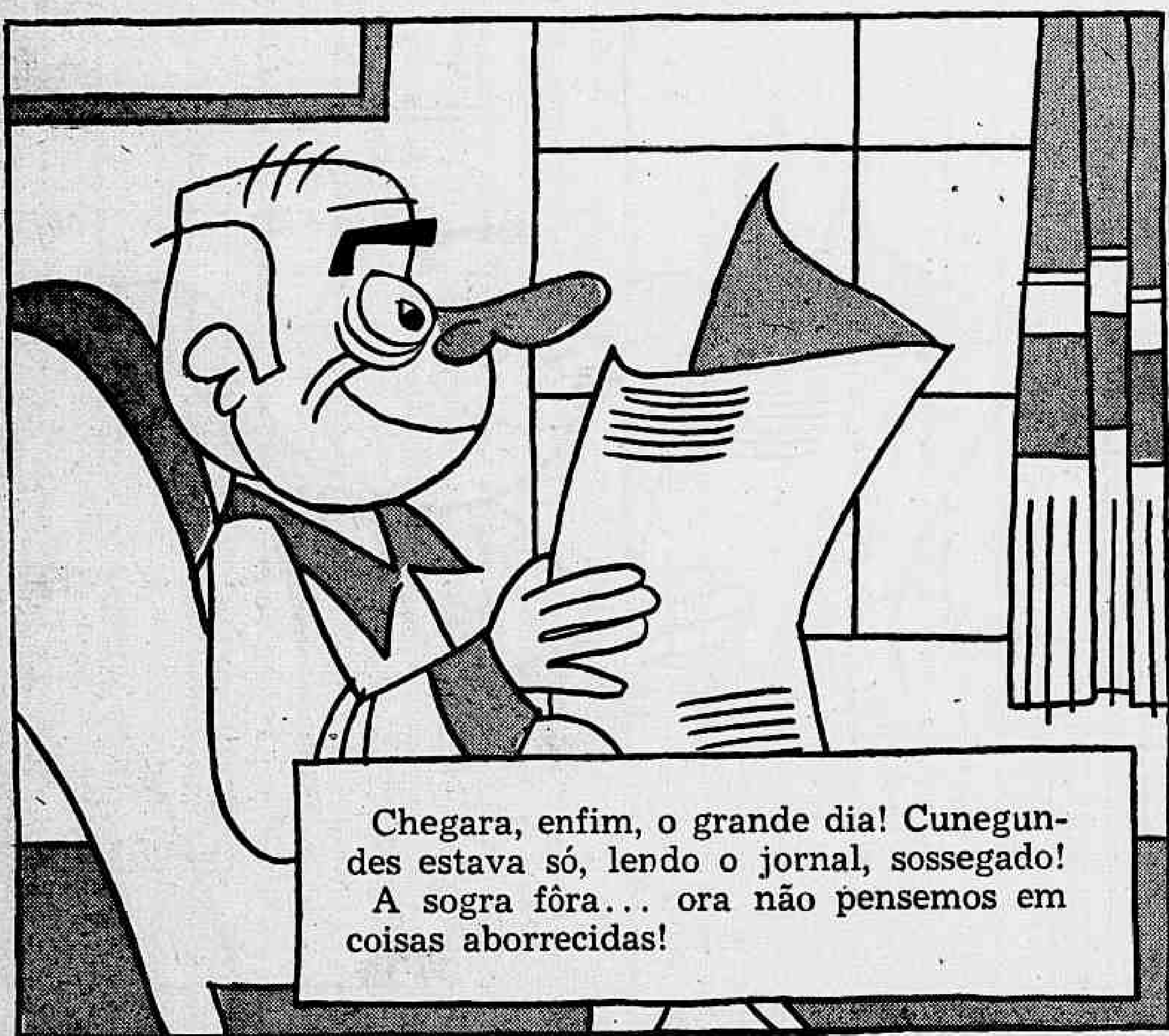


"O Rei da Voz" também "fêz seu carnaval". Ei-lo cantando acompanhado pela Orquestra de Sílvio Mazzuca, Regional Bandeirantes e Grande Escola de Samba "H-9"



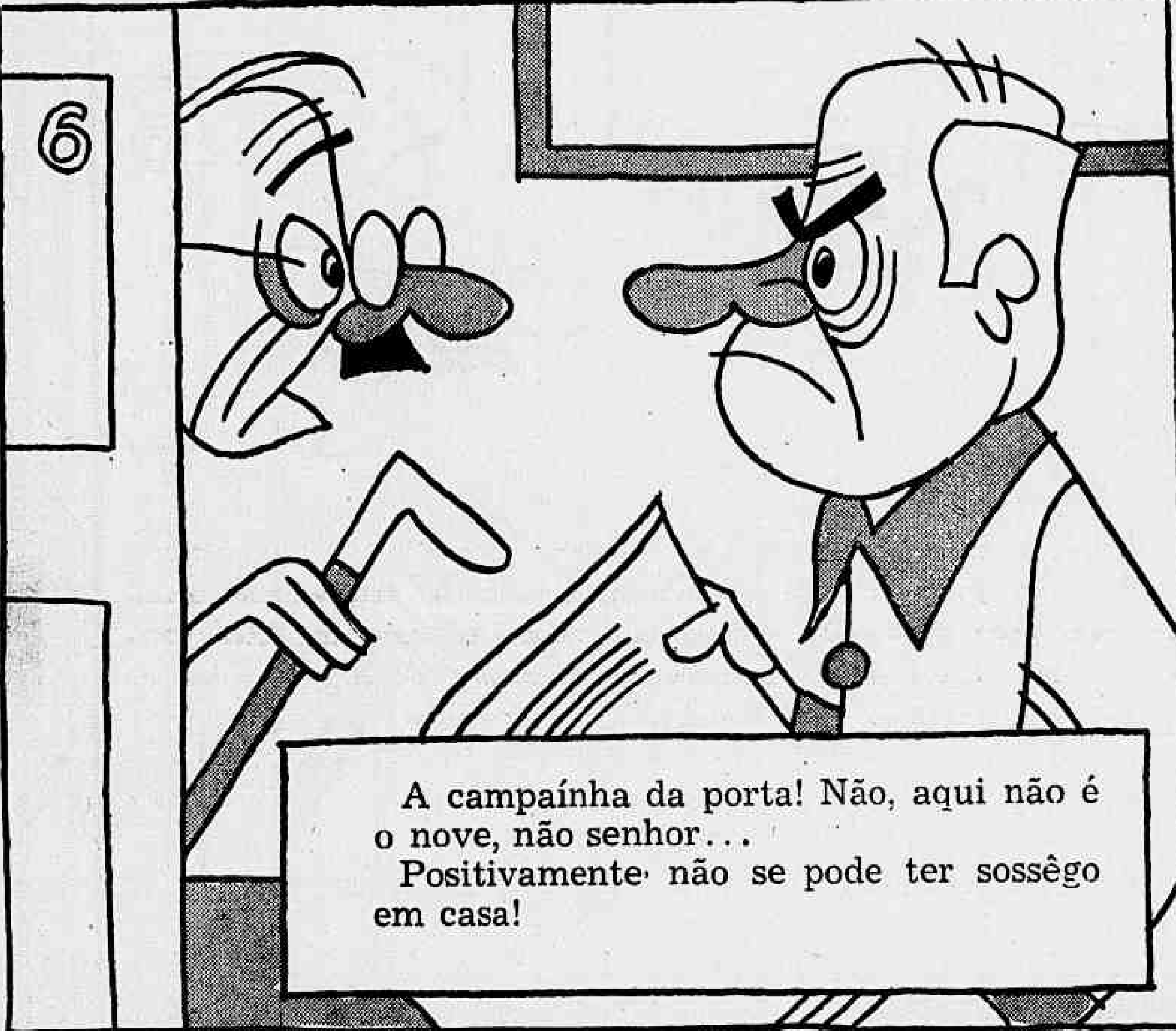
Nessa altura a alegria era geral... Ciro Monteiro, Heleninha Costa e a Escola de Samba "H-9", de Leonel Trombone fizeram um carnaval no auditório da Bandeirantes.

O SOLITARIO por THEO













O MEU ESTRANHO CASO DE AMOR

NOVELA DE **LYSA CASTRO**

MEU nome: Hélio Marshal. Profissão: Detective. Não é desprovido de emoções que me proponho contar-lhes a minha história. E' verdade que todos temos casos de amor em nossas vidas, um dos quais nos parece invulgar e ao qual dispensamos particular atenção, vindo-nos aos lábios sempre que precisamos contar algo, quando entre amigos. O que me proponho contar é originalíssimo e bem poucas pessoas teriam oportunidade de se achar em circunstâncias iguais. E' o que chamo "O meu estranho caso de amor", acontecimento que teve importância primordial em minha vida. Começou em uma linda manhã de agôsto. Em meu escritório, que devo dizer era modernissimo e situado em pleno coração de Los Angeles, eu, diante de minha mesa repleta de papéis examinava a correspondência, enquanto Tânia, minha exótica secretária, trabalhava em seu gabinete ao lado. Batem à porta e mando entrar. Tânia apareceu com um maço de cartas na mão.

— Alguma coisa para já?

— Não, Miss Tânia. Depois a chamarei.

Tânia retirou-se. Ouvi que batiam à sua porta, e, a ouvi mandar entrar:

— Oh! Mr. Johnny... seja bem-vindo...

— Obrigado, Miss Tânia. Eu desejo falar a Mr. Marshal.

— Um momento. — Tânia chamou-me pelo ditafone e transmitiu o desejo de Johnny.

Mandei-o entrar e levantei-me para recebê-lo, pois Johnny era um amigo que eu muito apreciava.

— Olá, velho amigo. Como vai essa fôrça?

— Muito mal, muito mal, meu caro.

Notei muita preocupação em Johnny e deixei-o à vontade para que me contasse o que o afligia.

— Infelizmente, não vim visitá-lo. Procuro-o como profissional. Hélio... preciso de seu auxilio!

— Que se passa contigo? Estás pálido e trêmulo... Conta-me tudo.

Johnny deixou-se cair numa cadeira e suspirando profundamente entregou-me um pedaço de papel.

— Leia isso.

Tomei o papel e li esta coisa ridícula: "Mr. Smith. Advirto-o de que deve abandonar a cidade, se tem amor ao pêlo. V. L."

— E' curioso, Johnny. Como te chegou isto às mãos?

— Pelo correio. Encontrei-a em casa ao chegar. Compreende agora o que sinto? Não sei...

Johnny foi interrompido pela campainha telefônica. Atendi e recebi um recado que me deixou preocupado. Johnny ouviu o que eu dizia com grande interêsse e quando lhe disse de onde era, ficou profundamente abalado.

— Foi de tua casa. Teu tio foi encontrado morto no próprio gabinete de trabalho. Acreditam num possivel assassinato mas nada há em definitivo.

— Começam a cumprir a ameaça. Matar-me-ão se eu não deixar a cidade. — Johnny estava quase chorando. Convidei-o a acompanhar-me até a casa de seu tio e saímos ambos. Quando passamos pela sala de Tânia não pude deixar de observar mais uma vez aquela estranha moça. Seus cabelos negros e lisos, grudados à cabeça terminavam em coque, à altura da nuca. Jamais consegui saber a côr de seus olhos, que uns horriveis óculos escuros ocultavam. Seus lábios sem pintura mal escondiam os dentes manchados de negro como se ela usasse um aparelho para conformá-los. Era uma figura quase grotesca e essa impressão aumentava observando-se sua figurinha delgada, sempre metida em vestidos largos, cheios de babados e pregas, de aspecto espalhafatoso e côres berrantes. Sua voz era terrivelmente fanhosa, assemelhando-se ao som de um tacho rachado. Jamais se poderia presumir sua idade, e tanto poderia ter trinta como quarenta anos, se fôssemos dar crédito à sua aparência, levando em consideração seu penteado e traje. Parei um momento diante de sua mesa e disse-lhe:

— Anote todos os telefonemas e peça o nome da pessoa que falar.

— Sim, senhor. — respondeu Tânia com sua voz desagradável.

Em casa do tio de Johnny tudo estava em agitação. Médico-legista, policiais, o diabo. Chamei Johnny a um canto e disse-lhe:

— Acho que te deves ausentar.

— Não, Hélio. Agora já não me importa a vida. Aguardarei os acontecimentos sejam quais forem. Como você acha que foi o crime?

— O legista declarou ter sido envenenamento. Sôbre a mesa, ao lado do cadáver estava um copo com restos de água com... estriquinina.

— Seria suicidio?

— Não creio. Ainda ontem, pela manhã, o velho Frederic procurou-me no escritório e entre outras coisas disse que não pretendia morrer tão cedo. Sabes qual o testamento dêle?

— Não... não sei. — respondeu Johnny vacilante. Intencionalmente, retruquei:

— Não foi isto que êle me disse ontem. Ao contrário.

— Êle... êle disse que eu sabia? Pensei que êle me tivesse deserdado porque venho perdendo muito dinheiro no jôgo...

— Realmente, êle falou que pretendia deserdá-lo, mas ainda não o tinha feito.

— Hélio! Você não está insinuando... — perguntou desesperado.

— Ainda não, Johnny — respondi pausadamente. — Mas estás entre os suspeitos, se houve homicidio. Mas agora quero ver os habitantes da casa. Reúna-os na sala.

— Agora mesmo. E' preciso que tudo fique esclarecido.

Quando nada mais havia a apurar em casa de Frederic, voltei ao meu escritório. Tânia foi ao meu escritório entregando-me uma carta e retirando-se em seguida. No envelope está escrito: urgente. Rasguei-o e precisei ler várias vezes aquêle pedaço de papel para poder assimilar o que êle dizia. Chamei Tânia e perguntei-lhe um tanto exaltado como tinha chegado tal missiva.

— Um garôto a trouxe. Disse-me que não tinha resposta.

Despedi Tânia com a recomendação de que segurasse o garôto se êle voltasse. Estava eu ainda com o papel entre os dedos quando Tânia avisou-me que uma senhora me queria falar.

— A quem deve anunciar?

— Tânia — disse uma voz de contralto que eu bem conhecia. — Pode dizer-lhe que a senhora Tânia deseja vê-lo. — Tânia repetiu o recado e mandei que ela entrasse.

— A quem vejo. — falei com um largo sorriso. — Salve a desaparecida.

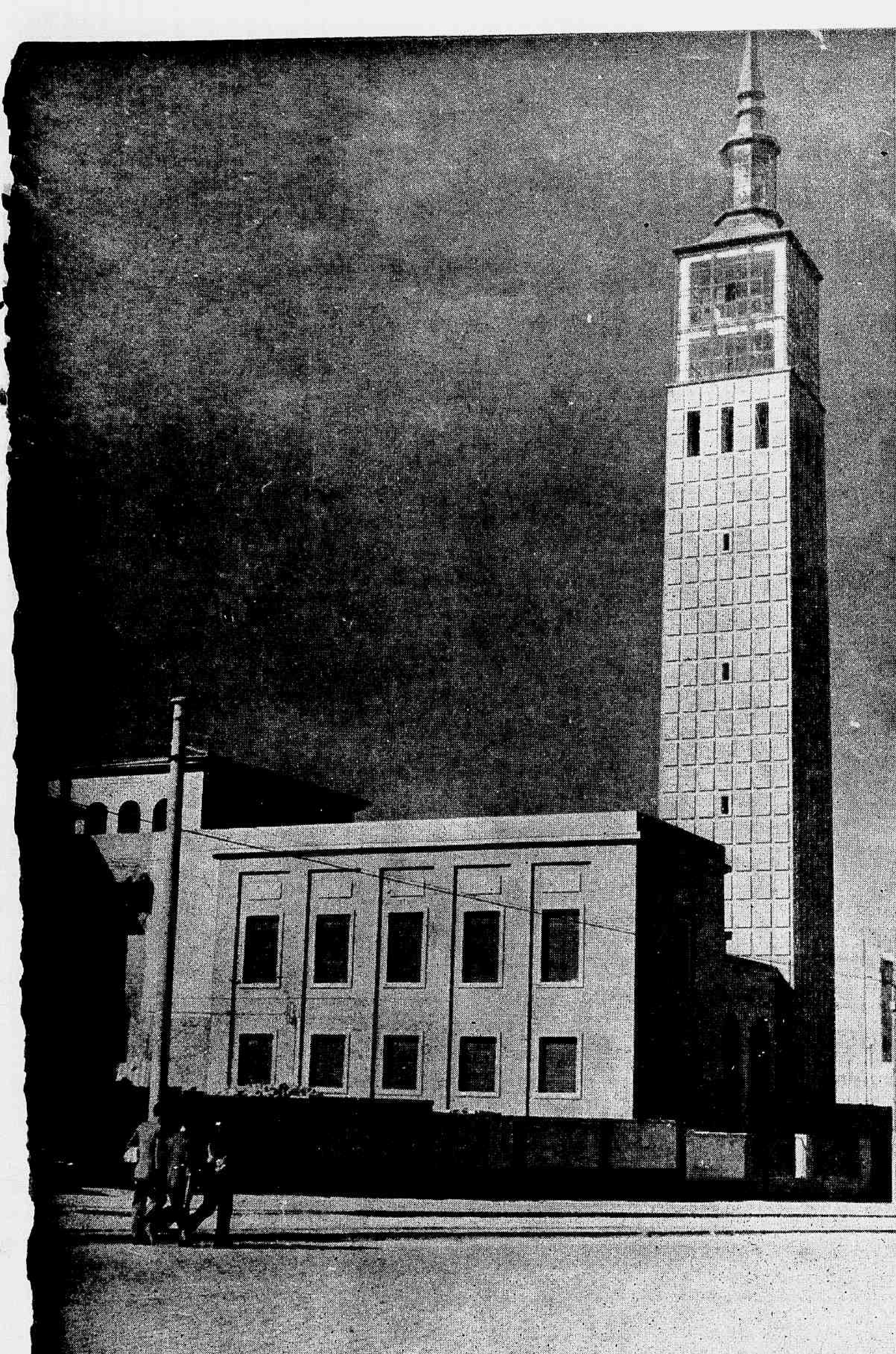
— A desaparecida aqui não sou eu. Você foi quem desapareceu, lembra-se?

— Que idéia foi essa de mudar de nome? — censurei Manon.

— Primeiro, o meu beijo, isso. Bem, eu queria apenas impressionar sua secretária, com um nome circassiano.

(Cont. na pág. 42)





O edifício da Câmara de Comércio de Saragoça, cujas linhas arquitetônicas se harmonizam com a fisionomia da velha cidade. Funciona aí uma exposição permanente dos industriais e produtores da região, e é muito procurada

SARAGOÇA, FORTALEZA DE FRANCO NUMA EUROPA INVADIDA

O VELHO E O NOVO CASAM-SE NA VELHA CIDADE ★ CONTRASTES ★ DEU UMA RAINHA À INGLATERRA E UMA HEROÍNA A BYRON

Reportagem de STEVEN HENTY — Fotos da NEWS PRESS

NO nordeste da Espanha, equidistante dos Pirineus e do Mediterrâneo, acha-se Saragoça, velha capital militar de Aragão e moderno centro militar da Espanha. Foi a posição que determinou a fundação de Saragoça, pois a cidade está situada sôbre o rio Ebro, numa posição central à frente da única fronteira terrestre da Espanha: — os Pirineus.

A maior parte do velho Reino de Aragão consiste em uma espécie de terreno montanhoso, colorido e plano, esmeradas filas de amendoeiras e fruteiras, oliveiras verde-escuras, afiados troncos de videiras, salpicadas aqui e ali de arbustos de flores silvestres, amarelas ou da côr da malva. Sôbre os terraços vêem-se pinheiros verde-escuros, e nos vales as frutas e fôlhas verdes de árvores caducas aparecem no chão que varia na côr de vermelho-indiano a amarelo ocre.

Para os que se aproximam de Saragoça, vindos do centro da Espanha, a cidade parece destacar-se das outras do resto do país-jardim, por uma barreira de montanhas entrecortadas. Nas rampas acham-se terras aplainadas e áridas que já não são mais produtivas. Até a paisagem parece estar-se desintegrando. Grandes pedras e montes de detritos dispersos, parecem esperar que o vento e a chuva os arremessem em direção das rampas.

Porém, deixando atrás as montanhas, iniciam-se novamente as culturas, pois Saragoça está cercada por uma rica "huerta" ou planície banhada pelo rio Ebro e pelo Canal Imperial de Aragão.

Numa cidade de apenas 250 mil habitantes e tão distante do mar, representa uma surprêsa o encontro de tanto modernismo como o que se vê em Saragoça, a velha cidade que deu à Inglaterra Catarina de Aragão; há grandes construções antigas que mais parecem ilustrações de algum livro de histórias com seus castelos e príncipes, mas também se vêem casas modernas, edifícios de escritórios e lojas elegantes.

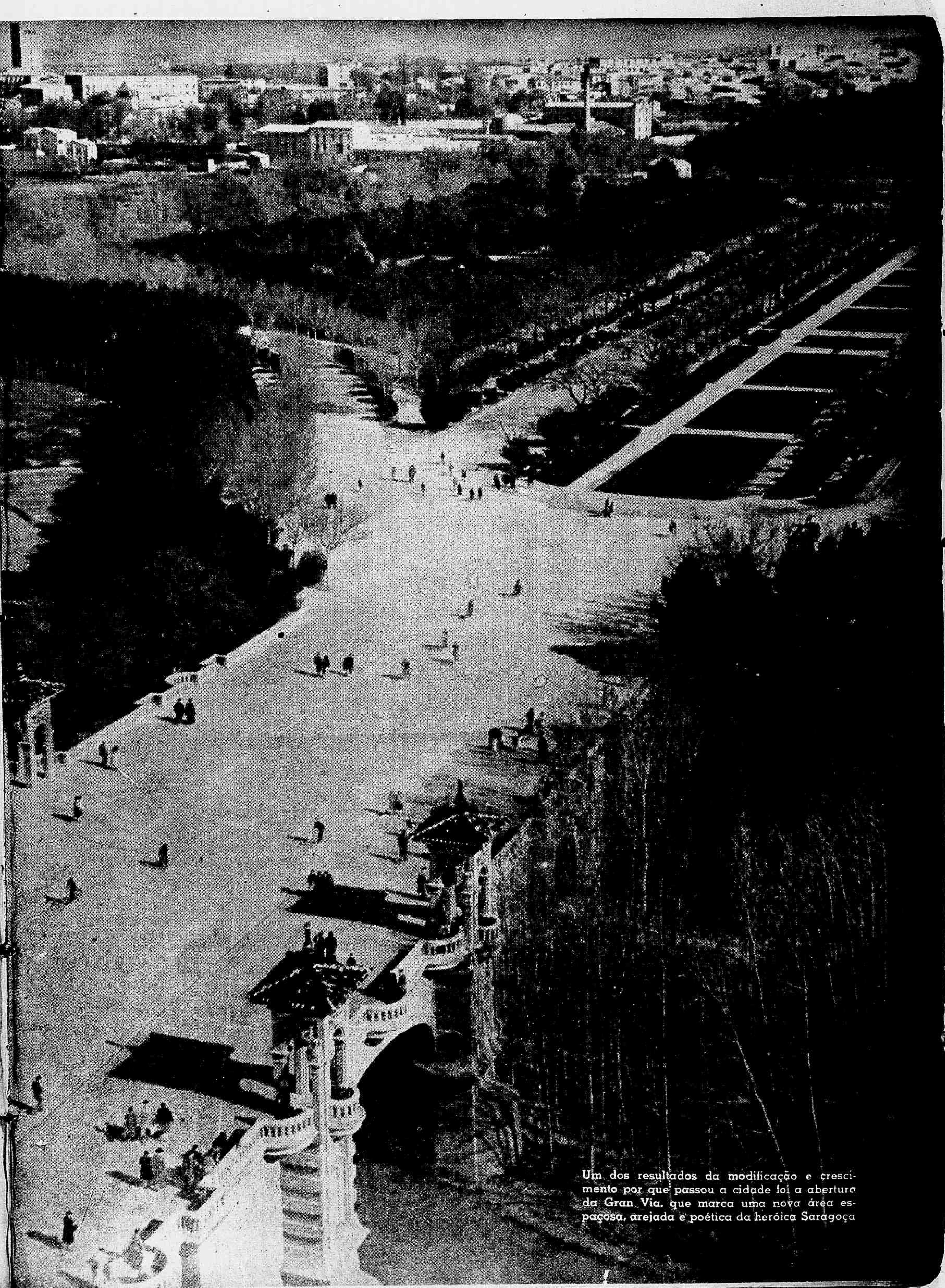
Um dos mais notáveis monumentos da cidade fica na Plaza del Portillo e comemora a bravura da "Donzela de Saragoça". Essa jovem — Agustina — que deu a Byron a inspiração para o seu épico "A Donzela de Saragoça", frustrou os exércitos franceses que tentavam entrar na cidade. Quando o seu amante baqueou ao pé do canhão, ela prosseguiu atirando contra o inimigo, evitando, assim, a queda da cidade. "A Donzela de Saragoça" é uma lembrança adequada da tradição militar da cidade.

Uma das vistas mais comuns em suas ruas é oferecida por grupos de recrutas marchando em direção a um dos enormes quartéis que brotam nos limites da cidade. Jovens calçando sapatos de lona, usando calças remendadas e lenços à cabeça, carregando pertences em bôlsas de madeira, chegam aos milhares, por via férrea, a fim de serem transformados em soldados para os exércitos de Franco.

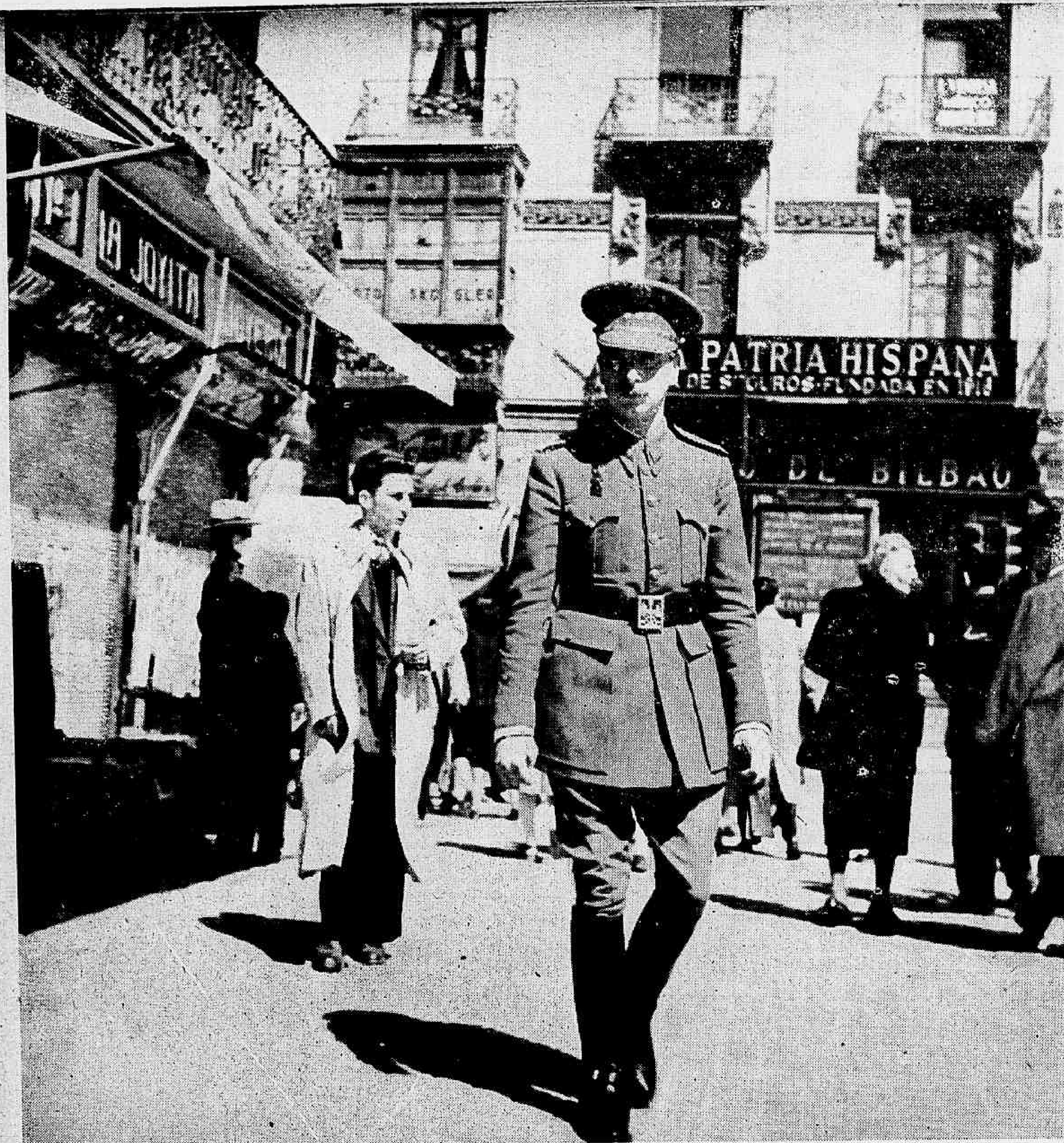
Outras vistas militares são sempre parte da vida de Saragoça. Tropas envergando grandes casacos enrolados no corpo e usando resistentes capacetes de aço do tipo dos da "Wehrmacht", são freqüentemente vistos na cidade. E' que os governantes do país vêem o seu país, num futuro conflito, como o último reduto de trincheiras numa Europa invadida. Neste aspecto vêem os Pirineus como uma linha de defesa e Saragoça como a cidade que a domina.



Tipos tradicionais da velha Saragoça ainda são vistos nas ruas da cidade, entre os mais idosos e conservadores



Um dos resultados da modificação e crescimento por que passou a cidade foi a abertura da Gran Via, que marca uma nova área espaçosa, arejada e poética da heróica Saragoça



A tôrre da Catedral de La Seo que recorda a adaptação por que passou o minarete de antiga mesquita da ocupação mourisca, vista de ruas típicas da velha Espanha

Apesar de não ter tomado parte na última conflagração mundial, a Espanha sofreu enormemente com a prolongada e sangrenta guerra civil que antecedeu ao conflito entre os continentes. Acham mesmo os historiadores e os técnicos em coisas bélicas, que foi a Espanha um campo de experimentações e testes sôbre estratégia e armas novas durante a luta civil entre Franco e os republicanos.

Mussolini e Hitler simpatizavam com a causa de Franco e o prestigiaram até a vitória final. As armas do "Eixo" figuravam nos exércitos de Franco e a Espanha serviu de laboratório para uma guerra de proporções espantosas que irrompeu pouco tempo depois.

Para corresponder a êsse serviço de Hitler, Franco mobilizou um corpo de exército denominado a "Divisão Azul" e a mandou em defesa dos alemães na frente russa. Embora não tendo podido entrar aberta e diretamente na guerra contra os aliados ocidentais, a Espanha soube manter-se numa neutralidade que não desgostou Hitler.

Sempre que o lider alemão procurava estimular Franco numa decisão audaz e perigosa, êle lembrava que a Inglaterra dominava Gibraltar e, daquele penhasco-fortaleza, podiam sair os exércitos, os aviões e as esquadras para abater a Espanha. E tinha razão. Por mais de uma vez o "Eixo" tentou anular a Inglaterra em Gibraltar, mas, de tôdas as vêzes fracassou.

Não pôde, pois, a Espanha, tomar parte na última grande guerra, mantendo-se neutra. Mas, no momento presente, seu govêrno não se descuida da preparação militar de sua mocidade e mantém um exército bem armado e bem disciplinado.

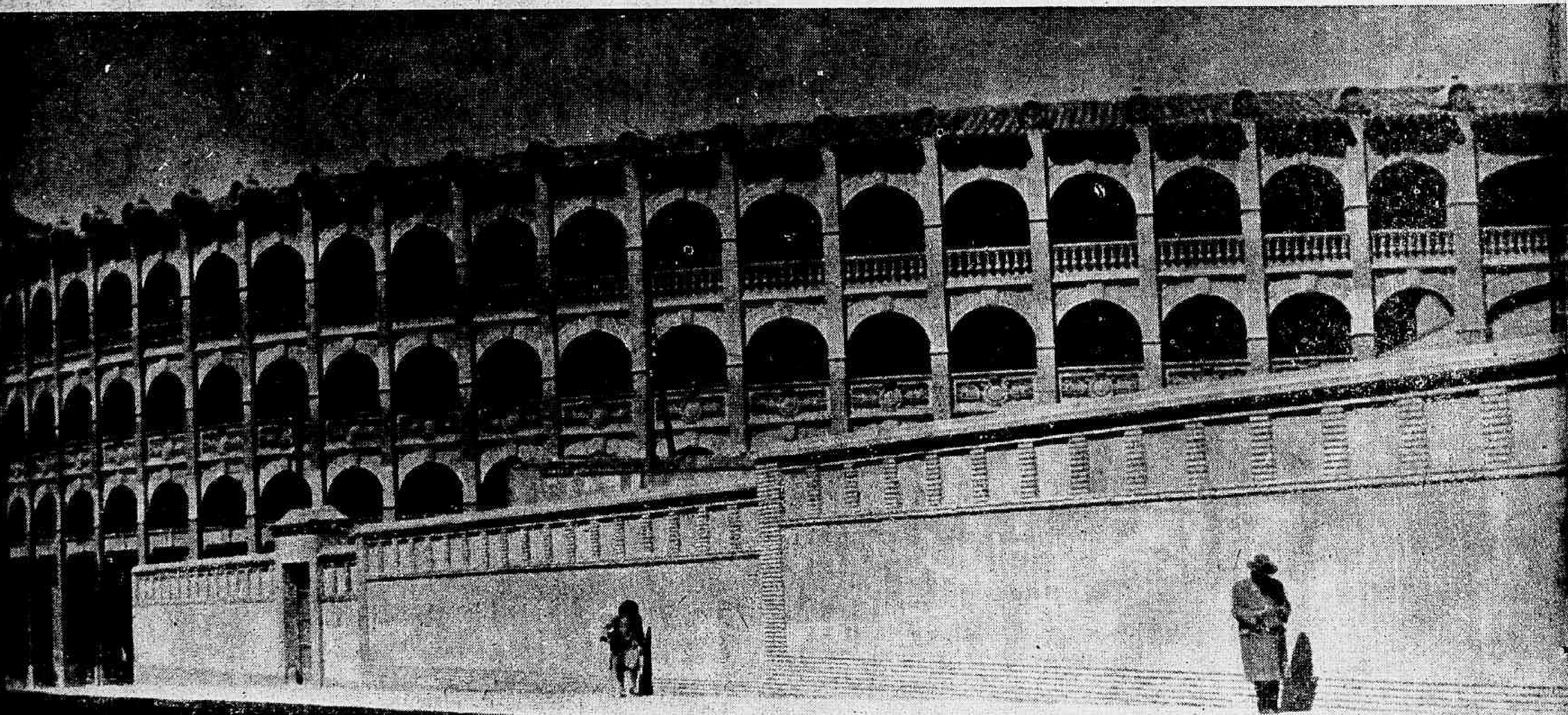
Tem como vizinhos a França e Portugal, êste um aliado seu. Faz poucos dias Franco visitou Salazar em Lisboa e a troca de cortesias foi mútua e sincera. Franco não pode deixar de manter sua aliança com os velhos lusos, pois que a peninsula ibérica é um baluarte para a Europa Ocidental contra qualquer invasor que vier pelo Atlântico ou pelos Pirineus.

A França, embora não seja inimiga da Espanha, não oferece a Franco as mesmas seguranças politico-militares que oferece Portugal. E' por êsse motivo que os espanhóis nutrem cada vez mais a amizade com Salazar e seu povo, em face de uma Europa convulsionada e cheia de perigos.

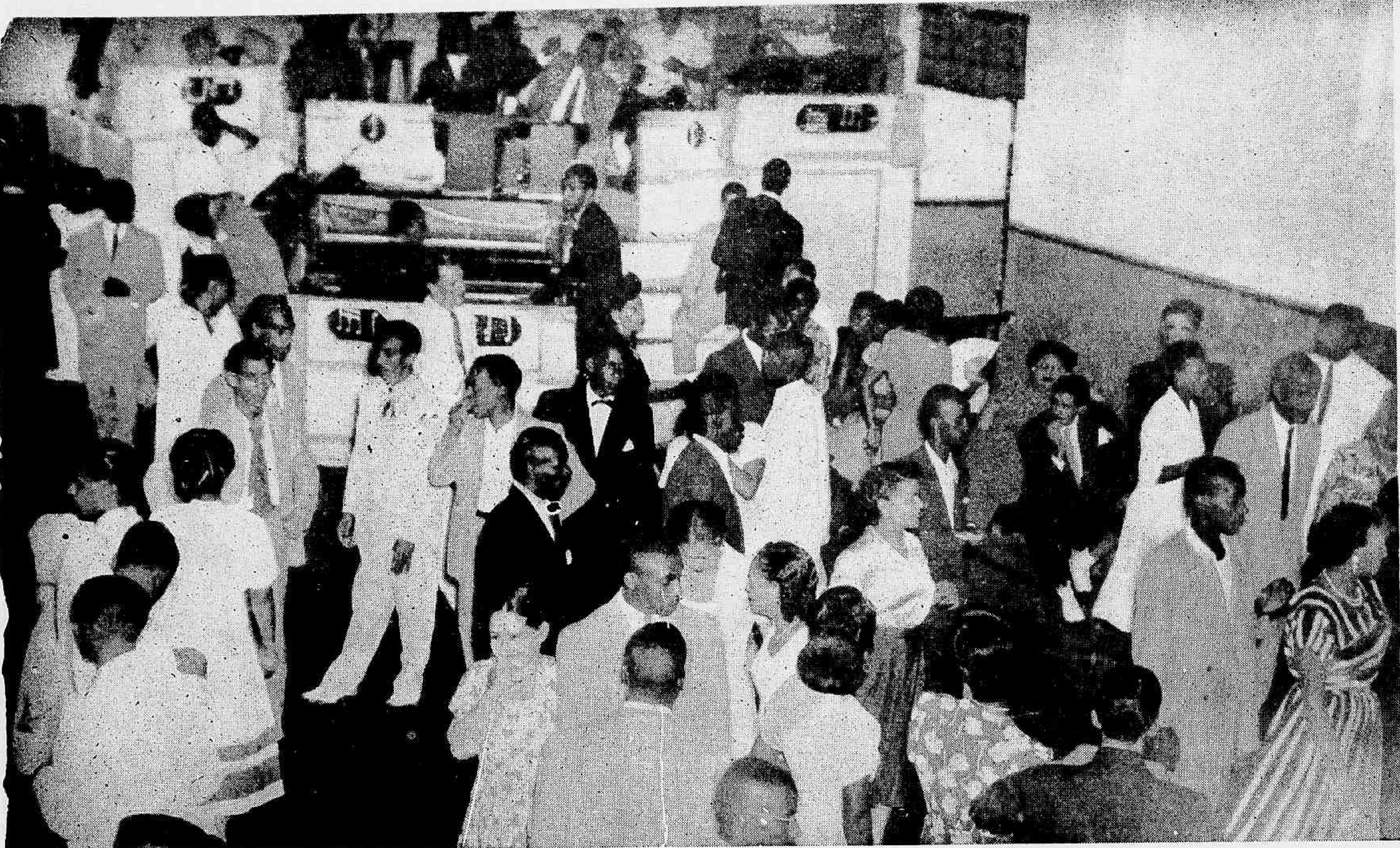
Saragoça tem uma história repleta de heroismos guerreiros. Em 1808 a cidade sustentou um dos mais sangrentos sitios de que há memória. O cêrco da cidade pelas tropas de Napoleão se prolongou de 15 de junho de 1808 a 19 de fevereiro de 1809, tomando parte em sua defesa o povo, as mulheres e os monjes dos conventos.

Embora hoje um povo entregue aos trabalhos da paz, o espanhol de Saragoça não se distrai e olha sempre para os pincaros da cadeia de montanhas, na eterna vigilância de quem não pode ser apanhado a dormir.

Em cima: Na Plaza de España os uniformes militares são a coisa mais comum dêste mundo, destacando-se o garbo da oficialidade. Em baixo: como em outras cidades do país, Saragoça também possui sua grande praça de touros como vemos neste magnífico estádio onde "los matadores" fazem delirar as multidões, como aqui o fazem os "cracks" do futebol







VAI COMEÇAR O BAILE...

Stefan Zweig, Pablo Neruda e outros grandes escritores visitaram êsses redutos noturnos deliciando-se com o seu inédito. Uma gafieira, antes, durante e depois do Carnaval, é um amplo campo de observação. Ali imperam princípios de moral bastante rígidos, e quem não se portar convenientemente, corre o perigo de ir parar no asfalto da rua

GAFIEIRA --- A "BOITE" DAS EMPREGADINHAS

"Madame, amanhã, não terá o ajantarado" ★ Faltará alguém ao "pif-paf" do senador ★ Onde Otelo, não o Grande, mas o de Shakespeare, faz escola ★ "Eu, hein Rosa!" ★ Onde se comprova que do mundo nada se leva ★ Amor em tempo de samba

Reportagem de ARMANDO PACHECO

ORA, direis... uma gafieira! E eu vos direi, no entanto, que muita noite, pálido d'espanto, ficava in-sone à escuta da música bizarra que cor-va os ares do bairro, penetrando meu uarto de solteiro, vinda do "baile" das brochas. Era o eco da gafieira, o clube s empregadinhas, onde o "colored" mun-o das domésticas do Rio arrasta pé ma-ugada a dentro. Que importa à negra atrosa, dengosa, cheia de malemolência, ue exala xexéu dançando colada ao seu egо", que amanhã a patroa não tenha o ntarado a tempo de participar do pif-f em casa do senador?

A noite está linda e é um convite inde-inável ao amor. Por isso ela súa e sonha s braços maciços do servente de pe-eiro ao compasso do (parece de pro-ito) do "S. Louis Blues". O salão está inhado, carapinhas lustrósas de brilhan-ina Briar, sem nenhuma ventilação, num ar de perfumes baratos mesclados aos an Patou e Lanvin furtados às patroas. res escandalosamente enroscados riscam encerado. Cruzam-se suspiros, olhares pidos. E bailam também promessas e pe-dos inequivocos. O clarinêta solou o efrain" do grande "blue" que Handy heu entre os negros do Mississipi. Agora vez do piston gemendo o atavismo mu-al com arte que enche de orgulho ra-ta o solitário mestiço se encharcando de veja no bar ao fundo. Pronto, acabou stacato", passou o "scherzo", sobreveio "smorzando". Mas a orquestra emendou o estridente "swing em ritmo de samba, cabrochada se desmilingue possuida do írito de Harlem pairando na praça Onze velhos tempos, ó manes da Serra !!!

POESIA E ROMANCE NA GAFIEIRA

dos mais pitorescos espetáculos po-ares privados no Rio uma festa na eira. Stefan Zweig, Pablo Neruda e ns outros escritores visitaram êsses re-os noturnos e negreiros se deliciando seu inédito. Não é muito fácil a um ples repórter pintar o cenário e des-er personagens tão heterogêneos, coisas ficariam bem aproveitadas pela caricaturista Mendez e pelo cronista Eudes Barros. Mesmo assim far-se-á o possível. Existem muitas gafieiras no Rio, as famosas pela tradição (como "Flor do Abacate", "Mimoso Resedá", "Flor do Manacá", "Elite", etc.) e as que se tornaram notáveis como assunto da reportagem de polícia. Há rivalidades e emulação, e há até certo ponto um "quê" de *preconceito social*, já que seria contra-senso a discriminação racial. Cada gafieira tem a sua moral, elástica como a de qualquer sociedade ou clube de brancos. Algumas são rigorosas e se uma nêguinha fôr pilhada em flagrante assanhamento no salão será eliminada do "carnet". O homem também. Algumas barram o ingresso dos reincidentes definitivamente. Os que não se curvam a essas decisões consideram-nas puro "chiquê", imitação negativa do mundo dos brancos. Responsável pela ordem e moral da gafieira, policiando o ambiente, com a intransigência de um buldogue e a fôrça de um cérbero, está no plano elevado do tablado o atlético e solene mestre-sala. Nada se passa sem a sua ciência. Se um casal se gruda mais do que o admissível, êle enfia o apito de "referee", dá três *fifiu* e ajunta inapelàvelmente: — Pára! Pára!



POESIA E ROMANCE

E' dos mais pitorescos o espetáculo de uma festa na gafieira. Para o observador tudo constitui novidade; para os frequentadores, tudo é poesia, romance, e às vezes amor...

"BALANCEZ! BALANCEZ!"

Imediatamente, ao ouvir o apito e a ordem, a orquestra interrompe a música, param a dança, e diante da curiosidade geral o *cérbero* denuncia os infratores:

— "O "cavaeiro" de "carça" branca e palitó prêto faz *favô* de parar com essas "más afiguração" com a *madama* de "vremeio"... Pela *prêmeira* "veis" passa, sinão: Rua!

Risinhos nervosos, risadas sôltas, assobios, esboço de vaia, mas acontece que o "cavaeiro" advertido é carne de pescoço, não se conforma e protesta:

— "Menas verdade", mestre Bartolomeu! Eu "tô" com minha noiva e não vou abusar... Ela é moça...

O "maitre" antes de tornar a apitar para continuar o baile, replica:

— "Menas verdade, não! Eu não minto! Eu vi *cum êstes óios* que a terra vai comê... (Fifiu, apitou): — Mestre, música!"

A festa reinicia até êle descobrir novo agarramento condenável, numa seqüência de incidentes pitorescos. Por exemplo, alguém achou um lenço feminino no chão e entregou-o ao mestre, êste, do alto do tablado, fêz cessar tudo, anunciando:

— Atenção! Foi encontrado um lencinho de mulher com as seguintes "iniciais": ó... ó... Peço que a verdadeira dona se "indentifique".

No meio da azáfama se destaca uma voz reivindicando:

— E' meu! E' meu! E' meu!

Geral curiosidade. Abrem alas e a dona da voz, que também se diz dona do lenço, atravessa a onda, parando frente ao "maitre" que, como juiz salomônico, quer se certificar antes de mais nada:

— "Péra" aí, menina! As "iniciás" são O. O. e "cumo" é mesmo teu nome?

— óróra ómeida... — responde ela tôda vaidosa, alvo de tôdas as atenções. O mestre-sala se conforma com a identificação:

— Tá bem, é seu! Tome...

Entrega rindo, satisfeito com a decifração das iniciais. E comanda:

— Muita música maestro! Continuem dançando e bebam mais "bear"... Hoje é sábado, amanhã domingo do pé de cachimbo, com o dia todo para se dormir. Mas, muito respeito, pessoal.

Nem bem acabara de recomendar, soou uma bofetada lá no meio da pista, ouvindo-se um estalar de beiços:

— "Cê bêsta nêgo safado! Me arrespeite, cabra ordinaro!"

Evidentemente, noutros ambientes supostamente granfinos há melhor policiamento de linguagem e o mestre decorou bem as palavras francesas para comandar a quadrilha. A negrada quer é fuzarca, orgia. O jazz está infernal com o "Tico-Tico no Fubá" e todo mundo dança. O calor abafa, sobe poeira no espaço de mistura com sovaco suado, cerveja derramada e fragrância de bodum. O cabelo espichado da criola gotêja suor e desmanchou o permanente a ferro e fogo. Uma Josefina Baker de forno e fogão serpenteia no centro da sala o samba de Zequinha de Abreu. A Lena Horne da Favela canta e encanta. Batem palmas. A falsa Josefina parece ser invertebrada, está agora se desmilinguindo. Céus! Isto aqui é África, Harlem, candomblé da Bahia ou recalques da Praça Onze?

Pescam-se retalhos de conversas, ouvem-se gritos histéricos, diálogos sem pé nem cabeça, o saxofone, a bateria, sobretudo a balbúrdia de vozes:

— "Galçon, célvêja! — Chi, mia fia, ocê tá uma uva! — ói meu calo! — Como você está cheiroso! — Calor dos diabos! — Chega mais para mim, Querubina... — Eu, hein, Rosa! — Tira a mão daí! — Ih, Malcílio, você tá me sufocano! — Quem foi o peste que me pisou na unha encravada!?? — Teresinha hoje está prosa! — Gilda, quero dançar com você. — O diabo é que trabalha amanhã, eu não!

"CHANGER DE PLACE"

Incrivelmente "decorada" com bandeirolas multicores de papel fino, a gafieira é a *boite* morena da cidade. Em seu meio a alegria é estuante, contagiante. A sala está, como diria o poeta, de *aromas cheia,* só que o aroma é de suor. A noite tem um manto de estrêlas. A orquestra bole com os sentidos e a multidão ginga. Estão todos alegres. E tontos. Apenas o criolo que entrou disfarçadamente, vestido na côr da epiderme, sapatos brancos e chapéu desabado sôbre os olhos maus, se mostra de péssimo humor. Chegou sem-cerimônia, tipo galã de cabroeira, mãos nas ilhargas e pôs-se desafiadoramente a procurar alguém sem fixar ninguém. Estranharam aquilo. O onipresente e oniciente mestre-sala nada vira, ocupado em expulsar um bêbedo e uma mulher inconveniente. O salão prorrompeu aos berros que iam num crescendo, sincopado, ensurdecedor, abafando a música:

— Tira o chapéu! Chapéu! Chapéu! Péu! Péu! Éu! Éu!...

O "espírito de porco" nada via nem ouvia. Nem te ligo. De repente o "maitre" furou a multidão, chegou junto ao intruso e com um safanão descobriu-o mostrando o pixaim armado com gomalina:

— Ei, rapaz. Não tá chovendo aqui, não!

O jovem tentou reagir e se coçou, o gigante de pixe limitou-se apenas a segurar-lhe a mão. Ouviu-se um grito de dor, o estalar de ossos e o conselho do Massiste de ébano:

(Cont. na pág. 44)





"CHANGER DE DAMES"...

Valsas, marchas, tangos, foxes, batuques e sambas, tudo é executado valentemente pela orquestra. Os músicos acabam "altos" e os pares deslizam sob a vigilância do "maitre". E o repórter não resistiu à tentação de voltear nos braços de uma sugestiva morena...





Nicodemus COM ÁGUA NA BÔCA, DÁ UNS CONSELHOS SÔBRE

O BANHO...

SE VOCÊ É UMA PILHA DE NERVOS FIO DESENCAPADO QUE DÁ CHOQUES AO MENOR CONTATO, TOME BANHOS QUENTES, DEMORADOS...



SE VOCÊ DURANTE O DIA SE SENTE CANSADO, COM UM PESO INEXPLICAVEL NO CORPO, COMECE O DIA COM UMA DUCHA QUENTE-FRIA, ALTERNADA E SE SENTIRÁ ALEGRE COMO UM PAS-SA-RI-NHO...



SE TEM PRESENTEMENTE DIFICULDADE EM DORMIR, SOFRE DE INSÔNIA, CONTA INCONSCIENTEMENTE BROTINHOS PULANDO CERCAS E NÃO CORRIQUEIROS CARNEIROS, TOME UM BANHO EM AGUA TÉPIDA...



...VOCÊ VOLTARÁ A DORMIR TÃO PROFUNDAMENTE À NOITE COMO DURANTE O EXPEDIENTE NA REPARTIÇÃO...



MAS, SE DEPOIS DESSAS SUGESTÕES, DESEJANDO ALCANÇAR A PERFEIÇÃO, NO CUMPRIMENTO DAS DEMAIS REGRAS PARAGRAFOS E ITENS OBSERVAI IRMÃO, OBSERVAI...

"BROTINHOS" E "BALZAQUEANAS"

ÊSTE Carnaval, cujos últimos acordes ainda zabumbam em nossos ouvidos, substituiu a velha polêmica das louras e morenas pelo debate a respeito dos "brotinhos" e das "balzaqueanas". Por menos que pareça, a canção de Carnaval é o reflexo humorístico, satírico, dos problemas do momento.

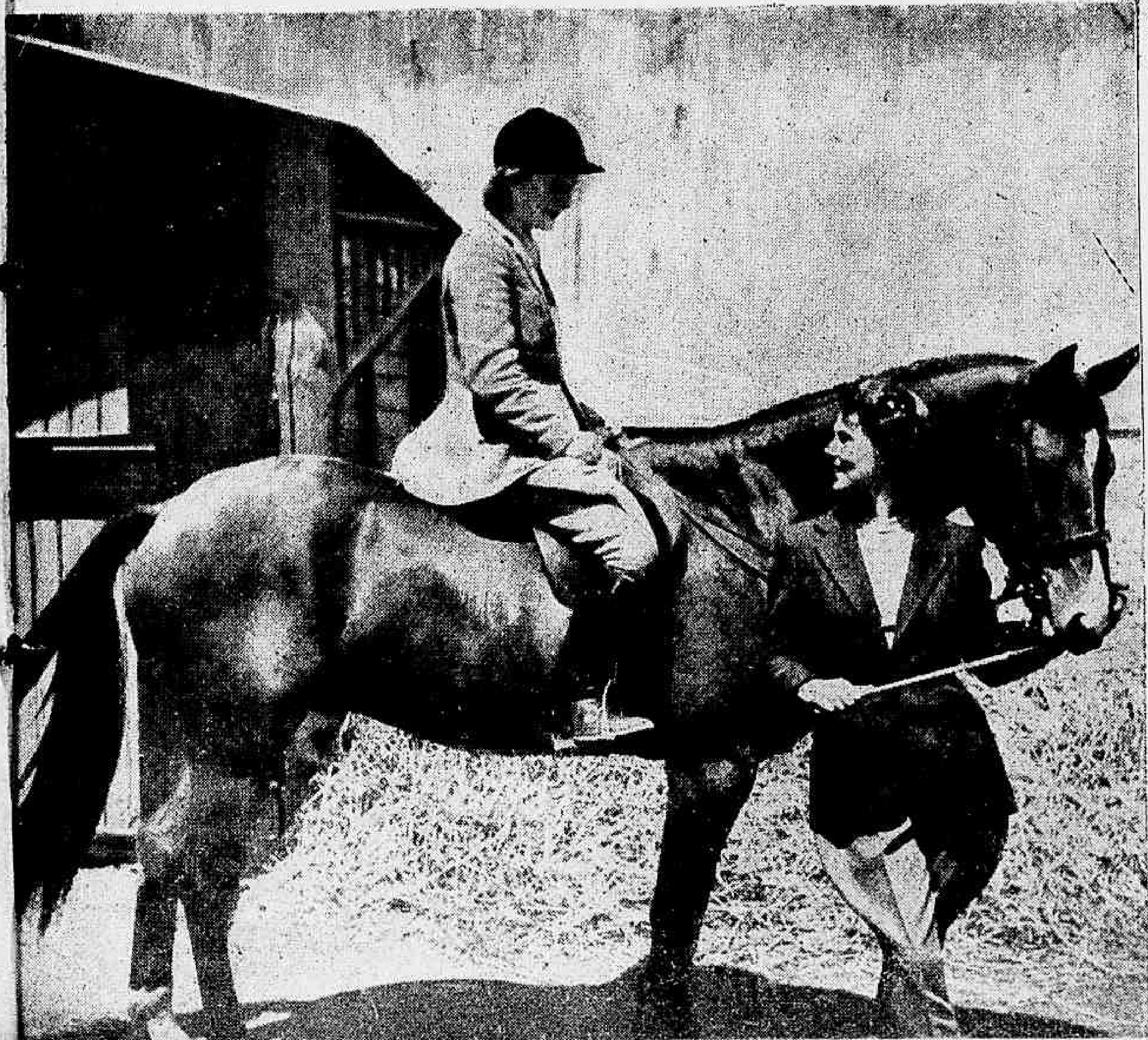
O carioca, como o parisiense, tem o espírito vivo da caricatura. Poderá não ser sempre fino, como acontece com a piada **boulevardière**, mas, como aquela, é sempre um instantâneo que fixa o sério e o ridículo com um grão de sal. A canção de nosso Carnaval é êsse grão de sal... com música. A crônica brejeira do Rio vive nesses estribilhos carnavalescos, no ritmo dos sambas e no remexido das marchinhas — feitos para os três dias dedicados a Momo. A vida da cidade canta os seus problemas no Carnaval. Durante alguns anos, predominava nas canções o critério da preferência masculina pelos tipos de mulher. A antiga discussão, lançada por Anita Loos no seu romance — "Os homens preferem as louras" — se estabeleceu no samba e na marcha. Parece que era essa a polêmica mais importante, no que tocava ao amor — nesta amorosíssima Cidade Maravilhosa. As lourinhas de olhos claros de cristal — como na canção famosa — tiveram seu apogeu. Mas o samba, que é mestiço, vingou-se erigindo as morenas e até as mulatas em deusas inspiradoras. Parece que foi a guerra que alterou o critério da pigmentação na musa do samba. Primeiro, Hitler — o réprobo — andou falando em racismo e fêz uma guerra por isso. O sambista resolveu ser do contra, contra aquêle maníaco — e ficou eclético, em matéria de côr de peles. Reagiu. Adotou, como no verso do poeta, uma democracia completa: "loura ou morena, preta ou azul"... Azul é exagêro, está claro, mas dá a última palavra em matéria anti-racista.

O Carnaval dêste ano não fêz referência a tipos. Voltou-se para o problema da idade, em tom carnavalesco. No fundo, é êsse realmente o problema importante para os homens, no momento que passa. Por que? Ao que tudo indica — ainda uma conseqüência da guerra.

Parece que as mulheres procuram valer-se da idade para obter prestígio junto aos homens. A matança em massa, dos homens, colocou em igualdade de condições, isto é, com escassas possibilidades do casamento — tanto as moças em flor, de Proust — que o espírito carioca denominou "brotinhos" — como as viúvas ou as senhoritas mais idosas, de trinta anos confessáveis... fazendo recordar a heroína de Balzac. Assim, nessa corrida, se as primeiras procuram impor a mocidade como uma qualidade indispensável, as segundas tentam demonstrar as excelências da madureza, do senso,

(Cont. na pág. 44)





VERÃO NAS MONTANHAS

OS rigores de um verão inclemente e prolongado, faz com que nos sintamos quase obrigados a nos retirarmos para as estações de águas, lugares de veraneio ou praias distantes, onde o sossêgo do ambiente e a suavidade do clima ajudam-nos a retemperar as fôrças. Para as que preferem passar o período de verão nas montanhas, cavalgando em longos passeios campestres, aqui estão estampados alguns sugestivos modelos que você poderá incluir no seu guarda-roupa de férias.





"CONVERSÍVEIS"

PRÁTICOS e elegantes são êstes modelos conversíveis, que por suas variações se adaptam às diversas ocasiões. Ao alto à esquerda, temos um vestido inteiro com saia justa e gola esportiva; casaco justo na cintura, para ser usado com a gola para fora. À direita, modêlo juvenil bem decotado e sem mangas; acompanha-o casaco justo na cintura, abotoado na frente. Finalmente, em baixo, para o verão, êste modêlo sugestivo, sem alças, saia ampla; poderá ser usado com um casaco de "faille" com mangas compridas e gola alta.







ENCANTADORES são os variados modelos que apresentamos nesta página. Os mais variados tecidos são empregados na sua confecção. Em cima, modêlo em tecido escocês, predominando o vermelho. A seguir, modêlo em "faille" prêto, adornos em veludo. À direita, linho prêto bordado, para o traje de passeio. Em baixo, da esquerda para a direita, casaco inteiro em "pied-de-poule", vestido em jersey plissado, casimira mescla para um elegante "tailleur"; finalmente, linho estampado para um traje mais simples.

MODELOS VARIADOS









A elegância do vestido preto









MESMO durante o verão os vestidos pretos encontram oportunidade para fazerem parte do guarda-roupa de qualquer mulher elegante. Para amenizar um pouco o rigor da côr, escolham côres claras, de preferência o branco, para os seus acessórios, decotes amplos ou mangas japonesas. Nesta página apresentamos alguns variados e sugestivos modelos para tôdas as horas do dia. Para a manhã, um modêlo simples, com gola de fustão branco; para o almôço, modêlo simples em seda lisa; para a tarde, modêlo em seda pesada com pelerina; para o "cock-tail", modêlo em tafetá, decote amplo, grande gola. Finalmente, para o jantar, modêlo duas peças, blusa de veludo, saia drapeada.







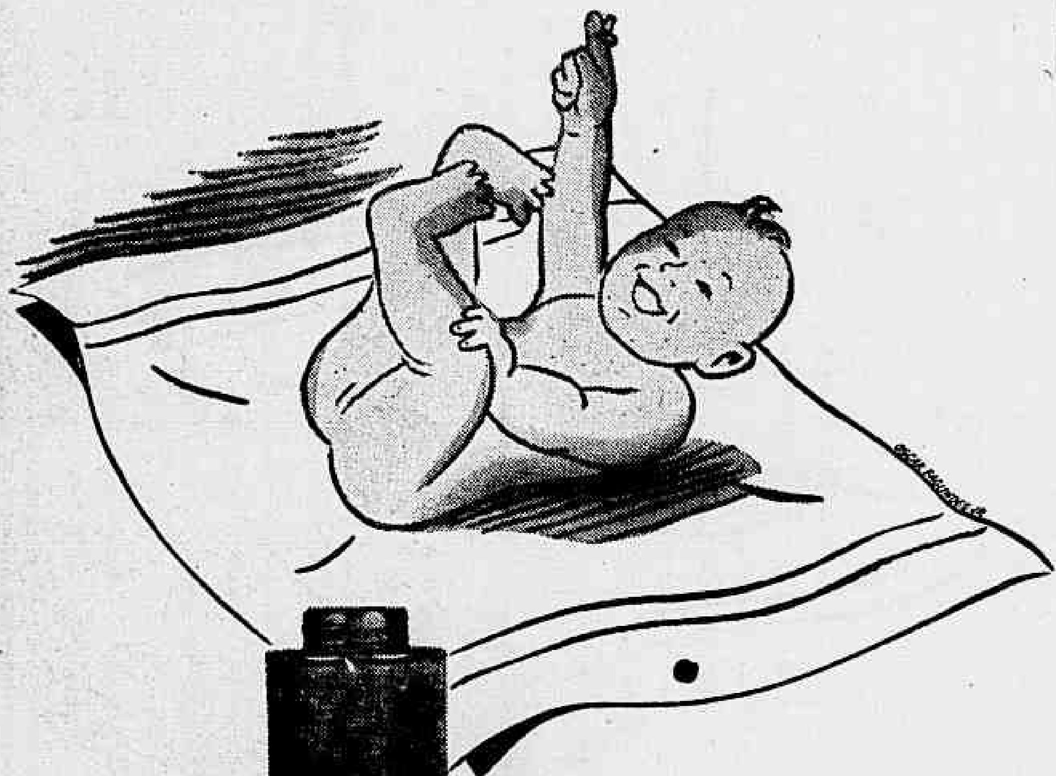
PARA A NOITE



ELEGANTES e sugestivos são os modelos apresentados nesta página. Criações de famosos nomes como Jacques Griffe, Marcele Charmont, Nina Ricci, etc., êstes vestidos constituirão por certo, a nota suprema de elegância e bom gôsto no guarda-roupa de qualquer mulher elegante.



não esqueça o bêbê ...





atenda-o com

Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Passou a dôr? -um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



WEEK-END



RECHEIO DE LEGUMES

Parta em dados de 1 cm. um punhado de vagens, 4 cenouras e 2 nabos; leve a cozinhar em água a ferver, sal e ½ colhér de açúcar; escorra bem e guarde. Toste 1 colhér de cebolas raladas com 1 colhér de manteiga. Molhe com 2 xícaras de leite, ferva um pouco e vá juntando farinha, batendo com um batedor até ficar como um creme ralo; Incorpore 3 ovos, sempre batendo. Retire do fogo: junte 3 colhéres de queijo ralado e os legumes.

★

OSTRAS RECHEADAS

Tome 36 ostras regulares, tire das cascas e escolha as 24 conchas melhores e lave bem com uma escova. Tome as ostras e leve a cozinhar num refogado com cebolas, cheiro, tomates, 2 cálices de água e sal. Retire depois as ostras e parta aos pedacinhos. Côe o môlho, incorpore 1 xícara de caldo, 1 colhér de farinha de trigo tostada em 1 colhér de manteiga, 2 cálices de vinho, 2 gemas e leve a engrossar. Deve ficar um creme espesso. Adicione as ostras e 2 colhéres de queijo ralado. Encha com êste recheio as conchas reservadas, polvilhe com pó de pão misturado com queijo ralado. Coloque no centro de cada uma, 1 pedacinho de manteiga e leve a tostar no forno. Arrume as ostras recheadas num prato redondo com 1 rodela de limão sôbre cada uma e pontas de agrião em redor.

★

ESPINAFRES EM TORRADAS

Tome 6 molhos de espinafres, escolha as folhas e leve a cozinhar sem água. Depois esprema, bata com o facão e deite numa caçarola onde já deve estar 1 colhér de manteiga quente. Junte 2 colhéres de leite, sal e passe um pouco. Descasque pão de véspera, parta 12 fatias de 1 cm. de espessura, e leve a tostar na grelha ou no forno quente. Passe manteiga, deite por cima uma camada grossa de espinafre e enfeite com 2 ovos duros, passados no espremedor diretamente sôbre o espinafre. Ficam como cobrinhas.

★

COSTELETAS DE PORCO

Prepare 12 costeletas, arregace a carne dos cabos e tempere com limão e sal. Enxugue bem, passe em farinha de trigo e frite em banha quente. Arrume cada costeleta com um pouco de môlho em cima e coloque-as ao redor do prato com os cabos para fora. Encha o centro com bolinhos de repolho em pirâmide.

★

SOUFLÉ DE CAMARÃO

Desmanche 100 grs. de farinha de trigo com 3 xícaras de leite. Tempere com sal, um nada de noz-moscada e ½ colherzinha de môlho inglês. Leve ao fogo para engrossar e junte, fora do fogo, 60 grs. de queijo Parmezão ralado, 1 colhér de manteiga, 1 quilo de camarões cozidos e passados na máquina e 6 gemas. Meia hora antes de servir, junte as 6 claras em neve, despeje em 12 potes de porcelana, só até o meio e leve a assar em forno regular. Logo que cresça, tire e sirva nos próprios potes, mas se não os tiver, leve o souflé a assar numa fôrma de porcelana untada de manteiga.



NA COZINHA

VITELA ASSADA COM LEITE

Tome de véspera um bom pêso de vitela, de 3 quilos; tire o sebo e as peles, tempere de sal; cubra de leite e guarde na geladeira. No dia seguinte, quando fôr para o fôrno, escorra o leite, deite na assadeira, cubra com bastante manteiga de côco e leve a assar. Quando espetar o garfo e em vez de sangue sair uma água inteiramente rosada, está pronta. Não se esqueça de regar constantemente com o próprio môlho, o qual deve ser desengordurado e servido na molheira.

Para apresentar êsse prato, corte as fatias da vitela do mesmo tamanho e arrume uma sôbre outra no meio do prato. Dos lados arrume feijão e nas cabeceiras as batatas, uma sôbre as outras, como meias coroas. Sirva o molho na molheira, ou apenas derrame sôbre a vitela em pouca quantidade.

★

PIMENTÃO RECHEADO

Tome pimentões regulares, verdes e do mesmo tamanho. Corte fora os cabos e parta ao meio, sem destacar as partes e retire as sementes. Jogue em água a ferver e quando levantar a fervura de novo, retire para uma peneira. Tome restos de carne assada, de qualquer qualidade, pique miúdo, junte a um refogado com tomates, 1 fatia de pão molhado no leite ou



em caldo, e leve a cozinhar um pouco. Adicione 2 ovos picados e introduza aos bocados dentro dos pimentões e os recomponha. Passe em ovos batidos com um pouco de farinha de trigo e leve a fritar no azeite ou na banha. Sirva ao redor de uma travessa de arroz solto.

★

OMELETE GEORGE SAND

Bata 10 ovos com 1 pitada de sal e 50 grs. de açúcar. Junte 4 colheres de creme de leiteria, grosso e fresco. Faça como qualquer omelete, fritando na manteiga. Antes de enrolar, deite dentro um rôlo de pedacinhos de frutas sêcas e marrons glacês, ligados com qualquer marmelada ou geléia fina. Cubra tudo com creme e ao redor faça uma cercadura com marrons glacês e cerejas "confites". Salpique com amêndoas picadas, misturadas com biscoitos palitos esfarelados, regue ligeiramente com manteiga derretida e leve ao forno por alguns instantes, ràpidamente, senão a omelete ficará dura.



EMPADINHAS DE CAMARÃO

Massa especial: Tome 450 grs. de farinha de trigo, junte 100 grs. de manteiga e 100 grs. de banha, derretidas juntas. Adicione 5 gemas e 1 colhér de água com 1 colherzinha de sal. Amasse bem, faça um rôlo e deixe descansar durante 1 hora. Depois corte em rodelas e vá forrando as forminhas, untadas de manteiga, deixando outras tantas rodelas de lado. Encha com o recheio, cubra com massa, corte ao redor com uma faca e doure com gemas desmanchadas em manteiga derretida.

★

SOPA DE ERVILHAS

Cozinhe em 2 ½ litros de caldo comum 250 grs. de ervilhas sêcas que tenham estado de môlho, 2 batatas doces e alho porrô. Depois de cozido, passe pela peneira, junte sal, 1 colhér de açúcar e leve a tomar corpo, sem engrossar demais. Adicione 1 lata de petits-pois escorrido e sirva com pedacinhos de pão torrado à parte. Pode dispensar o petits-pois.

★

CLARA FINA

Quando se quebra um ovo e se inclina para retirar a clara, esta cai como uma bola grossa, depois escorre então, um líquido fino; é êste a que se dá o nome de Clara Fina. Tem grande utilidade nesta série de receitas.

★

PASSAS RECHEADAS

Tome bonitos cachos de passas grandes, limpe com um pano úmido e dê-lhes um talho até o meio. Retire os caroços, e aí introduza pequeninas bolas de recheio, deixando a metade de fora, a fim de parecerem botões de flôres. Não retire as passas dos galhos. O recheio: Leve ao fogo 1 xícara rasa de açúcar, 50 grs. de amêndoas socadas bem finas, 3 gemas em neve, 1 colhér rasa de chá de farinha de trigo. Leve ao fogo e tome ponto de enrolar e deixe esfriar, para então fazer as bolinhas, passar em açúcar socado e peneirado e rechear as passas. Deixe ao ar para secarem.

TORTA ALEMÃ

Com o pêso de 4 ovos pese o açúcar, a manteiga, o chocolate e a farinha. Junte tudo, bata bem, deite em 2 fôrmas, chatas, e salpique com 200 grs. de amêndoas picadas e torradas. Depois de assadas, una as duas. Sirva à parte Creme Chantilly. Para sobremesa, una os bolos com geléia, passe 1 camada por cima e cubra com creme.



Antes, o cheiro dos inseticidas comuns não permitia seu uso no dormitório, em armários ou guarda-comidas... muitas vezes, manchavam o assoalho e os móveis envernizados.

Agora, NEOCID EM PÓ pode ser usado em qualquer lugar e sobre qualquer superfície, até mesmo sobre roupa branca... não deixa manchas e

...não deixa cheiro desagradável



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazém ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como a aplicação é mais agradável para livrar-se de baratas, formigas, pulgas, percevejos e traças.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID em pó

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

O MEU ESTRANHO CASO DE AMOR

(Cont. da pág. 25)

E' dever de um lar a perfeita conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

— Essa é formidável — disse-lhe logo que pude conter o riso. — Pois fique sabendo que minha secretária se chama Tânia Litoff e é genuinamente russa.

— E'? — respondeu embaraçada. — E' boa mesmo. Mas deixe que eu lhe diga, Hélio, que essa coruja não parece nada uma russa. Que óculos! Que dentes! Que traje! Como você consegue suportá-la?

— Porque trabalhamos em salas separadas. Do contrário, enlouqueceria. Tânia é simplesmente um pequeno monstro vestido de palhaço.

— Boa comparação, Hélio. E como auxiliar?

— Perfeita. Ah, se não fôsse isso há muito que ela se teria ido. Contudo, sua eficiência supera a feiura.

— Como foi que a descobriu?

— Não sei precisamente. O certo é que ela se apresentou no momento exato em que sua antecessora me pedia as contas deixando um mundo de coisas por fazer. Assim cheio de serviços já começava a preocupar-me com a necessidade dos anúncios, as candidatas numerosas, a escolha difícil. Tânia veio do céu. (Que blasfêmia). Satisfez tôdas as exigências do emprêgo e aí está. Não me arrependi de tê-la admitido, pois a moça se fêz indispensável.

— Felizmente, ela é um pequeno monstro, do contrário... — disse Manon com malícia.

— Ciumenta... — falei-lhe brincando.

— Bem. Deixemos sua secretária e falemos de nós. Jantaremos juntos, hoje? Depois iremos ao cinema, teatro ou qualquer lugar que você escolher.

— Feito. São... cinco e trinta, não precisarei voltar ao escritório. Podemos ir. — saimos, tendo deixado com Tânia as instruções necessárias.

— Se o garôto da carta voltar? — perguntou-me ela.

— Êste não voltará. — disse-lhe com segurança.

— Quem é o garôto da carta? — perguntou Manon com curiosidade.

— Foi o portador da carta de um amigo — respondi evasivamente.

— Bem. Vamos jantar e esqueçamos os trabalhos e os amigos.

A companhia de Manon não conseguiu desfazer certa ansiedade que se estabelecera em meu espírito. O jantar não me agradou e nem tomei conhecimento do filme que fomos ver em seguida. Às onze horas fui levá-la em casa, pretêxtando um trabalho a terminar antes da meia-noite. Tão logo me vi sòzinho, tirei do bôlso a carta que me vinha preocupando e li mais uma vez: "Mr. Marshal. Se gosta de emoções violentas e de aventuras excitantes, encontre-me à meia-noite, no endereço abaixo indicado". Estava assinado com esta palavra: "Árvore". Aquilo era simplesmente infantil e eu não pretendia atender a tal convite. Todavia, por mais que me quisesse esquecer do tal bilhete não o conseguia, e, involuntàriamente comecei a descer a rua em direção ao enderêço indicado. Não dera cem passos quando fui atacado por três homens que se atirando sôbre mim quase não me deixaram tempo para a defesa. Tudo que pude fazer foi aplicar um direto no queixo do primeiro atacante, mas logo fui dominado e um violento golpe na cabeça me fêz dormir no mesmo instante.

Quando despertei, estava deitado sôbre confortável "chaise-long" e sentia certa sensação de bem-estar. Abri os olhos e compreendi a razão. Uma jovem, loura como um anjo, estava inclinada sôbre o meu rosto fazendo-me beber um trago do legítimo "Viuve Clicot". Um perfume suave espalhava-se no ar. Instintivamente tentei retirar a fina máscara de setim e renda que cobria aquelas feições que adivinhei divinas e das quais via-se apenas dois grandes olhos azuis. Mas o meu gesto mal chegou a ser esboçado: meus braços estavam ligados à espreguiçadeira. Um sorriso iluminou os lábios rosados que apareciam sob a renda. Dentes que pareciam talhados em pérolas cintilaram sob êsse sorriso. A jovem ergueu-se e afastou-se um pouco e só então pude admirar em sua plenitude, a sedução existente naquela mulher. Seu corpo bem talhado, cujas formas o "soirée" negro mais acentuava, mostrava-se delgado e flexível. Seu colo de nácar, alvo e assentinado, saindo do decote negro mais parecia pétalas de uma flor sôbre vaso de ébano. Se eu estivesse livre, ter-me-ia atirado aos pés daquela mulher declarando-me escravo de sua estonteante beleza. Quando por fim, lutando desesperadamente pude desviar o olhar fascinado, daquela estranha jovem, examinei o lugar onde me encontrava. Era uma pequena e luxuosa sala, ricamente mobiliada. Sôbre a mesinha de pau-cetim, repousavam as duas taças que ela enchia no momento com o delicioso liquido. Sua voz encerrava um mundo de harmonia quando falou:

— Êste é o vinho mais velho que temos em casa.

— E você é a jovem mais linda que no mundo existe.

— Poeta?

— Advogado e... detective.

— Situação extravagante para um detective — disse com ironia.

— Estravagante e divina — retruquei divertido. — Retire a máscara.

— E' muito cedo, ainda. Aceita um convite para outros encontros?

— Iguais a êste ou... estarei livre? — perguntei insinuante.

— Iguais a êste... os primeiros.

— Enfrentarei tudo para vê-la novamente — respondi com galanteria.

— Também... outro golpe na cabeça? — perguntou tocando um enorme "galo" na parte posterior do crânio e onde ela já colocara compressa de sal e vinagre. Senti dor pela primeira vez, desde que despertara ali.

— Não é possível substituir o golpe por... narcótico? — perguntei ansioso.

— Talvez. Vou consultar meus amigos — dizendo isto a jovem bateu palmas. Segundos depois entrava um homem mascarado, perguntando estouvadamente:

— O que foi, Árvore? Êste zinho está se fazendo de tôlo?

— Não — respondeu a moça com risos na voz. — Não Vintimiglia, êle deseja apenas saber se é possível substituir o golpe por narcótico.

— Bem, isso... só consultando Melky e Astolfo. Vou chamá-los.

O tal Vintimiglia saiu e Árvore voltou a segurar a taça para que eu pudesse beber. Minutos depois entravam os três homens, todos mascarados. Perguntei surpreendido:

— Isto é uma quadrilha? Por que usam máscara?

— Só quando trabalham. São ótimos rapazes.

— Afinal, o que querem de mim? Dinheiro?

A moça deu gargalhadas.

— Dinheiro? Saiba Mr. Hélio Marshal, que nós temos mais dinheiro do que o ilustre advogado-detective.

— Não compreendo. Por que então, êsse rapto?

— E' muito fácil de compreender mas não lhe quero explicar nada. Você terá que vir aqui, trazido por Vintimiglia, como aconteceu ontem...

— Quê? — interrompi num sobressalto. — Você disse ontem?

— Claro que sim. Você dormiu bastante, não acha?

— Meu Deus — exclamei preocupado. — Johnny vai pensar que algo me aconteceu.

— E o que lhe está acontecendo... não é... algo?

— Cale-se! — falei enfurecido. — Você não sabe o que é responsabilidade. Se vocês não querem dinheiro, que diabo querem de mim?

— Calma, Mr. Marshall. Vintimiglia vai levá-lo. Sua revolta irrita-me.

O tal Vintimiglia aproximou-se e disse: — Já falei com os dois. Êles nada têm a opôr. Escrevem ambos pela minha pena.

— Lêem pela minha cartilha — corrigiu a moça.

— Lê pela minha cartilha, escreve pela minha pena... vem dar no mesmo. A gente já nem entende essas gírias — respondeu estouvadamente.

— Vamos, mãos à obra. Vou aplicar-lhe o narcótico, Mr. Marshal.

— Não era suficiente vendarem-me os olhos?

— Nada disso — disse a jovem. — Você é demasiado forte para que se possa facilitar. O narcótico é mais seguro.

"Árvore" aproximou-se de mim com uma mecha de algodão embebida num liquido incolor. Antes, porém, que me tapasse o nariz, aproximou seu rosto do meu e seus lábios vieram pousar em minha bôca, num delicado beijo. Fiquei mudo de surprêsa. Seria uma alucinação? Foi com êsse pensamento que senti as trevas invadirem meu cérebro. Quando despertei, a primeira coisa que vi foi os horríveis óculos escuros de Tânia. Ela se mostrava aflita, esfregava-me o rosto com um lenço molhado de água.

— Mr. Marshal — ouvi sua voz fanhosa dizer. — Que aconteceu? Dois homens o trouxeram. Será que o senhor bebeu demais?

— Ooooh!... não foi nada, Miss Tânia... Coooomo? Que disse? Dois homens trouxeram-me? Quem são êles? Onde estão? — perguntei-lhe apressadamente.

— Calma, dr. Hélio. Êles já se foram. Só vieram trazê-lo.

Passei um dia aborrecido. Às vêzes imaginava que sonhara. Tudo aquilo era fantástico para ser real. Deprimido pela expectativa, só respirei aliviado quando já estava pela segunda vez naquela esquina escura e deserta, esperando os meus raptores. Tomara certas providências que acreditava seriam bem sucedidas.

E coisa foi repetida. A minha deusa exibia nova "toilette" e seu encanto pareceu-me ainda maior. Só não gostei da repetição da cena em meu escritório.

— Desperte, dr. Hélio — Tânia falava aflita. — Será que isto vai acontecer...

— Oooh! O que foi Miss Tânia?

— Será que isto vai ficar para costume?

— Não, Miss Tânia. Espero que tudo termine hoje.

A campainha do telefone pareceu aos meus ouvidos um zumbido ensurdecedor. E a voz de Tânia, qual um tacho rachado, acabou por despertar-me.

— Alô! Sim. Escritório do dr. Marshal. Quem? Dr. Virgo Lermes?...

— Dê-me o fone, depressa.

Arrebatei o aparelho da mão de minha secretária.

— Alô! Lermes? Sim, o Hélio. O que descobriste? — sua voz pelo fio era irritante.

— Venha ao meu apartamento que lhe contarei tudo.

No mesmo instante abandonei o escritório e voei para o hotel de Lermes. Em poucos minutos tocava sua campainha.

— Entre, Marshal. Você veio rápido, hein?

— Nem poderia ser o contrário. Estou ansioso pelas notícias. Que descobriu?

— Tal como você me recomendou, enviei um bilhete ameaçando o jovem Smith.

— Sei. Por sinal que êle se preocupou sobremodo. Mas vamos ao que interessa. Que conseguiu descobrir?

Lermes falou misteriosamente:

— E' melhor você sentar. Vai ser grande, a surprêsa.

— Desde quando começou a seguir-me ontem?

— Desde que você deixou o escritório.

— Depressa, Lermes. Conte-me tudo.

— Calma, meu rapaz. Você já pensou em casamento?

— Casamento? De quem? — perguntei desconsolado.

— O seu, naturalmente — respondeu, simulando seriedade.

— Ora, Lermes... Pelo amor de Deus. Não percamos tempo com futilidades...

— Futilidade? Quer dizer que não está apaixonado?

(Cont. na pág. 44)

O SEGRÊDO DE SUA BELEZA...

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele. sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE ! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67

Sob. — RIO DE JANEIRO

A SAÚDE DO BEBÊ

AVITAMINOSE C

DR. SABOIA RIBEIRO

O quadro da deficiência maior ou menor da vitamina C no organismo infantil liga-se, em geral, a uma dupla origem: nas crianças em que se revela logo cedo, pode-se imputar à má nutrição da própria genitora durante a gestação, isto éi por defeito de alimentação, a genitora não possuía boas reservas de vitaminas, e inclusive a C, e daí que a criança nasceu sem depósitos, no fígado da mesma, manifestando-se então a avitaminose logo no primeiro trimestre.

Quando os sinais da avitaminose, na criança, surge mais tarde, geralmente, o que há é defeito no seu próprio regime alimentar, seja porque o alimento é pobre da vitamina, seja porque a vitamina é destruída no próprio preparo do alimento, o que às mais das vêzes é devido à fervura do leite ou ausência de frutas e legumes nas refeições.

Como prevenção, portanto, da avitaminose C, na criança, há cuidar, então, de duas coisas: de um lado, em regime rico de frutas e verduras da gestante; de outro, adjunção de uma quota de suco de frutos, nos primeiros meses, que garanta à criança as suas necessidades dessa vitamina.

No feto, os depósitos de vitaminas se fazem, sobretudo, no último trimestre. Se, portanto, a criança vem à luz com bons depósitos de vitaminas, a dose de vitaminas diária, de que necessita, poderá ser introduzida para o segundo trimestre; porém, na dúvida, mal não há em instituir a vitaminização da mesma, antes do segundo trimestre.

As manifestações primeiras da deficiência da vitamina C na criança se acusam logo numa espécie de distrofia progressiva, expressa na parada do desenvolvimento, na côr pálida, no grau de escassa hidratação dos tecidos, nas perturbações tróficas das mucosas.

Sinal dos mais precoces é uma fina hemorragia punctiforme, localizada às mais das vêzes no pescoço e nas faces, não raro acompanhada de surtos febris.

Tudo isso, pelo seu caráter de generalidade, leva à dúvida quanto ao diagnóstico de Escorbuto, mas põe o pediatra experimentado na pista de outros sinais que esclarecem sôbre a origem carencial C ou não.

Acentuando-se, mais e mais, a carência, jamais faltam as hemorragias, primeiro, junto às gengivas, mais tarde, já nos ossos, músculos, péle, mucosas e órgãos internos. E' a êsse quadro que se nomeia de Escorbuto. Como a dor é um fenômeno quase constante e precoce, é comum atribuir-se ao reumatismo o que é apenas Escorbuto. E' nas extremidades dos ossos longos que a palpação vai localizar, de preferência, os pontos dolorosos, ou ao nível das cartilagens condro-costais (aí se forma por vêzes o chamado *rosário costal escorbútico*).

Hemorragias junto ao periosteu trazendo o aumento de volume se processam freqüêntemente nos ossos longos, principalmente o fêmur, simulando um tumor, ora circunscrito, ora difuso, a que a péle azulada, tensa e brilhante empresta uma aparência sumamente enganosa. Geralmente, quando a criança já anda, há perda dos movimentos ativos e até fraturas podem originar-se dêsse estado.

A existência de fungosidades junto aos dentes, as hemorragias, ou mesmo as lesões neuróticas das gengivas — são sinais dos mais expressivos das formas graves do Escorbuto. Dá-se, até, por vêzes, a exposição da própria raiz dos dentes, ou o processo atinge o osso maxilar, caso êste que leva à confusão com a *estimatite ulcerosa*. A secreção gengival é, antes, sanguino-purulenta, exalando mau cheiro.

No esqueleto se instalam lesões especificas, consistentes em hemorragias subperiósticas que aos raios X se revelam. O fêmur é o osso com mais freqüência lesado, sendo que, por motivo do adelgaçamento da *zona* cortical, dá-se, por vêzes, a rutura do osso, aparecendo aos raios X uma faixa transversal formada pela zona de resíduos do osso.

Vale insistir que nem sempre o Escorbuto se mostra com essa nitidez das manifestações mais graves. Mais comum é o chamado *pequeno Escorbuto*, em que tudo se resume na *anemia*, sudação copiosa, rinofaringite e, às vêzes, até, a diarréia hemorrágica, acompanhada de surtos febris, o que deve ser interpretado como gripes favorecidas pela carência dessa vitamina.

Com efeito, além da sua ação especifica anti-escorbútica a vitamina C age também aumentando as resistências orgânicas, de onde o seu justificado emprêgo nas infecções agudas da criança (gripe, pielite, etc.). Na tuberculose a carência C e justamente considerada um fator altamente predisponente, fato de que decorre a inteira necessidade de sua subministração cedo nas crianças de qualquer forma suspeitas pela herança.

No sarampo, coqueluche, uma cura intensiva impõe-se com maior razão, quer no período agudo, quer na convalescença, tôda vez que impera semelhante hipótese.

Se na prevenção da avitaminose C bastam as frutas e os legumes, geralmente sob a forma de suco para o lactante, no estado de deficit manifestado há recorrer a formas medicamentosas bem como nos processos febris em que coexiste, sempre, um consumo muito elevado de vitamina C, exigindo então o emprêgo de injeções.

CORREIO DA REVISTA

J. F. D. (Belo Horizonte) — Não está mais em nosso poder o seu conto "A Sentença do Caboclo". Queira verificar no "Correio" de números passados qual o destino do mesma. Quanto a "Nhá Quitéria", vamos lê-lo. Aguarde.

Carlindo Cerqueira (Juiz de Fora) — Queira ter a bondade de citar o nome do conto que, segundo supõe, se extraviou aqui na redação. Sôbre a sugestão que nos apresenta, confessamo-nos muito agradecidos pelo desejo de cooperar conosco, mas só nos é possível atender os nossos colaboradores conforme vamos fazendo. Recebemos, em média, dez contos por dia. Numa semana são uns setenta. Temos que ler tudo, selecionar, classificar, emendar os aproveitáveis, julgar e responder pelo "Correio". Como deseja o amigo, teríamos que reservar, semanalmente, uma ou duas páginas da REVISTA sòmente para o "Correio", e os examinadores passariam a dedicar-se só a êsse trabalho seletivo. O que não pode ser.

Nestor Rocha (Olaria, D. Federal) — No momento não podemos atender à sugestão, por falta de espaço. Muito gratos.

Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Excelente o seu conto. Pedimos-lhe permissão para mudar-lhe o nome para "O Ladrão de Cartas", pois que o original já antecipa ao leitor todo o desfecho do episódio. Continui.

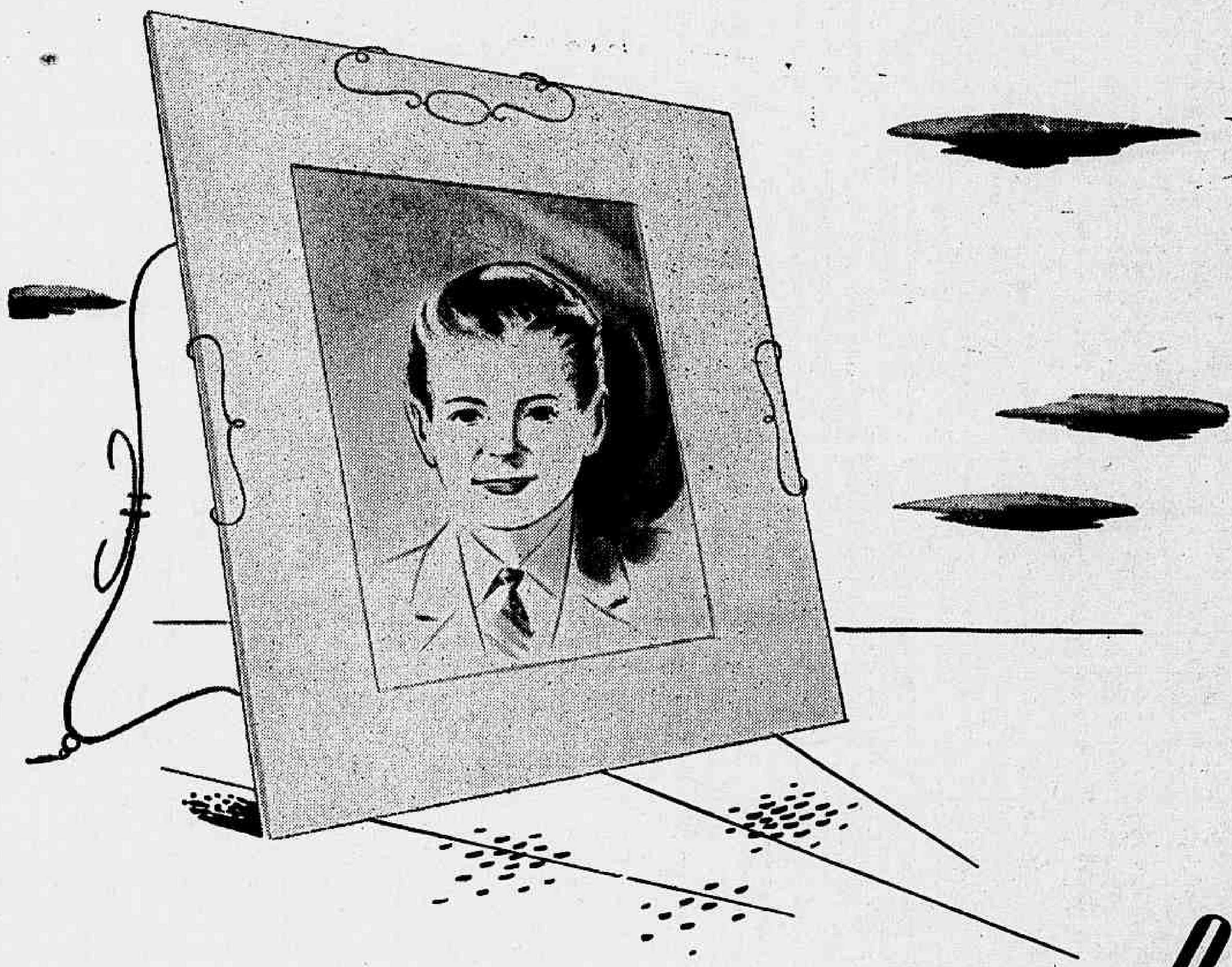
E. C. J. (S. Paulo) — Cientes de sua inclinação para desenhos. Aconselhamos fazer um curso.

H. F. (Rio) — Não se adapta ao público desta REVISTA o seu conto "Queda". Mande-nos outros com temas e ambientes menos escabrosos.

José de Oliveira Nunes (Rio) — "A Fobia de Margarida" foi aprovado. O outro sairá. Tenha paciência.

★

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

GAFIEIRA, A "BOITE"

(Cont. da pág. 33)

— Quieto! Porte-se como homem!

Ordenou que o baile prosseguisse e a mulatinha vestida de rosa, cheirando a Lavander nacional, penteado alto, tôda decotada, veio em socorro do namorado levando-o para um canto:

— Ora, meu filhinho, que papel feio! Coitadinho! Êle não pode beber — informou aos circunstantes que desculpavam tàcitamente a atitude cafageste do moço.

Êle foi prêsa de uma crise de chôro e sacudiu a pequena:

— Por que V. foi fazer aquilo, por quê? Eu me casava contigo. Sair com aquêle "cara" arriba e abaixo feito uma perdida!

Ela também se entregou ao chôro e aos remorsos entre afagos mútuos. Os casais perto davam de ombros.

— Qual! Dor de cotovelo é um buraco!

Depois todos ignoravam o par lacrimoso. Havia mais casos presentes. A orquestra rompeu com um samba antigo que era uma insinuação, uma provocação na voz e meneios da mulata bonita:

"Ai, Deus, eu me acho tão cansada,
Ao voltar da batucada
Que tomei parte lá na Praça Onze...
Ganhei no samba um arlequim de bronze
Minha sandália quebrou o salto
E eu perdi o meu mulato lá no asfalto..."

Com pouco, todo mundo preferiu ouvir a dançar. A cantora punha alma e malícia em tudo, pessoalizando a canção, dando ritmo com os requebros das cadeiras de ânfora.

"CHANGER DE DAMES"

Foram tocados valsas, marchas, tangos, foxes, batuques e sambas. Comiam, bebiam e dançavam alacremente. O ar está quente e viciado. Os músicos já estão um bocado "altos" com tanto oferecimento de bebidas. Sòmente o pianista permanece em seu pôsto. Esparramando os dedos nervosos pelo teclado de marfim imaculado em contraste com suas mãos de artista. Mal acaba um arrastado "Nigth and Day" já o piano lhe arranca do peito o tango preferido. Mas não vai até ao fim, nunca. Emenda outro. Outro. E outro. Um "pot-pourri" de músicas tristes. Talvez para variar dos sambas e batucadas simiescas executados em conjunto. Suas mãos crispadas como garras ferem as teclas. A cabrocha que o conhece de um cabaré da Lapa, segreda ao companheiro que lhe aperta a cintura:

— Vicente hoje está indócil...

— Que foi que êle viu? — quis saber o namorado, tendo um muxoxo como resposta.

Se ela não fôsse apenas uma empregadinha com corpo de vênus, teria dito melhor: "Cherchez la femme".

Súbito, o mestre-sala apitou e anunciou solenemente:

— Senhoras e senhores, em especial atenção a inúmeros pedidos vamos oferecer agora uma quadrilha, tradição, aliás, de um clube de bom tom como o nosso. Recomendo, porém, muita ordem. E respeito, que nunca é demais. (Fifiu) — Escolham seus pares. (Fifiu). Palmas estrugiram abafando esporádicos "ora, ora", dos que não apreciavam a dança antiga. Em tôdas as gafieiras a quadrilha é quase um ritual. O "maitre" caprichava no comando e no francês tipo "berlitz" de gafieira. E sob a batuta do "leão de chácara" amável e retinto começou:

— "Au devant"... "Changer de place"... "Changer de dames"... "Balancez"... Dames au buffet"... etc.

Risos. A orgia endoidecia. Até que, finalmente, houve a pausa necessária. Mas não paravam de falar da vida alheia: — "Minha patroa vai ficar por conta! Que se dane! — Eu, hein, Rosa! — Bebida, mulher e orgia, tá prá mim. — A Benedita está de pileque. — Olha só que nêga saliente! — Espia, gente, quem tá li! — O Chico vestiu a roupa do freguês da mãe que é lavadeira. — Não é que a Jurema roubou o noivo da prima! — Lá vem o Osvaldo "Dezenove e um tôco"... — Dezenove e um tôco, por quê? — Porque só tem 19 dedos e um tôquinho... — A Ruth nem bem tirou o luto tá aqui.

"CAMINHO DA ROÇA"

— Que foi que houve? Por que tanta correria?

— Não sabeis? Aquela negra empregada do ministro pegou o noivo aos beijos com a amiga e anavalhou os dois descarados. Ela já andava desconfiada e trazia a navalha no seio. Os ferimentos foram superficiais, viu-se logo, mas o sangue salpicou muita gente. Um susto. Levaram os feridos e a noiva ciumenta passou por entre alas, justificando-se:

— O Berto sabia que eu era louca por êle e que faria uma "besteirinha" dessas. A êle eu perdôo. Ela, não. Pena não pegála de jeito. Serei capaz de tudo pelo meu negro. Escuta, Marlene, telefona pró doutor e diz o que aconteceu... Adeus, pessoal, sinto muito atrapalhar sua festa, não tive outra oportunidade...

Como se vê, Otelo, não o Grande, o outro, o de Shakespeare, fêz escola. As opiniões se dividiram. Davam e não lhe davam razão e as falsas puritanas ilustravam seus sermões com a quase tragédia. Quem salvou a situação, quem descarregou a atmosfera tensa foi o pianista, maçambúzio e glostorado, martelando "Teu cabelo não nega". Em segundos a cena fôra esquecida, uma algazarra infernal.

E FINDOU-SE O BAILE...

Mudaram o pianista. O de agora é a euforia com moldura preta. O rosto gordo se escancara num sorriso permanente, mostrando alva, brilhante e certa dentadura. Êle se saracoteia no banco e se acompanha, cantando, todo remelexo:

"E' dengo, é dengo, é dengo,
E' dengo que a nêga tem,
Tem dengo no remelexo,
Tem dengo no falar também..."

Parece um mosquito elétrico. Tem uma bossa infernal. Dá alma, vida a tudo. O mulherio "colored" gosta dêle, com ou sem compromisso presente ou ausente elas estão caidas pelo artista.

"Ai, iôiô, eu nasci prá sofrer
Fui olhar prá você
Meus "olhinhos" fechou..."

E' um musicista dinamo. Não tem solução de continuidade sua euforia. Já agora a orquestra toca um samba exclusivista, talvez racista, solado por uma criola grãfina com pose da rainha de Sabá:

"No samba de negro
Branco não vem cá
Se vier pau há-de levar..."

A cabrochada delira feliz. Estão descontando os dias de trabalho em batentes diversos e ásperos, descontando, sobretudo, o dinheiro da entrada, o preço da bebida que subiu à cabeça. Seja na gafieira plebéia oú metida a sêbo a festa é a mesma. Os problemas que atormentam os brancos com os dramas de ciúmes, consciência, recalques e complexos em tôrno da mulher e do amor, as limitações e inibições, os segregados pelos preconceitos também sofrem. A diferença é a tez ou a escala social. Humanamente tudo é semelhante *neste vale de lágrimas, esperança nossa...*

Tanto que "morenas" e "morenos" se divertem, fugindo a uma multiplicidade de situações, de ocupações subalternas da vida de todos os dias, fugindo (e por que não?) ao "taedium vitae".

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive cambio



"BROTINHOS"...

(Cont. da pág. 35)

das próprias vantagens da experiência. E os homens foram colocados no dilema de que o sambista se apossou, uns a favor das "balzaqueanas", outros inclinados pelos "brotinhos". Como se diz nas imediações do Nice — o páreo é duro, durissimo. Realmente, há muitos homens que desprezam os "brotinhos", preferindo as pre-outoniças damas de cabelos grisalhando.

E não só aqui. Ainda agora, um jornal de Paris comenta o caso da "pin-up" Jacqueline Ricard, uma das vedetas do teatro Michel. Conta ela pouco mais de vinte anos e possui uma plástica e um encanto singulares. Pois bem: Jacqueline, até hoje, não preocupara muito os "habitués" do teatro onde se exibe. Acontece que na última revista ela aparece tôda vestida de prêto, nos trajes de uma velha grande dama do princípio do século e com um "maquillage" que a transforma numa avó maior de cinqüenta anos!

E bastou isso para a formosa Jacqueline passar a ser um "caso" para os freqüentadores do Michel: recebeu ela, depois do seu papel de vovó — muito além de balzaqueana — nada menos de duzentos pedidos de casamento, inclusive o de um general — que também não resistiu aos doces encantos de sua "velhice"...

Já é uma consolação para as mulheres — não é mesmo? Enquanto não mudar essa mentalidade masculina, podemos envelhecer tranquilamente, sonhando com um principe encantado ou com o general de Jacqueline. — *Lyse*.

UMA CARTA APENAS

(Cont. da pág. 45)

coquetel de tôdas as alegrias e de tôdas as dores de um mundo menos perfeito, conquanto real."

"Seu coração, ébrio de amor, dançará de júbilo, aos compassos do hino entoado em alegreto pelo amado Regente."

"E, no abandono do mundo divino pelo de paixões tormentosas, você, Irmã Teresa, deixou de ser a santa para ser, simplesmente, a mulher."

"Enveredando pelo tortuoso caminho do sofrimento, tanto mais depressa alcançará a redenção suprema. Você foi uma heroina; eu a felicito. — *Marta*."

Pela rampa da garagem deslisa, soberbo, o luxuoso "Odsmobile" do embaixador Celso Valery. Maria Luiza dobra, carinhosamente, a mensagem amiga; corre ao encontro do espôso, para, confiante e amorosa, atirar-se em seus braços protetores.

— Alô, querida — diz-lhe Celso, beijando-a comovido e feliz.

Simplesmente, não notara que, nos lindos olhos — prisioneiros do passado — havia uma súplica, como outrora, uma prece!

O MEU ESTRANHO CASO DE AMOR

(Cont. da pág. 12)

— Nem nunca estive. Não se estou compreendendo, Lermes. Chamou-me para falar de um assunto importante e me vem com tolices. Que descobriu, afinal?

— Descobri que você está apaixonado e vai casar com...

— Que?... Sabes o nome dela?

— Confessa então?

— Por favor, Lermes... fale de uma vez — eu estava positivamente irritado e o riso de Lermes mais me enchia de raiva.

— Cuidado, rapaz. Não vá desmaiar. O velho Frederic suicidou-se.

— Ora, bolas! — gritei desesperado. — Isto sei eu desde o principio. O velho esteve em meu escritório na véspera de sua morte e falou-me que ia procurar o médico. O dr. Percy. Telefonei-lhe e soube que Frederic sofria do coração, podendo morrer a qualquer momento. Frederic ao saber que era cardiaco não mais se interessou pla vida. Insinuei que Johnny era um possivel criminoso, apenas para fazer-lhe medo. Queria que êle deixasse o jôgo.

(Cont. no próximo número)

VENDEDORES(AS)

PARA CASIMIRAS, LINHOS E TROPICAIS

Precisam-se em todas as cidades. Mostruário variado e gratuito. Ótimas comissões e adiantamentos. Vendas pelo sistema de Reembolso Postal. Escrever para o depósito da fábrica: — TECIDOS MEHERO — Rua Pagé, n.º 33 - 2.º andar — SÃO PAULO.



COMO AFRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Belero, Swing, Samba, Tango, Rumba e Fox, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando a senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Fôrça Pública de São Paulo

Preço Cr$ 41,00 — À venda nas livrarias e casas de músicas do Rio e S. Paulo. Pedidos pelo Reembolso Postal com o autor — CAIXA POSTAL 619 — S. PAULO

E' dever de um lar a perfeita conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

★

Uma carta, apenas

(Cont. da pág. 23)

vêm por ela subindo. Somos nós as alunas, sequiosas do saber, cheias de ilusões e de planos para enfrentar o futuro, senhor incógnito, o insondável aristocrata ou plebeu, que nos esmagará algum dia, num amplexo fatalista e irremediável. Mas, somos tôdas felizes, temos a garrulice de bonequinhas frívolas e despreocupadas, nutridas e acariciadas pelos nossos pais. No tôpo da escadaria está você, menina ainda, alta, corada, elegante e bonita, com seus imensos olhos castanhos e sonhadores. E vem trazendo consigo um punhado de coisas concretas e abstratas que lhe são, aparentemente, essênciais, tão imprescindíveis à sua vida, quanto êsse ar marítimo que respirávamos em nossa Ilha longínqua. São elas: os livros, o rosário, o hábito com o véu ainda branco, a bondade, a inteligência e o cativante sorriso! (Ah! como você era linda sem que o soubesse!). Você vem caminhando ao nosso encontro; acompanham-na as demais freiras, nossas professôras. Você entra na fila e nos traz, no negror do hábito, a austeridade do ambiente do cláustro, em obediência a um dever mecânico; nós lhe trazemos, na alvura dos uniformes, a alegria despreocupada do mundo exterior. Apertamo-nos as mãos e, entrelaçadas pelo Destino, entramos na classe. Ante nossos olhos curiosos, como centelhas da aurora luminosa, desponta-nos o Universo em fragmentos desconhecidos: na ciência, na arte, na história e na literatura."

"E, na aula de conversação francesa, ministrada pela Irmã Cremilde, para quem, se exprimindo num francês cem por cento parisiense, você interpretaria o pensamento de suas colegas, pedindo-lhe, com aquêle seu "jeitinho" de "madona das sete luas": "ma chère soeur Cremilde, ayez la bonté de nous raconter une histoire". E sonda a porta com o olhar perquiridor, como se temesse a entrada da Diretora, da religiosa transbordante de saber, como a própria enciclopédia, ereta e distinta, cujos passos de veludo jamais pressentíamos, dessa respeitada irmã a quem nossa imaginação emprestava lendas; teria sido condêssa italiana ou duqueza da Baviera? Irmã Cremilde, no murmúrio dolente de regato deslisando dos alpes suiços, começava a contar-nos a história de sua própria vida: era uma jovem rica e instruida que se apaixonou por um moço paupérrimo."

"Et, ensuite, ma soeur, que aconteceu à moça?" — perguntávamos-lhe àvidamente, receiando-lhe a interrupção da narrativa.

"Essa moça, continuava tristemente nossa professôra, hipotecando fôrças às contas do rosário que apertava nos dedos finos e brancos, um dia, professou. Mas, por quê? Idagávamos-lhe, entre curiosas e penalizadas. Porque, minhas queridas alunas, jamais pudera realizar o sonho de seu coração."

"Foi então, irmã Teresa, que invertendo a história dessa jovem, para transportá-la a você, tive a revelação do futuro que a aguardaria. Perdôe-me a indiscrição, afastei a cortina do tempo e penetrei no porvir, através do momento presente. Do supremo momento em que, com o ôlho clínico, examinei sua alma enferma de amargura pela solidão do cláustro; dêsse mesmo cláustro por onde você, no subconsciente da razão, perambulava como sonâmbula, debatendo-se nas trevas do espírito, aspirando a uma luz que o aluminasse. Porque você, irmã Teresa, sempre almejou a liberdade; a liberdade sincera de ver as coisas simples como um objeto de compreensão, de carinho e de amor! Sua alma sentia-se enregelada pela indiferença das coisas feitas com demasiada perfeição. E você se asfixiava pela desilusão do mundo divino que fôra o seu! E agonizava lentamente ansiando por se ver livre do pesadelo que esmagava como inseto estraçalhado pela mão do homem."

"Santo demais fôra seu mundo, para quem quisera ser simplesmente humana! Mas o toque da alvorada soaria, sem dúvida, ao seu coração sedento de amor! Você desejava apenas "viver". E, então, irmã Teresa, na perspectiva de nos ser revelado o grande segrêdo, um rubor lhe cobriu as faces como se tivesse cometido um pecado grave. E seu olhar angustiado, como borboleta cansada do espaço, desviou-se do nosso, para pousar no Crucifixo da parede branca. E seus lábios, virgens de um beijo de amor, entreabriram-se para uma prece contrita: Jesus, meu Jesus, ajudai-me."

"Que prova difícil, irmã Teresa! Mas você se absteve de comentar conosco a história singela, contada por irmã Cremilde. Não por orgulho, porque seu coração era puro para acumpliciar tal "pecado". Sòmente porque se sentira vexada pela nossa intromissão em seu íntimo. Fôra apenas uma espiadinha solidária, pelas frestas da consciência amiga. Depois, suspirou e seus olhos meditativos, distantes como a prece do templo, mergulharam, tristemente, nas páginas do breviário que você não lia. A neblina que cerrara seu coração, cegara-os. E a água benta com a qual, ao levantar-se você se persignou para "afugentar os espíritos maus", nem sequer atenuou a dor da ferida profunda que o sangrava. Então, naquele derradeiro instante, em que nos parecera uma santa refugiada no altar do pensamento, marcou um encontro definitivo com o Tempo, para acertar a sua libertação. Decidiu na "hora-sempre", renunciar o voto."

"Substituindo o hábito pelo "new-look", calçou em seus pés uns lindos sapatos de camurça que pisariam os atalhos dos desenganos."

"Suas mãos enluvadas, mesmo assim, se ferirão nos espinhos da roseira que você colherá no jardim-ilusão da vida."

"Mas você se sentirá feliz, porque sua alma beberá o

(Cont. na pág. 44)

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

★

MÚSICA

CURSO INTERNACIONAL DE FÉRIAS PRÓ-ARTE

APOIO E AMPARO DA PREFEITURA DE TERESÓPOLIS ★ AULAS, CONFERÊNCIAS, CONCÊRTOS E EXCURSÕES

De ROBERTO LYRA FILHO

Com o apoio e o amparo da Prefeitura de Teresópolis, instalou-se e funcionou, durante o mês de janeiro, o Curso de Férias, organizado pela Pro-Arte. Esta iniciativa, de repercussão internacional, teve merecido sucesso, que lhe garantirá a possibilidade de desenvolvimento de suas atividades artísticas. Concentrando, em Teresópolis, um grupo de professores competentes e de estudantes nacionais e estrangeiros, o Curso transcorreu em ambiente cordial. Confraternizaram mestres e discípulos, num clima de camaradagem. Estudou-se muito. Foram analisados e discutidos problemas fundamentais de estética e sociologia musical. Houve concertos, conferências, aulas individuais e coletivas. Cuidou-se tanto da interpretação de obras isoladas, da virtuosidade, como, em outras ocasiões, o corpo docente se encarregou de largas sínteses e panoramas da evolução musical, princípios teóricos e posição das escolas.

PROGRAMA E REALIZAÇÕES

Vieram, para frequentar as aulas, alunos de vários Estados do Brasil e, mesmo, do estrangeiro. As tendências e as posições mais diversas encontraram, naquele ambiente, um processo de convivência harmoniosa, baseado no acatamento da posição e dos pontos de vista de cada um e, por isso mesmo, os debates, sempre livres e vivos, foram, não obstante, cortezes, numa demonstração de tolerância.

O corpo docente entrou em intima colaboração com o corpo discente. Foram eliminadas as barreiras que um certo tipo de ensino ergue entre a cátedra e os estudantes. Em vez de se colocarem numa posição de impenetrável dogmatismo, os mestres preferiram orientar uma fecunda troca de idéias, como poderoso estímulo intelectual para aguçar o espírito e esclarecer as vocações. Foram, dessa maneira, concretizados os objetivos de alta indagação que nortearam o empreendimeito. Para se ter uma idéia do alto nivel cultural que atingiu o curso, basta a leitura da lista de professores:

H. J. Koellreutter (composição), M. A. de Rezende Martins e Tomás Terán (piano), Anselmo Zlatopolsky (violino), George Békefi (violoncelo), Hilde Sinnek e Sylvia de Lima Ramos (canto), Frei Pedro Sinzig (canto gregoriano), Chinita Ullmann (dança) e João Breitinger (oboé). A direção artística, confiada a H. J. Koellreutter conseguiu, assim, reunir uma "equipe" competente, cuja autoridade constituiu uma garantia do valor do ensino proporcionado.

EXCURSÕES, CONCERTOS, CONFERÊNCIAS

Além da discoteca, pequena, mas selecionada, que serviu nas audições programadas, figuraram entre os artistas apresentados em diversos concertos: H. J. Koellreutter, M. A. Rezende Martins, Tomás Terán, Maria Morosoff, Guisela Blank, Eunice Catunda, Lais Wallace, Hilde Sinnek. Em palestras, no fim de cada semana, falaram, Renato Almeida, Mário Pedrosa, Erico Fausel, Fernando Tude de Souza, Renzo Massarani, Guilherme de Figueiredo, Eduardo Loeffler, Arnulf Ansorge, Dr. Georg Hoeltje, Manuel Bandeira, Mário Barata. Em excursões realizadas, os alunos de canto coral entoaram, ao ar livre, cânticos aprendidos nas aulas. E, finalmente, para o encerramento, foi preparada uma apresentação dos alunos que interpretaram obras preparadas durante o Curso, atestando, dessa maneira, o seu aproveitamento.

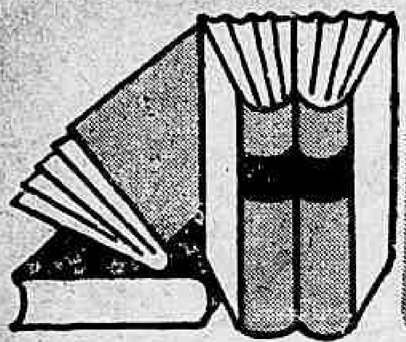


O professor Tomás Téran assistindo a uma de suas alunas

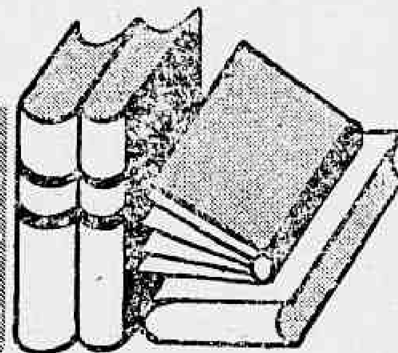




Um grupo de alunos do Curso Internacional de Férias Pró-Arte, cantando cânones ao ar livre; à direita, outro grupo de alunos estudando um coral de Bach



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS



EDITH Sitwell é um dos grandes nomes da poesia contemporânea. Depois dos trágicos dias de guerra, em sua pátria, a Inglaterra, a obra de Miss Sitwell adquiriu maior densidade e ela se colocou entre os grandes intérpretes da hora dramática que vivemos.

À LA MANIÈRE DE...

EXISTE uma arte de "pastiche" literário que é de todos os tempos. A imitação mais ou menos disfarçada sempre existiu na república das letras. Mas, dessa arte, há um gênero que, por mais adiantado e por seu caráter de humorismo, obteve grande popularidade em todo o mundo e foi praticado em França por Paul Reboux e Charles Muller, sob o titulo que logo marcou um gênero: "À la manière de..."

Paul Reboux recordou como lhe ocorreu êste gênero literário em que se tornou tão fecundo e que não é nem a paródia, que visa ridicularizar, nem a imitação, que procura repetir a fábula da gralha com penas de pavão: que busca, por um supremo virtuosismo, fazer literatura à maneira de certo escritor, por meio de seu estilo, seus temas e suas idéias.

Segundo Reboux a lembrança de "à la manière de..." ocorreu certo dia em que conversava com Fernand Gregh sôbre Francis James:

— E' um grande poeta — dizia Gregh — apesar e, talvez, por causa da delicadeza que afeta, é substancioso e encantador.

— Realmente, assim é — responde Reboux — mas...

— Mas o que?

— Com franqueza, é esta minha opinião: creio que é muito fácil escrever como Francis James...

— Não tanto assim...

— Garanto-lhe que é.

— Acho que não.

Para prová-lo, Reboux escreveu, naquela mesma noite, um poema à maneira de Francis James. Intitulou-se "Le pauvre tacteur rural". Aqui o transcrevemos:

"Je sais, moi, porquoi il est pauvre,
C'est parce que son père n'est pas sobre,
parce que sa mère est sans ouvrage,
car elle ne vend pas ses fromages.

Tous les matins, il prend son sac,
son sac de cuir qui est très gros,
et il s'en vax sur un chemin
triste et doux comme un abricot

Il m'a apporté une lettre bleue
de mon amie, qui a la téte ronde
toute ronde comme une pomme blonde
ou deux trous d'abéille feraient les yeux:



Pitigrilli

Il a bu un verre de vin
et s'est essuyé avec sa manche;
puis il est repart sur le chemin,
sur le chemin qui sentait la vieille planche

Le facteur est brun et célibataire.
Il aimerait bien aller en bateu
ou en chemin de fer ou en landau...
Mais pour lui, ce n'est rien que la [poussiére.

Et il sen sur ses pieds comme il se doit.
Mais, comme il a l'âme trés douce,
il pousse, au pieds du facteur à l'âme [douce
une petite fleur bleue entre chaque [doigt".

Foi êste poema "à la manière de" Francis James o primeiro de um gênero que se estendeu pelo mundo e chegou até nós, de que Reboux, foi o iniciador e o mestre.

MURILO MENDES EM MINAS

O poeta Murilo Mendes seguiu para Minas, em viagem de recreio. Antes de ir a Belo Horizonte, onde irá encontrá-lo sua espôsa, Maria da Saudade Cortezão, para uma peregrinação a Ouro Prêto e a outras velhas cidades montanhesas, Murilo permaneceu alguns dias em Juiz de Fora, em visita a seu irmão, José Maria Monteiro Mendes, homem de negócios na Manchester mineira. Conversamos com o poeta, na bucólico-fabril paisagem do Paraibuna. Confessou-nos êle que estava trabalhando, aproveitando o silêncio de Juiz de Fora para fazer poesia. Adiantou-nos ainda que gosta de aproveitar suas visitas a Minas para produzir poesia — visto como se sente ali no estado de graça indispensável para a poesia.

Murilo Mendes realizou também em Juiz de Fora, no salão da Cultura Franco-Brasileira, em plena rua Halfeld, quase defronte a uma sociedade carnavalesca que zabumbava com a "Nêga Maluca" os ouvidos de seu auditório, uma bela e profunda conferência sôbre poesia. Dessa conferência que contou com um público seleto e interessado, estas duas afirmações do credo poético de Murilo Mendes:

"Creio na perenidade do lirismo. Não creio na salvação do mundo pela poesia."

São duas afirmações colhidas ao acaso da palestra. Avisamos aos navegantes para que não suponham que a última negação queira significar que o lirismo deva ser abandonado a bem da humanidade. Os dois conceitos são independentes. O primeiro se refere ao estado atual e ao futuro da poesia. O segundo diz respeito à finalidade desinteressada da obra poética. Aí está.

MANUEL BANDEIRA FALOU SÔBRE MALLARMÈ

NO curso de férias que vem sendo realizado na amável temperatura de Teresópolis, por iniciativa de um grupo de professores, a Manuel Bandeira coube um curso de poesia. Ainda há pouco êle apresentou, naquele certame cultural, um belo e enternecido estudo sôbre Mallarmè falando a respeito da vida e da obra do imortal simbolista.

GUSTAVO DÓRIA TEATRÓLOGO LAUREADO EM 49



Gustavo Dória, laureado por sua teatralização de "Helena"

A Associação Brasileira de Críticos Teatrais distribui anualmente prêmios para os melhores trabalhos apresentados — entre êles, as melhores peças. O último prêmio referente à revelação de autôr na temporada de 1949, coube ao crítico e teatrólogo Gustavo Dória, responsável pela coluna teatral de "O Globo", por sua primorosa adaptação à cena do romance de Machado de Assis, "Helena", que coube a Eva Tudor apresentar no palco e que marcou um dos maiores êxitos da estação passada. E' com uma peça original de Gustavo Dória, "Jocasta", que Renato Viana inaugurará, em maio vindouro, a temporada oficial de comédia, no Municipal.

QUE LIVROS INFLUIRAM NA SUA VOCAÇÃO DE ESCRITOR?

RESPOSTA DE ELIEZER DEMENEZES: — NENHUM



O poeta Eliezer Demenezes, pelo desenhista gaúcho Paulo O. F.

APRESENTAMOS ao poeta Eliezer Demenezes a pergunta dêste inquérito. O autor de "Poemas da hora amarga", publicado em 1943, que promete para breve "Quadrante Sagitário", respondeu assim:

— Não me lembro de nenhum livro que me tenha dirigido para a literatura. Muito criança me vi escrevendo versos. Houve, no entanto, um conto de Júlia Lopes de Almeida que falava numa mendiga, em sinos de ouro e em São Luís do Maranhão — que foi quase uma obcessão em minha infância e que na minha linguagem de criança acabei chamando "A História do Sino Baba-lão". Eliezer Demenezes concorda em que êsse conto de Júlia Lopes é a mais antiga lembrança literária de sua vida, no tempo ainda em que êle não pensava em publicar "Quadrante Sagitário". De qualquer maneira, é essa a memória mais nítida da idade pre-poética, antes do desabrochar de sua vocação.

OUTROS LIVROS

Temos em mãos "Boutades et Paradoxes sur l'Amour", de Lépold Stern, da Editora Civilização Brasileira S. A. Trata-se de uma interessante obra de psicologia amorosa, publicada em 1943, mas cuja atualidade permanente se evidencia pelo que representa de original e de brilhante, no gênero. Léopold Stern, com seu espírito, mais que francês, parisiense — trata do amor e de seus problemas com uma verve que não exclui a finura do psicólogo, com um mundanismo que não impede a profundidade dêsse radiologista dos sentimentos.

★

Osório Nunes publicou um trabalho sério e bem informado de política — no bom sentido — da região territorial e humana do Amazonas: "Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira". Trata-se de obra indispensável ao conhecimento de um dos mais importantes problemas brasileiros.

MORREU SAM BENELLI

Com a idade de 75 anos, faleceu recentemente na Itália, sua pátria, um dos maiores dramaturgos contemporâneos, Sam Benelli, cuja glória se aureolou com a famosa peça "La Cene delle Beffe", largamente representada, traduzida em várias linguas e que o cinema também apresentou.

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA

Estão abertas até fim de março as inscrições para os prêmios que a Academia Brasileira de Letras distribui anualmente e que se destinam a — romance, poesia, crônica, conto, crítica, etc.

GONZAGA E A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

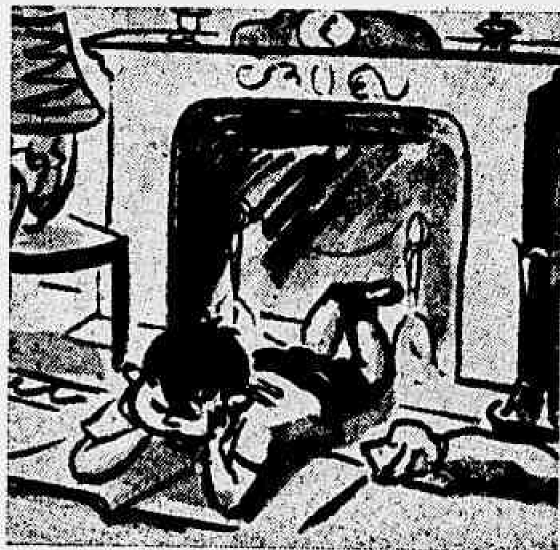
É de Minas que nos chega êste novo livro dedicado aos mistérios da Inconfidência, num volume da coleção Brasiliana — Cia. Editora Nacional, São Paulo — e assinado pelo escritor Almir de Oliveira.

Já Afonso Arinos de Melo Franco, apelidou o poeta de Marília como — o misterioso Gonzaga. De justiça, pois nas trevas dêsse drama, a figura de Gonzaga é a que menos pode fixar o juizo dos historiadores.

Almir de Oliveira versou pacientemente o aspecto inconfidente de Tomás Antônio. Serviu-se da ampla documentação ao seu alcance, e, sobretudo, estudou os copiosos "Autos da Devassa", para esclarecer o papel de Gonzaga na Inconfidência. Advogado militante, o escritor mineiro agiu como se lhe coubesse a defesa do conjurado, concluindo por eximi-lo de qualquer culpa na tragédia de Vila-Rica. Acumulando documentos e interpretações "de jure", Almir nos arrasta imperiosamente às suas conclusões, embora possa ser mais romanesca e sedutora a legenda de poeta-inconfidente. Diante dos fatos, das notícias que deles tivemos, não há o que opor a Almir de Oliveira, um estudioso honesto e seguro de seus meios, com o apurado senso do arrazoado jurídico. Êle nos faz ver como a romantização do assunto, por obra dos poetas e cronistas, antes da ampla divulgação dos "Autos" — nos levou a admitir o papel que o bardo de Marília não teve na Conjuração.

Sobretudo dois pontos são de salientar nesta obra de esclarecimento sôbre um dos acontecimentos principais de nossa história. Um deles é o fato de Gonzaga não sair diminuido, depois da negação de seu papel na Inconfidência. Pelo contrário, Almir de Oliveira situa Gonzaga muito bem, no seu requisitório. O poeta não surge daí como um tipo timorato e perjuro, antes se levanta como um varão ilustre e responsável que nega com heroismo sua participação, nessa trama, não por covardia ou arrependimento, mas por não estar nela. Além disso, focaliza Gonzaga menos como poeta, do que como jurista, como homem de inteligência, de cultura e de luta, diferente e melhor do que poeta lírico, um pouco meloso, bordando o vestido da noivinha mineira — como em grande parte da legenda de Dirceu.

Outro aspecto muito simpático da obra de Almir de Oliveira é a "miseau-point" que faz de uma figura até hoje, relegada pelos comentaristas da Inconfidência: o advogado dos conjurados, José de Oliveira Fagundes, ês-

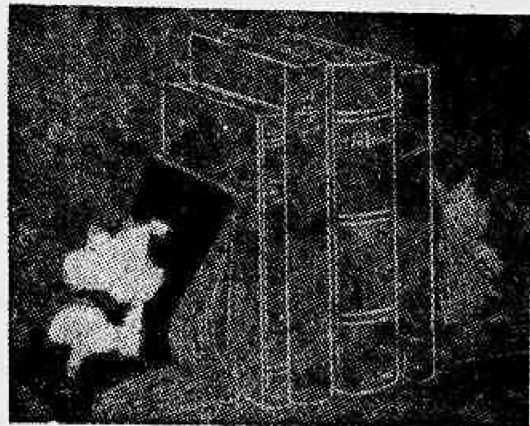


se ilustre profissional que, naqueles ominosos tempos, tomou a peito a defesa de todos os conjurados e obrou prodígios na grande causa, enfrentando a fraude, a malícia e o poder, com uma galhardia de entusiasmar e uma responsabilidade que o coloca como exemplo no culto da justiça fazendo-lhe merecedor de um lugar de honra ao lado daqueles sonhadores da liberdade do Brasil.

NABUCO, CIDADE DE RECIFE

Aníbal Fernandes, o grande jornalista pernambucano, apresentou no centenário de Joaquim Nabuco, uma contribuição rica de interpretação sôbre o prócer da libertação negra. Duas conferências produziu Aníbal Fernandes sôbre o homem que se alçou acima de seu tempo e cujo perfil sedutor é um dos mais ardentes e justos cultos de nossa galeria cívica: "O pernambucano Joaquim Nabuco" e "Nabuco, cidadão de Recife" — duas conferências agora oportunamente reunidas num volume, cuja obra gráfica recomenda as oficinas do "Diário da Manhã" (Recife), onde foi editado.

Poderia parecer pelos títulos que Aníbal Fernandes nos deu obra regional, reduzindo Nabuco ao seu cenário natal. Entretanto, pelo contrário, a obra do publicista pernambucano é de muito maior alcance. Êle humaniza Nabuco, nos seus cenários, não para limitar-lhe a expressão genial, mas para fundamentar a vocação dêsse pro-



homem na luta por uma causa das mais inglórias de seu tempo, e que lhe valeu o conceito honroso de Graça Aranha, quando explicou o papel dêsse moço de elite que repudiou o sanfichismo de sua classe, para aceitar o povo.

E' êsse dramático voluntariado de servir que Aníbal Fernandes documenta, mostrando-nos os passos iniciais de Nabuco na sua marcha para o povo. Assim, da leitura da obra de Aníbal, Joaquim Nabuco sai engrandecido, pois ela nos põe diante dos olhos a determinação e a fôrça do batalhador, em contraste com o seu meio, avultando na paisagem física e humana de seu berço, ultrapassando tôdas as fronteiras e limitações, jorrando em catadupas com vigor elementar e insofreável.

JOSE' MARTI

Insistamos: — tudo que, diz respeito à história e à cultura das pátrias hispano-americanas é mal conhecido entre nós.

Diziamos isto mesmo, aqui, há dias, a respeito do volume em que Manuel Bandeira enfeixou suas lições de literatura hispano-americana. Agora, apareceu esta série de estudos sôbre "José Marti" — Editora Carioca — que Luís Magalhães, cultor das letras históricas, nos proporciona como esclarecimento sôbre o libertador cubano, sua vida e sua luta.

Vasado em estilo fácil, "José Marti" é de leitura agradável e informativa sôbre a personalidade do herói da independência de Cuba. E vem a propósito para elucidar as massas a respeito de um grande homem da terra gloriosa de onde, quando muito, a maioria sabe que é natural Xavier Cugat...

Luís Magalhães merece nosso melhor aprêço pela honesta obra que empreendeu, dando-nos êstes estudos americanos realizados com tanto desinterêsse e tanto entusiasmo, a que junta agora seu brilhante perfil de Marti, tendo anteriormente servido o pan-americanismo com dois outros volumes igualmente meritórios, um sôbre Washington e outro sôbre o México.

FORA DO PRELO

FIGURAS DA PROVINCIA

Ainda num dos últimos números desta revista, em crônica sôbre o Conde de Prados — citávamos o nome do historiador João Dornas Filho, e, exatamente, pedindo-lhe um retrato dêsse mineiro ilustre. Agora, cortando as páginas dêste livro — "Figuras da Província" — Movimento Editorial Panorama, Belo Horizonte — cá encontramos o capítulo que Dornas dedica àquêle grande vulto da inteligência de Minas.

Encontros naturais êstes. João Dornas Filho, na nossa geração, é o alfarrabista, o historiador, orientando sua atividade literária para a necessária obra de escavação do passado mineiro, com a paciência, o brilho, o gôsto e a probidade indispensáveis a essa tarefa respeitável. Acompanhando sua obra já extensa nesse departamento literário e relembrando a figura singular do grande Armond, era justo que apelássemos para êle, no sentido de trazer a lume um pouco da biografia do Conde de Prados. E eis que o nosso apêlo já estava atendido num dos melhores capítulos dêste "Figuras da Província", publicado em fins de 1949.

Nesta série de perfis de grandes homens de Minas, João Dornas Filho reafirma as excelências do investigador da crônica inédita de nosso Estado, de que tem sido um faiscador atilado, pondo ao alcance dos estudiosos abundante soma de investigações não apenas interessantes, mas, indispensáveis ao melhor conhecimento da história de Minas e do Brasil. Sua obra que já ultrapassa os dez volumes é quase tôda de caráter histórico, propondo-se o autor a mais cinco volumes, de edição proxima, no mesmo gênero.

"Figuras da Província" são treze perfis de montanheses do melhor quilate. Mineiros de nascimento ou pela obra que realizaram em Minas — como no caso de Saint-Hilaire e de Guido Marlière. E todos, êsses perfis são de tal maneira tratados que representam não apenas pequenos estudos de biografia, porém, inestimáveis contribuições à história geral do Brasil, para nada dizer, do que constituem como fundamento ao exame da civilização mineira, tão peculiar no quadro social do Brasil, pelo seu misto de legenda romanesca e de sentido universitário.

"Figuras da Província" é um livro de historiador isento e comovido que nos oferece uma galeria de retratos vivos e palpitantes de vultos do passado, cuja presença, como a de Armand no campo cientifico, e a de Marlière, na colonização apostolar do rio Doce, sentimos na atualidade, através da obra que fundaram, antecipando a grandeza contemporânea de nossa terra.

IDILIO NUMA ILHA DESERTA





Eu e Drew fomos ao "deck" e ali tivemos grande discussão. Explicou que havia encontrado a loura em caminho.

— Sinto muito interrompê-los, mas vem aí perigosa tempestade e nos aconselham que tomemos uma lancha para a terra.

— Quem é você? Acabo de chegar e vou ficar aqui.

A despeito do jogar violento do navio, Drew ficou. Êle jogava desesperadamente e perdia sempre. Reconheci que êle era um jogador consumado.

— A tormenta está crescendo, Drew! Vamos embora!

— Não! Está na hora de minha sorte mudar.



















E FOI NESSA ILHA DESERTA QUE O IMPREVISTO ACONTECEU...





A visita de S. M. Rei Momo I e Unico, aos salões do América F. C., realizou-se quando neles era levado a efeito o seu tradicional baile à fantasia, que, por sinal, esteve animadíssimo. Testemunho evidente, as fotografias dsta página: americanos e americanas vibram de entusiasmo, e entregam-se aos prazeres da dança. E até madrugada alta, a festa continuou, como muitos "brotinhos", "balzaquianas" e etc.

NO AMÉRICA





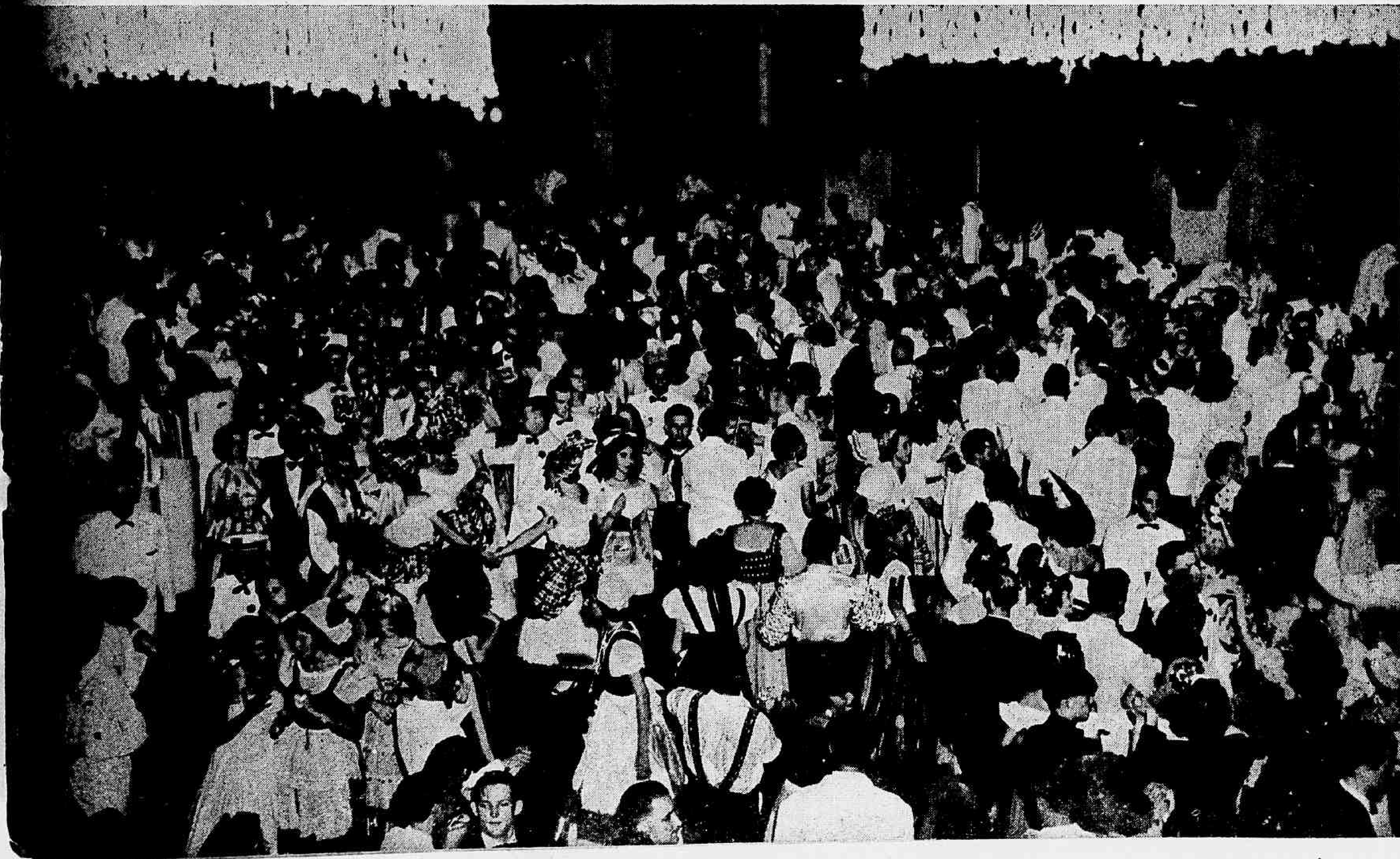






NO GINÁSTICO

UMA nota de requintada elegância e tradição é sempre dada pelo baile de gala do Clube Ginástico Português. Luxuosas fantasias, elegantes mascaradas e um sem número de foliões, enchendo tôdas as dependências da prestigosa entidade social, ao som de várias orquestras, divertiram-se a valer. São dessa memorável noite, que deve ter deixado no coração de todos as mais gratas saudades, êstes flagrantes.











O Baile à fantasia do Atlantic Refining Club teve lugar no ginásio do Fluminense e marcou um ponto alto das festividades carnavalescas dêste ano. Ali se reuniram, em vistosa decoração, os sócios, famílias e convidados, na noite de terça-feira gorda, numa alegria esfusiante e contagiosa. Vejam os instantâneos obtidos pela nossa reportagem, o bastante para traduzir com eloquência o ambiente de grande entusiasmo sob o qual transcorreu essa grande noite.

NO ATLANTIC







NO GRAJAÚ

OS bailes do Grajaú Tênis Clube foram a repetição dos sucessos anteriores: muita alegria, gente moça disposta a brincar de verdade, boa música e grande harmonia. Ao alto e na foto à esquerda, flagrante das noitadas inesquecíveis com que aquela aristocrática sociedade fêz frente aos festejos do reinado de Momo.

NA A.A.B.B.

PRIMANDO pela elegância do ambiente, pela variedade luxuosa das fantasias e pela graça esfusiante, os bailes da Associação Atlética Banco do Brasil, promovidos nos salões do antigo Cassino Atlântico, mereceram êste destaque especial. Na gravura, à direita, e nas duas inferiores, aspectos obtidos na elegante sede da A. A. B. B.







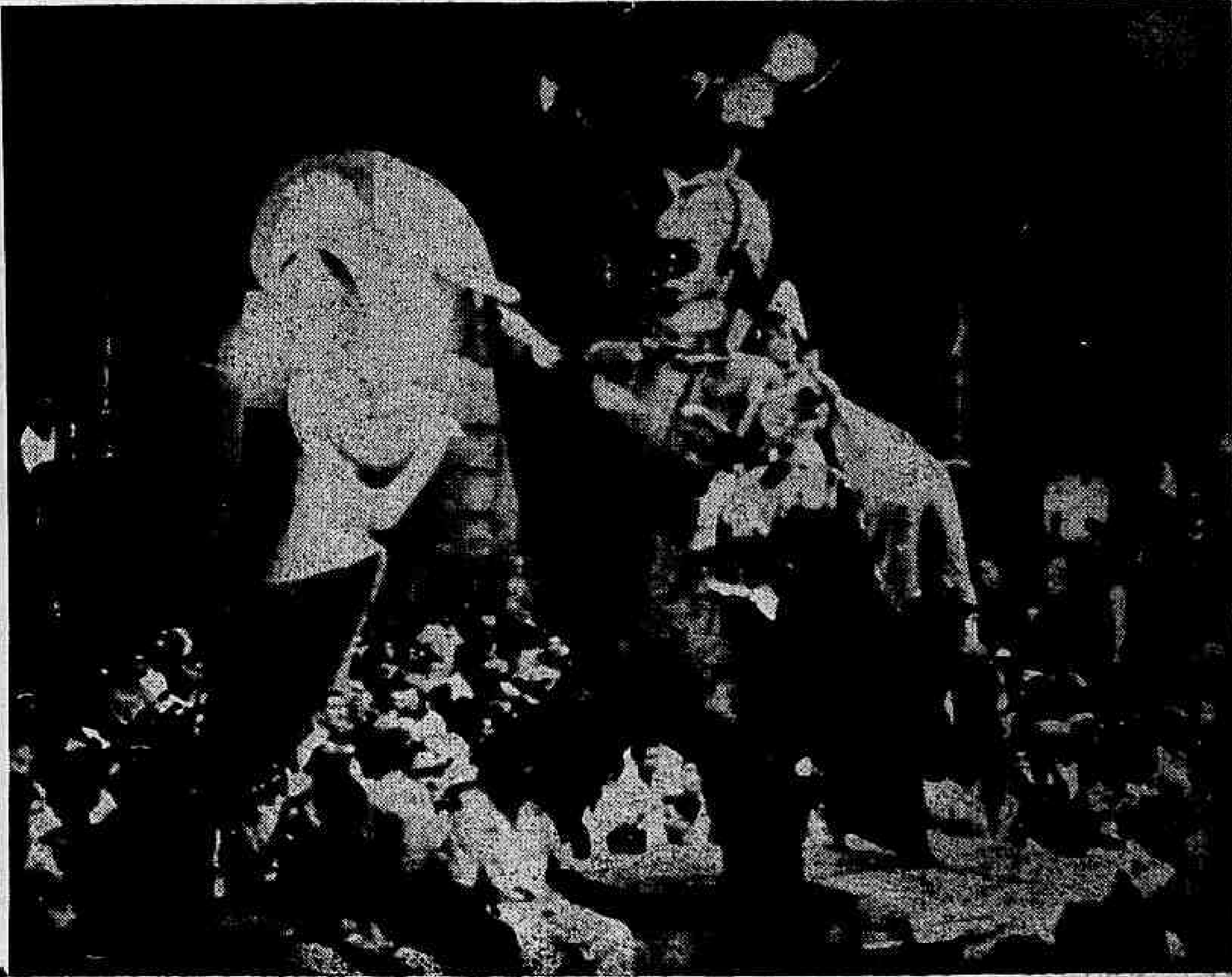


1.º LUGAR — TENENTES DO DIABO — Reunidas no Departamento de Turismo da Prefeitura as diversas comissões julgadoras na tarde de 23 do corrente, vinha a saber-se que o primeiro lugar, na seleção das grandes sociedades, coubera ao préstito do Clube dos Tenentes do Diabo, o qual foi confeccionado pelo artista Manuel Faria, que em anos anteriores já alcançou idênticas honras. Vemos no clichê, o carro-chefe dos Tenentes

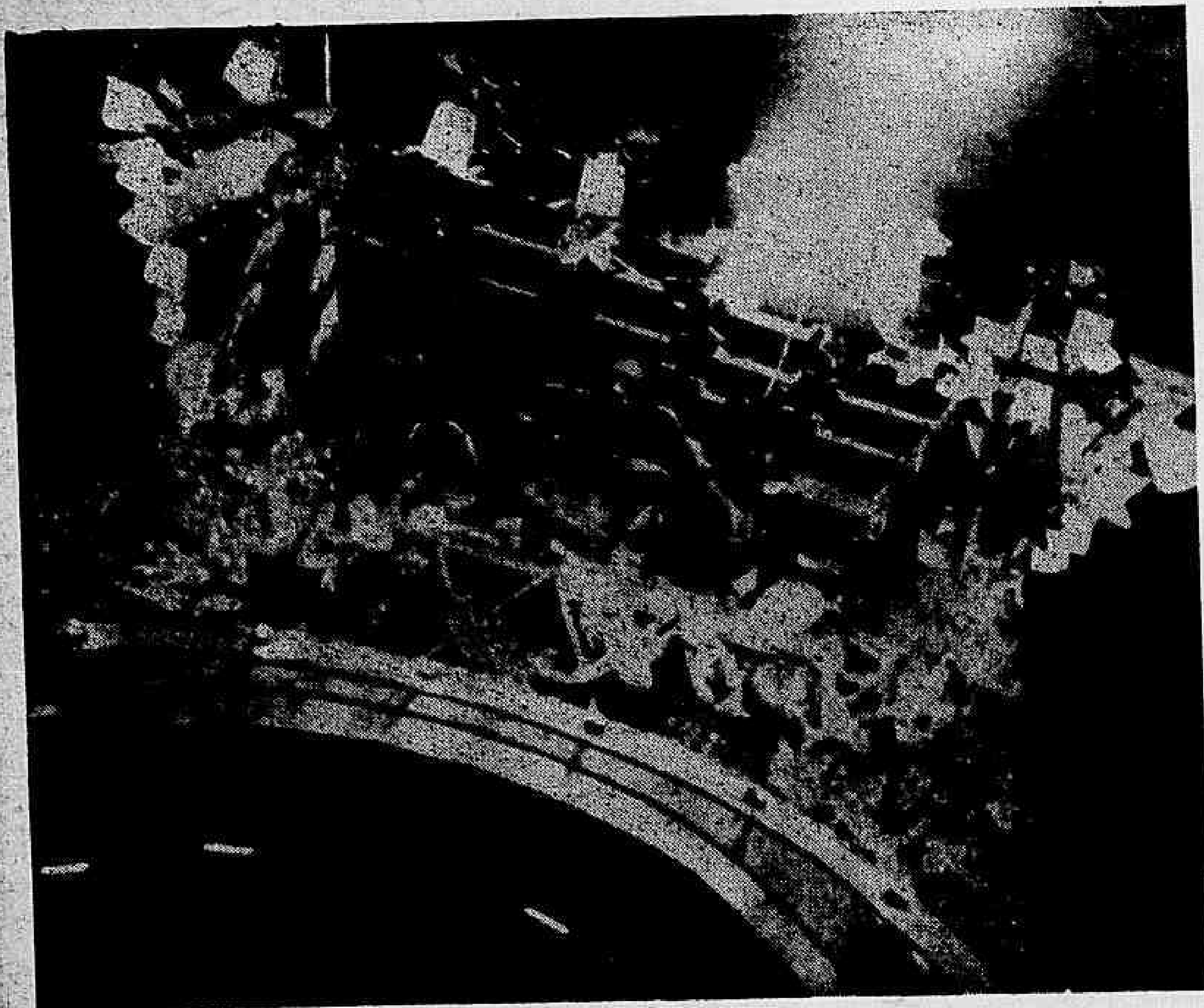
O DESFILE DAS SOCIEDADES

PARA encerrar o tríduo da Folia, fazendo-o com chave de ouro, teve a população carioca ensejo de assistir ao desfile das sete grandes sociedades carnavalescas. Elas eram apenas três, em outros tempos: Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo. Mais quatro se inscreveram na forte competição: Embaixada do Sossêgo, Cariocas, Turunas de Monte Alegre e os Pierrots da Caverna, os últimos já experimentados em torneios idênticos, nos anos anteriores. O julgamento da comissão julgadora instituída pelo Departamento de Turismo da Prefeitura opinou pela classificação dos Tenentes do Diabo em lugar de honra, sendo, assim, oficialmente, os "baêtas" proclamados vencedores do Carnaval Carioca de 1950. Aqui estão flagrantes fotográficos dos sete grandes desfiles que o público aplaudiu com entusiasmo e sem discrepâncias.





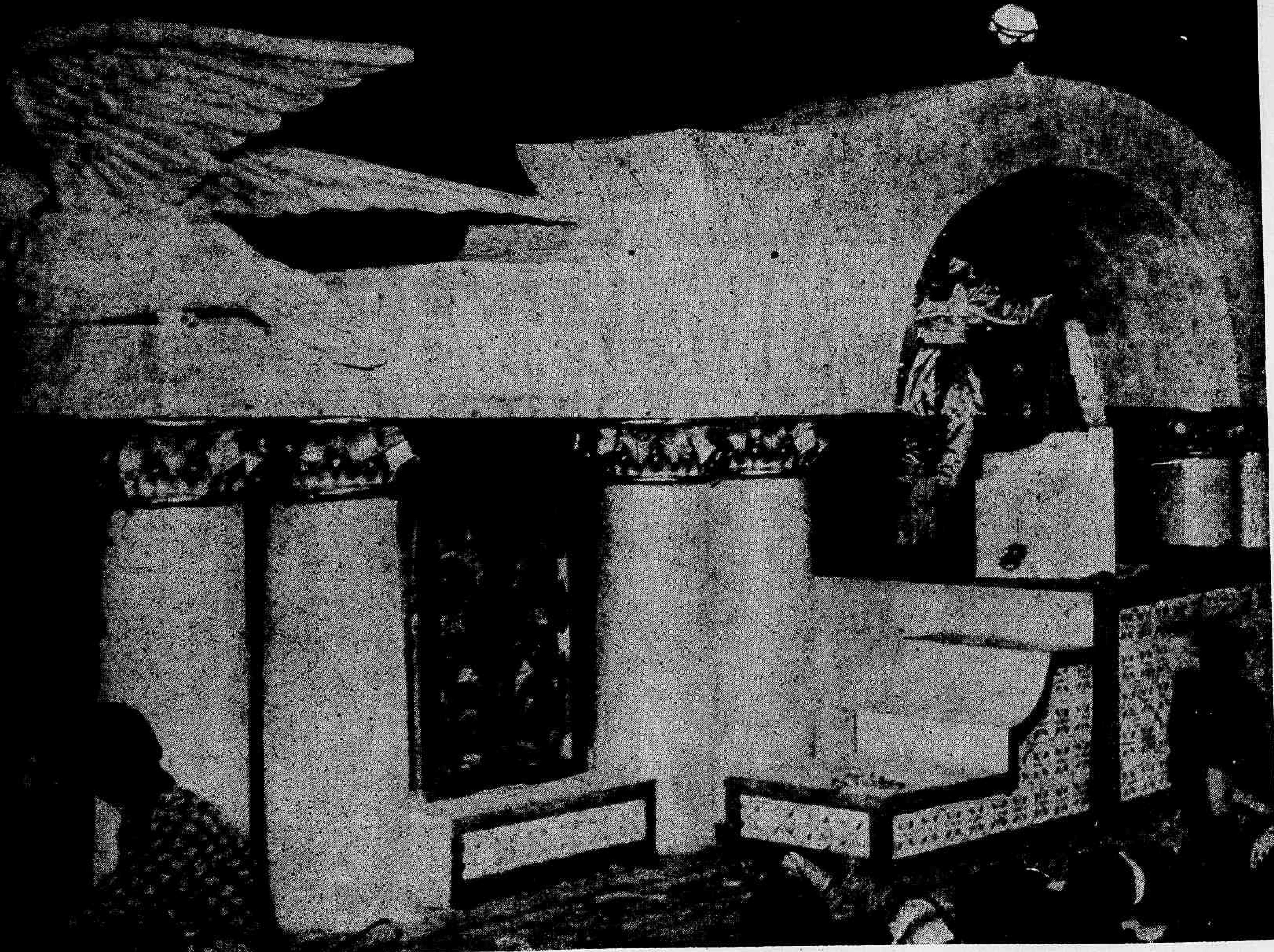
Os "baêtas" entraram na Avenida Rio Branco já na madrugada de quarta-feira de Cinzas, quando uma parte do povo já estava de volta ao lar. Mesmo assim, o cortejo, artisticamente apresentado e muito bem iluminado recebeu fartos aplausos daqueles que de modo algum iriam dormir sem ter visto todos os préstitos. E o último foi o primeiro...



2.º LUGAR — DEMOCRÁTICOS — O préstito do Clube dos Democráticos, o primeiro a desfilar na Avenida Rio Branco, tendo alcançado a segunda colocação, fato êsse que provocou vibrante protesto por parte dessa entidade. No clichê, uma das suas alegorias

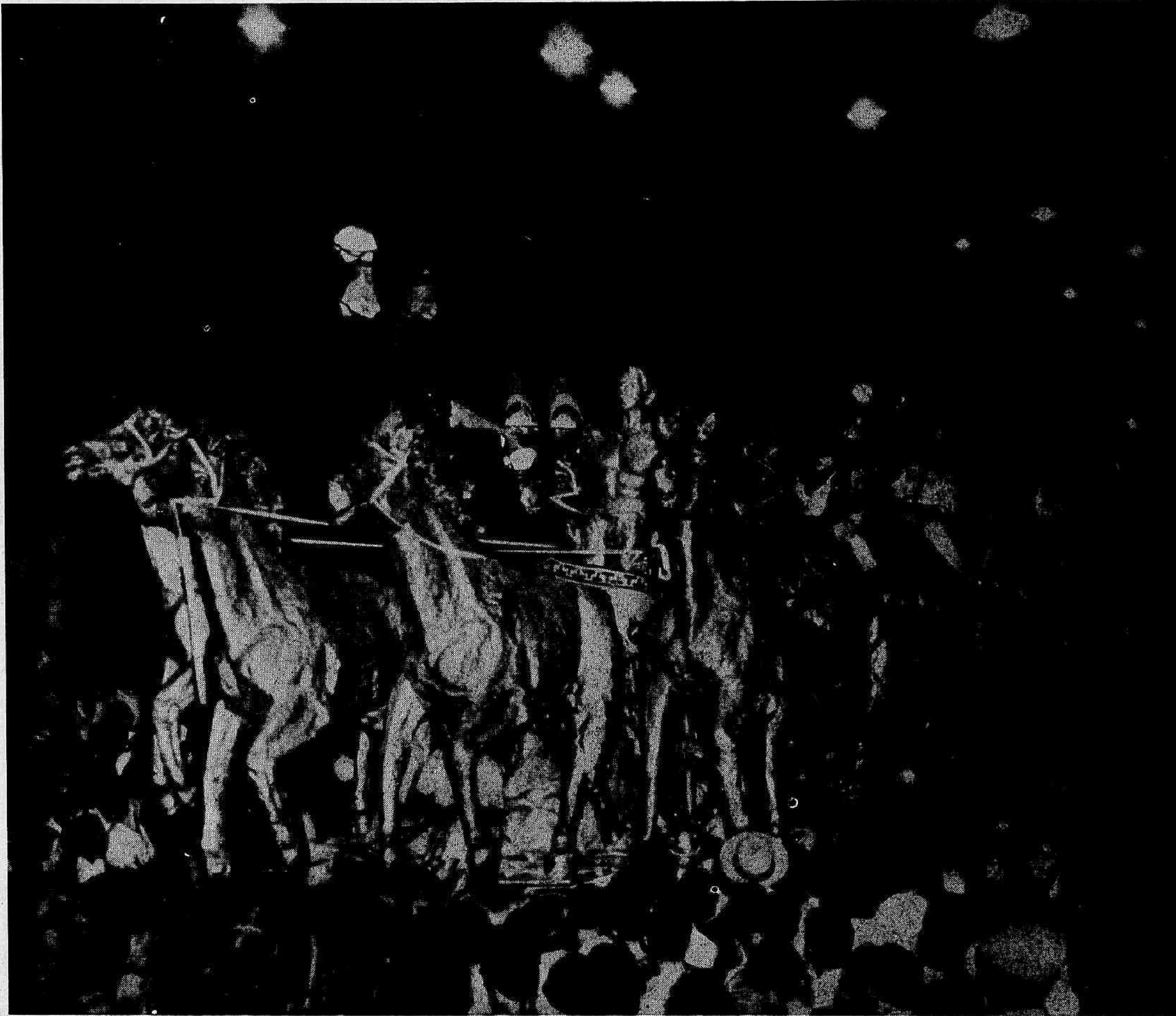


3.º LUGAR — EMBAIXADA DO SOSSÊGO — Êste ano, as chamadas "pequenas sociedades" competiram com as grandes, e conseguiram alcançar situação privilegiada. Isso aconteceu com a Embaixada do Sossêgo, 3.ª colocada, cujo carro-chefe vemos acima

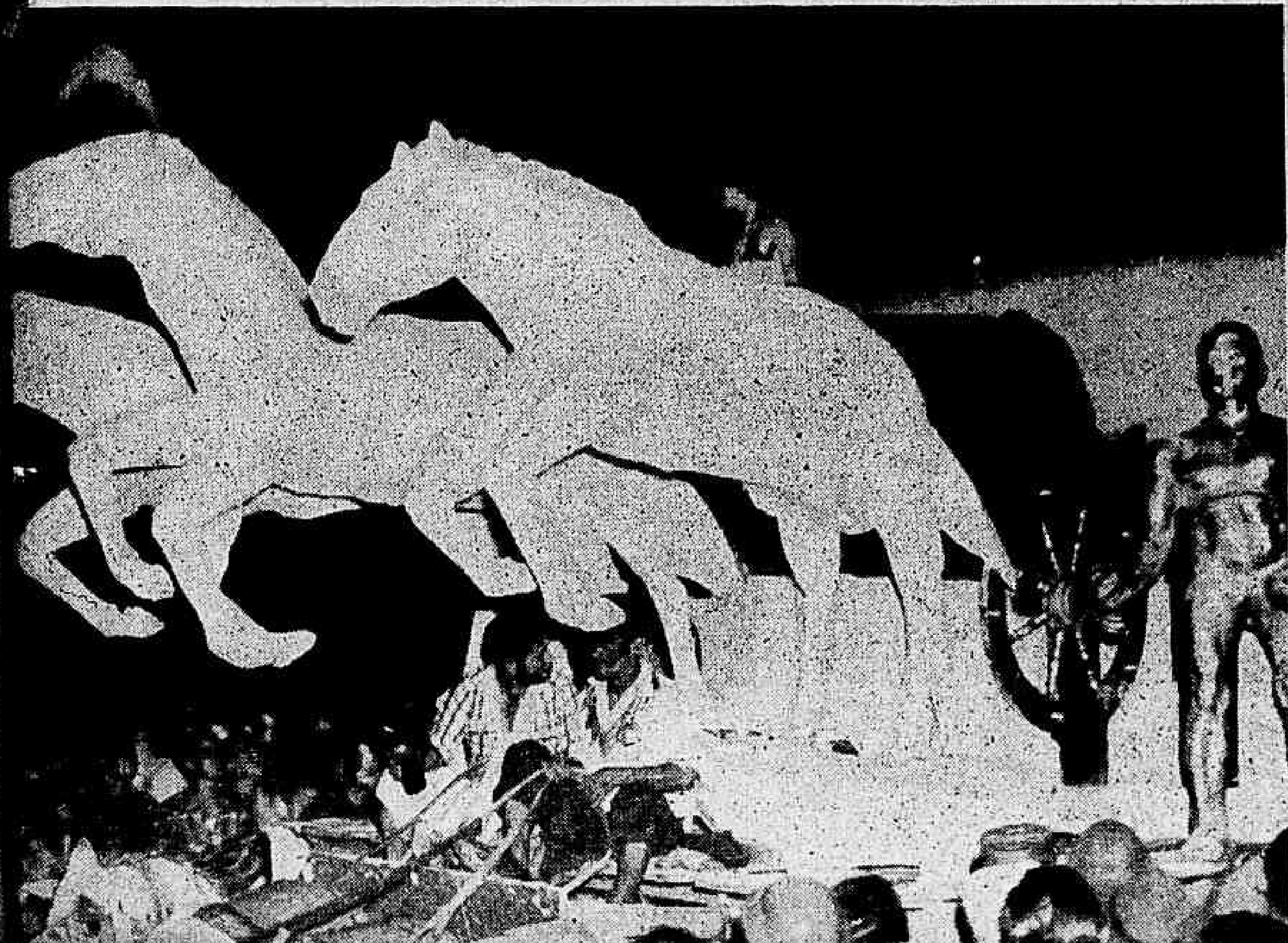


4.º LUGAR — CARIOCAS — A competição entre as sociedades carnavalescas assumiu, em 1950, proporções jamais igualadas. Tanto assim que a classificação determinada pelo Departamento de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, abrangeu sete clubes, cujos desfiles abrilhantaram a tarde e a noite de terça-feira gorda. Entre os préstitos destacou-se o cortejo dos Cariocas que, na competição, conquistou merecidamente, um honroso quarto lugar

5.º LUGAR — FENIANOS — No clichê abaixo vemos o carro-chefe do Clube dos Fenianos, cuja aparição na Avenida se fêz ao anoitecer, arrancando calorosos aplausos do público que se comprimia, em massa. Pela primeira vez no nosso Carnaval, foram abolidos os fogos de bengala para iluminar os préstitos, sendo essa iluminação feita com o auxílio de geradores elétricos. Talvez o efeito resultasse menor, mas não deixou de constituir um progresso



6.º LUGAR — TURUNAS DE MONTE ALEGRE — Pela primeira vez os Turunas de Monte Alegre entraram na grande competição do desfile da terça-feira gorda. E o fizeram de modo a merecer honrosa classificação, pois não foram os "lanterninhas"



7.º LUGAR — PIERROTS DA CAVERNA — Esforçado e apresentando um cortejo equilibrado, embora modesto, o conjunto de alegorias dos Pierrots da Caverna, mereceu prolongados aplausos da grande massa popular. Abaixo, um flagrante do seu préstito







NOS DEMOCRÁTICOS

Os salões da veterana sociedade encheram-se de foliões de ambos os sexos, que nas quatro noites carnavalescas se entregaram à mais esfusiante alegria. Foram outros tantos bailes à fantasia nos quais a nossa reportagem colheu os flagrantes acima e ao lado, uma demonstração da fibra dos "carapicus"

NOS FENIANOS

Apesar da ameaça de proibição dos bailes, êste ano, na sede dos veteranos "gatos", por motivo da questão movida por um hotel das vizinhanças, na rua Álvaro Alvim, os Fenianos souberam render seu culto de devoção a Momo, como se vê na gravura abaixo









NA EMBAIXADA DO SOSSÊGO

Muito "sossegados" como sempre, os "embaixadores" foram outros heróis e foliões ardorosos, porque seus bailes deram a nota. De sábado a terça feira, com rápidos intervalos durante o dia, a turma soube manter-se "em ponto". Sambas e marchas, ao som de estrepitosas fanfarras, alvorôço, e muita animação...

NO BOLA PRETA

Aqui está, na gravura inferior, um flagrante dos bailes no Cordão da Bola Preta, realizados em sua nova sede, no "arranha céu" inacabado da Avenida Treze de Maio, esquina de Evaristo da Veiga. "Bolas" e "Bolinhas" transformaram em verdadeiro pandemônio todo o reduto... e o prédio não caiu...



Os primos de Minas

ESCREVEU Edmundo Lys sôbre o Conde de Prados, mineiro do segundo reinado, que foi médico de tese defendida em França e mestre nos conselhos do Imperador D. Pedro II. E ao ler a crônica de Lys começo a rever as ligações da minha gente, da Paraíba, com o conde de Barbacena, homem de muitas fazendas e de muita sabedoria. E volto aos primos do meu avô, os Hipólito e os Maneco, que vieram, das terras de aluvião, do massapê da várzea, para criarem raízes e fundarem a família dos Lins, Vieira, Melo, Cavalcanti, em montanhas cobertas de café. A presença dêstes nordestinos no solo condicionaria uma espécie de troca de noivas e noivos. As sementes pegaram e, com pouco mais, os paraibanos estavam fazendeiros. O velho dr. Hipólito, bacharel, do Recife, chefiou a prole, com a morte do Conde. E outros paraibanos chegaram. E assim apareceu Henrique Lins, em Santa Sofia, admirável fazenda em Matias Barbosa, para continuar o mando do sogro de sangue nordestino. Mas, para nós meninos dos engenhos, os parentes de Minas se transformaram em donos de reinos encantados. As fazendas nos pareciam de conto de fada. Os que de lá chegavam contavam histórias do arco da velha. O café valia ouro, a casa-grande tinha mais de dois pianos de cauda, havia luz elétrica, água quente nos quartos e moinhos movidos a fôrça de cachoeira. E assim falava-se de Hipólito de Minas, de Henrique de Minas, de Maneco de Minas, para fazer a diferença bem dos outros da terra. E quando Sinhá Velha apareceu pelos engenhos com o marido, em visita, foi um acontecimento geral. Ia-se ver de perto uma prima de Minas. Diziam maravilhas de Sinhá Velha. Sabia francês, alemão, tocava piano como artista, vestia como senhora do Rio de Janeiro.

Tudo se apresentou para as festas. O tio Joca, de Maravalha, mandou ladrilhar o seu velho banheiro de cuia, do seu humilde Maravalha, para que a nora, acostumada com os mármores de Santa Sofia, não escorregasse no lôdo, não estranhasse a pobreza da casa. Era uma neta de conde, embora fôsse filha do primo Hipólito. Todos ficaram na expectativa do grande acontecimento.

E quando Sinhá Velha chegou viram, então, que era como as suas primas de Maravalha. Até o falar, até o moreno, até a beleza dos olhos, não tinham que ver o falar, o moreno, a beleza das moças da várzea. E a mineira tomou conta de todos os corações. O velho Joca teria, apenas, que moderar as suas saídas de velho "pai de chiqueiro", porque entre os primos de Minas não havia velho assim com aquelas desenvolturas de campeiro.

Para que Sinhá Velha de nada soubesse, o terrível João, da tia Nenem, baixou o fogo que só se apagou com a morte.

Vimos uma prima de Minas e não era gente diferente da nossa gente. Sinhá Velha conquistou os engenhos e nunca se arrebitou como as primas do Recife, as sabidonas e lindas filhas do tio dr. João Lins, que falavam francês e botavam nomes de heróis de Victor Hugo nos negrinhos da cozinha. Nada disto. Os primos de Minas não vieram com luxos. Chegaram simples, como o seu povo de cá.

Quarenta anos depois viria de perto os primos de Minas. Lá fui encontrar, em Santa Sofia, os retratos dos velhos do meu povo, nas paredes da sala de visita, nas páginas de albuns de madrepérola e ouro. Vi as maravilhosas velhinhas Sinhá Velha e Isabelinha como se fôssem criaturas do mundo que encheu a minha infância. As sementes paraibanas não caíram em terra sáfara. Santa Sofia renasce, com um novo José Lins, com aquêles olhos azuis do avô de Maravalha. E tanto atuou no seu sangue a fôrça dos ancestrais que mantém, num pé de morro, o seu banguê. E o cheiro de melado enche os ares de Santa Sofia, como nas tardes quentes das moagens dos nossos engenhos.

O Maravalha, humilde e manso, do tio Joca passou-se para a rica e nobre Santa Sofia do conde do Imperador.

J O S É L I N S D O R Ê G O

No próximo número: **continuação da reportagem completa sôbre o**

CARNAVAL CARIOCA

OUTROS PRÉSTITOS ★ OS RANCHOS E CORDÕES ★ BAILES NOS CLUBES SOCIAIS ★ BAILES INFANTIS ★ FLAGRANTES AVULSOS

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Carnaval na Rua 3/6
Orgia de Luzes 9/11
Baile do Municipal 12/15
Rainha do Carnaval 16/17
Baile das Atrizes 18/19
Baile do Rádio 20/21
Que Carnaval! 24/25
Gafieira, a "boite" das empregadinhas (Armando Pacheco) 32/33
No América F. C. 49
No Ginástico 50
No Atlantic 51
No Grajaú — Na A. A. B. B. 52
O Desfile das Sociedades 53/55
Nos Democráticos — Nos Fenianos 56
No Sossêgo — No Bola Preta 57

ATUALIDADES

Saragoça, fortaleza de Franco 28/31

LITERATURA

Uma cara apenas (Yolanda C. R. Lorenzato) 23
O meu estranho caso de amor (Lysa Castro) 27
Semana Literária (Edmundo Lys) 46/47
Os Primos de Minas (José Lins do Rêgo) 58

HUMORISMO

Bom Humor 22
O Solitário (Theo) 26
O Banho (Nicodemus) 34

FEMININAS

Balsaquianas (Lyse) — Verão nas montanhas 35
Conversíveis 56
Modelos variados 37
A elegância do vestido preto 38
Para a noite 39
Week-End na Cozinha 40/41

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista — Personagem da Semana 7
Puxe pelo cérebro 8
A saúde do bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 43
Música (Roberto Lyra Filho) 45

FOLHETIM

Idílio numa ilha deserta 48

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
Indaiassu Leite
A. Vieira Filho
News-Press
Avulsas

ILUSTRAÇÃO: O. Cunha

★

Na capa:
LANA TURNER
(M.G.M.)

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS DO TESTE

1 — Um leão
2 — Govêrno da classe média
3 — 1501
4 — Espécie da busina dos índios
5 — Simão da Cunha Gago
6 — De minas subterrâneas
7 — Explorador e militar português (Alexandre Alberto da Rocha)
8 — Registrar hora, duração e amplitude dos tremores de terra
9 — Uma hora (para menos em Manaus)
10 — Solilóquo
11 — O Mar Morto
12 — Resíduos de ouro ou prata
13 — Coroa de folhas de loureiro
14 — Trintanário
15 — A cadeira número um
16 — Ao Barão de Mauá
17 — 26 de junho de 1887
18 — Vila Ipanema
19 — Vinte e oito
20 — A Pedro II.





Tapetes de pelúcia

TAPETES e PASSADEIRAS

com flores, recebidos da Inglaterra

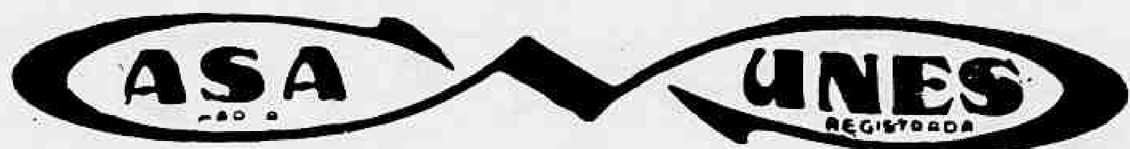


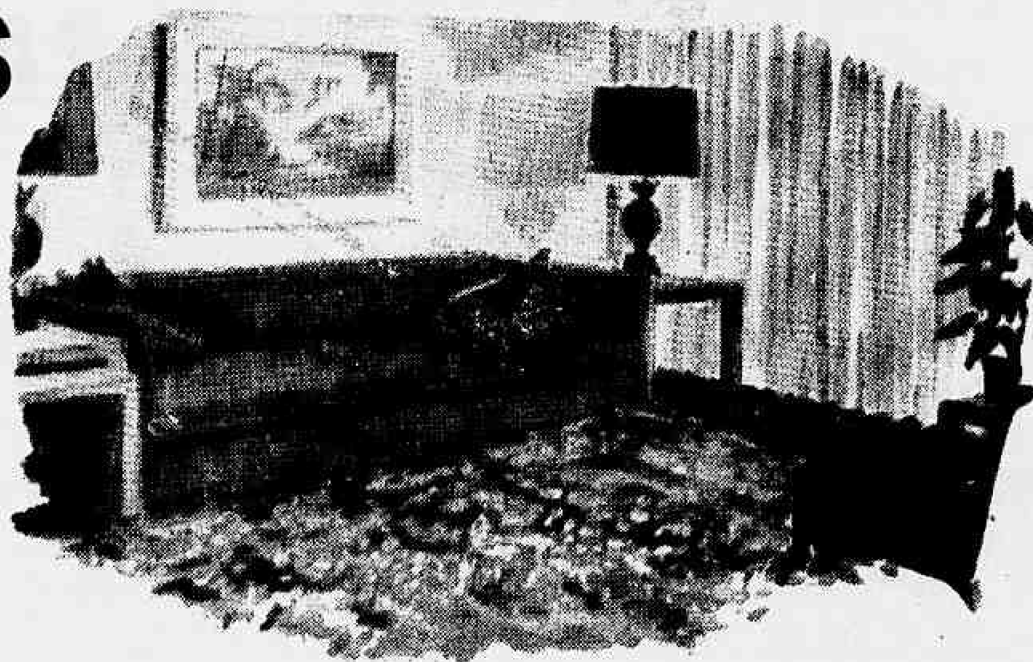
TAPETES E PASSADEIRAS

franceses, tchecos, portuguêses, persas (legítimos) e nacionais, — diretamente das fábricas

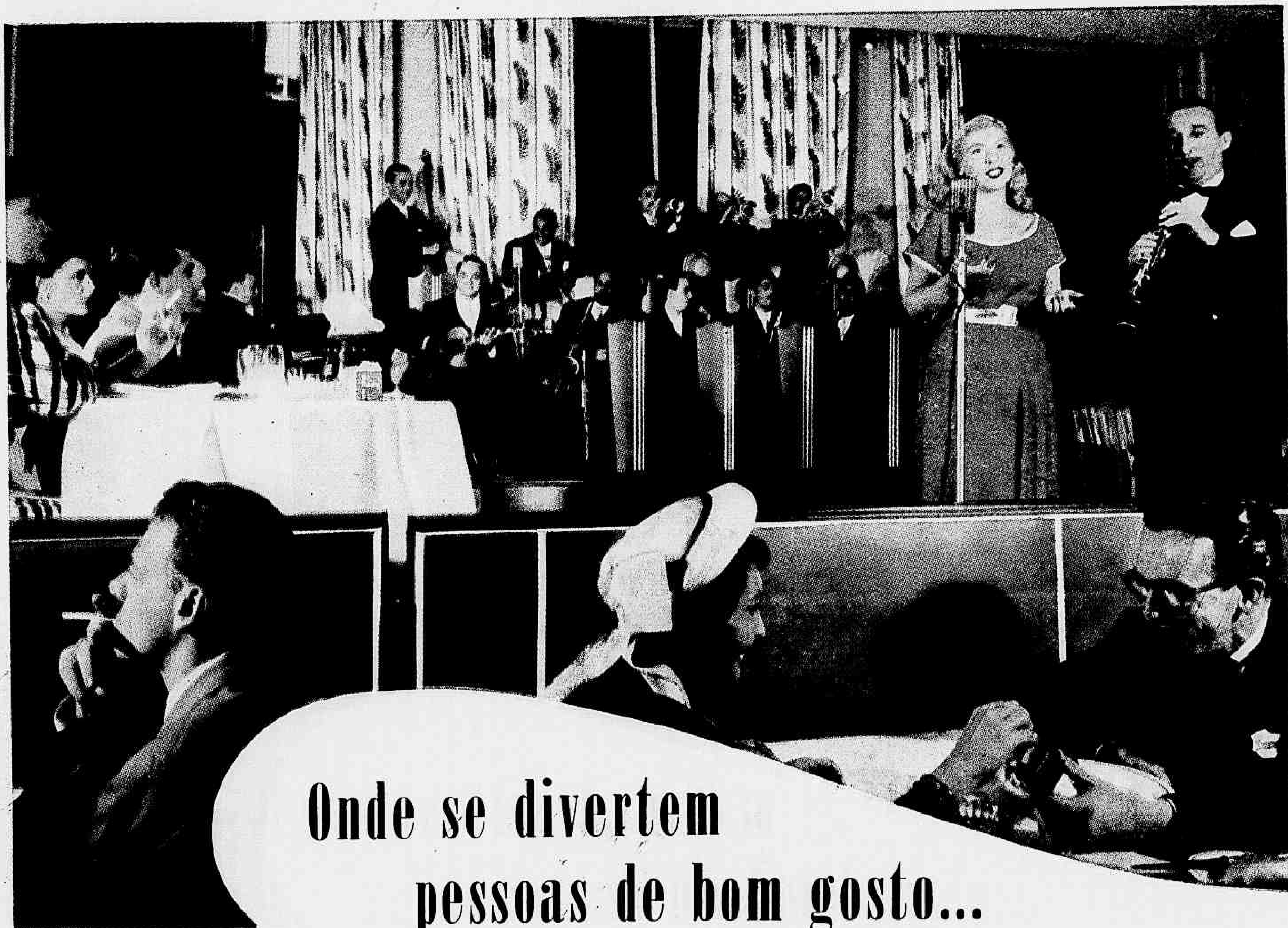


MOBILIÁRIOS ★ DECORAÇÕES
Orçamentos e sugestões GRÁTIS





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnífica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial.., resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



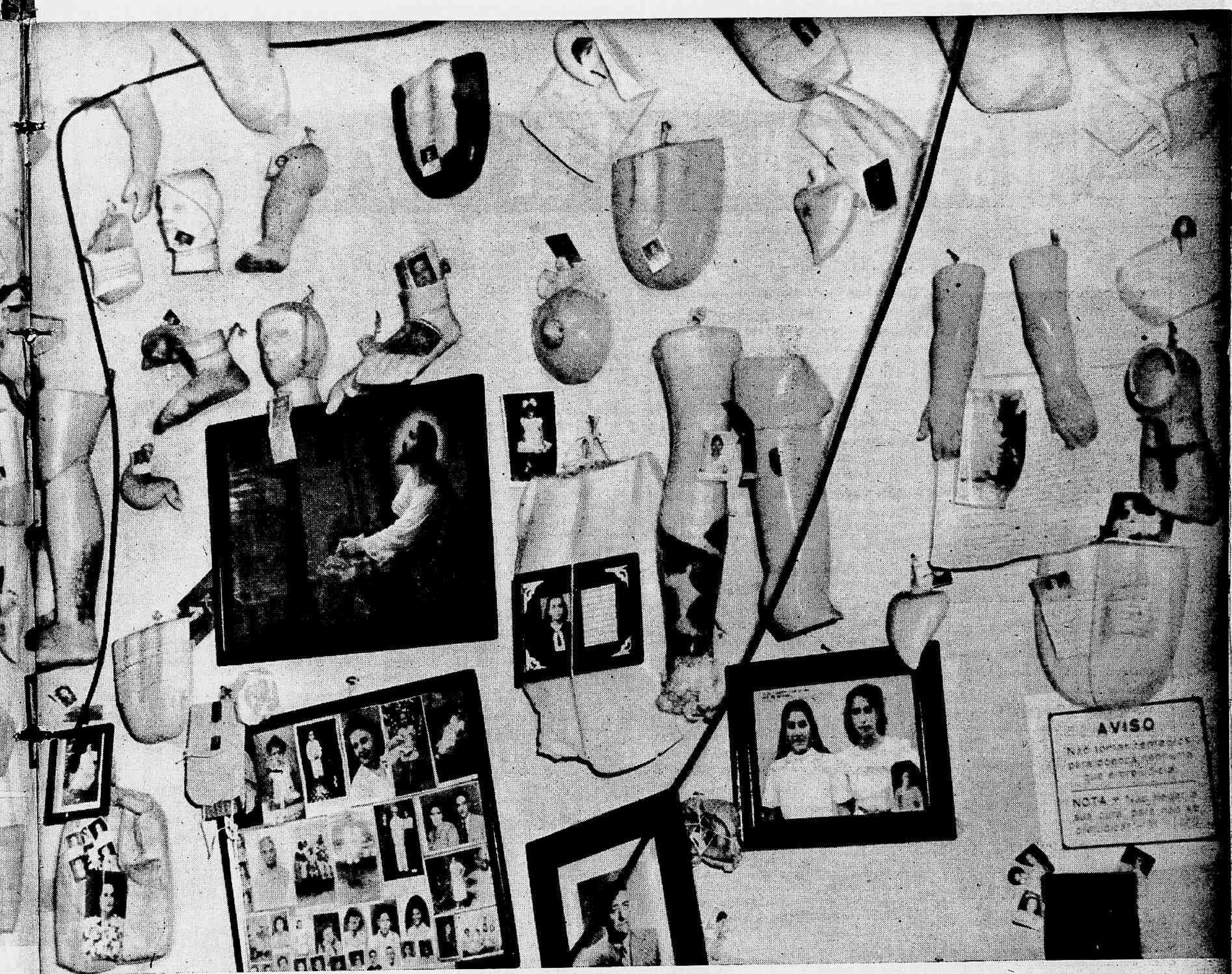
cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88.009-H



trenas montadas num coreto, Mms. Jael e Ariete atendem os doentes. Vê-se ao lado um aviso sôbre os remédios e a necessidade de declarar a cura. Foi há três anos e meio atrás, quando a "santa" de Bonsucesso ainda estava em Recife, que pela primeira vez recebeu a comunicação da "voz", e desde então sua vida sofreu grande modificação. Veio para o Rio

de exercer ilegalmente uma profissão. Perguntei se êles queriam que eu fundasse uma sociedade qualquer, tipo centro espírita, com dois mil e tantos sócios, pagando pontualmente as mensalidades e se reunindo em ambientes que chegam a apavorar as pessoas que os frequentam. As autoridades não sabiam o que me dizer e só me soltaram quando foi paga a exorbitante fiança de doze mil cruzeiros para mim e dois mil e seiscentos para minha filha menor, garantida pelo tutor.

— Como é obtido o dinheiro que recebe dos que frequentam esta casa?

— Não obrigo ninguém a deixar dinheiro. Quem quiser que o faça de vontade própria. Se não derem nada, nem por isso deixarão de ser atendidos. As quantias são empregadas nas despesas que tenho, por exemplo o aluguel da casa.

— Disse antes que a voz é ouvida sòmente pela senhora e por suas duas filhas. Elas possuem o poder de curar?

— As duas podem curar, e o que aconteceu com minha filha mais velha merece ser contado. A voz, da mesma maneira que em outubro passado a mim, ordenou-lhe que saísse do Recife e fôsse curar em Campina Grande. Ela recusou-se. Seria a primeira vez que se afastava da família e absolutamente não queria fazê-lo. A voz advertiu várias vêzes e a menina começou a ficar cega. Mesmo assim não queria sair. Uma noite, atacada pela cegueira mais absoluta, ajoelhamos todos em casa e eu fiz de modo que ela prometesse cumprir o que a voz estava mandando. Minha filha prometeu e imediatamente a visão voltou. Saiu então do Recife e percorreu várias cidades, sempre orientada pela voz. Esteve em Campina Grande, Natal, Fortaleza, Teresina, São Luis do Maranhão e Belém do Pará. Depois voltou para casa.

— A que atribui o fato de a polícia só depois de dois meses de atividades se ter lembrado da senhora?

— Devo isso à imprensa. Fizeram tal "onda" a meu respeito, disseram tantas inverdades e preveniram de tal maneira o espírito das autoridades que essas acabaram por me prender. As próprias pessoas que frequentavam a minha casa é que se encarregaram de protestar, em conjunto, frente à Delegacia de Costumes, contra a minha prisão e pedindo para me soltar.

Pedimos licença para bater algumas fotos e a senhora Jael acedeu, mostrando-nos a saleta onde recebe os doentes. Há uma parede cheia de figuras de cera e outra com muletas de todos os tamanhos. Como ficássemos olhando, a senhora Jael espontâneamente deu-nos uma explicação:

— São ex-votos que eu absolutamente não peço. Os doentes prometem e quando ficam bons as trazem para cá. Eu não posso jogar fora e então penduro por aí mesmo.

Há mais uma espécie de corêto com duas poltronas, onde ficam sentadas a senhora Jael e sua filha Ariete, a terceira pessoa que escutou a voz. E' ali que desfilam os doentes. Há ainda uma mesa cheia de cartas vindas de tôda parte, para demonstrar a "popularidade" da senhora Jael. Em cima, na parede, vários quadros emoldurados com fotografias de pessoas que já foram curadas. Por fim existia também um livro, espécie de arquivo onde eram anotados os casos de cura com todos os pormenores referentes aos doentes. Pedimos para ver. Já não o tem mais; ficou na polícia.

Reparamos numa instalação radiofônica, com microfone e extensão que ia até uma alto-falante, na sala ao lado. Perguntamos o que era.

— Quando uma pessoa fica boa, não o deve negar nem guardar em segrêdo, pois isso a prejudicaria. Assim, passando na minha frente, pega no microfone e conta de que e como foi curada.

Enquanto conversávamos, o fotógrafo batia as chapas. Perguntamos se podia dar a identidade de algumas das pessoas curadas, para provar as curas. A "santa" nem teve tempo de responder. Do lado de fora da casa já se havia formado um pequeno ajuntamento de pessoas que espiavam para dentro pelas janelas baixas. Duas logo tomaram a palavra e começaram a contar seus casos. Um homem falou de um barbeiro. A cura não se tendo verificado com êle, preferimos escutar a senhora que lhe estava perto, carregando uma criança e que insistia em

(Cont. na pág. 45)



Antes ela estendia a mão por cima da parte doente. Hoje não é mais preciso. Uma cliente mostra a perna curada